AMAZÔNIA COMO O TRÁFICO TRANSFORMOU A FLORESTA NA PRINCIPAL ROTA DE EXPORTAÇÃO DE COCAÍNA

Editora ABRIL
edição 2939 - ano 58 - nº 15
11 de abril de 2025



veja

www.veja.com



A MARCHA DA INSENSATEZ

Movimentos erráticos da guerra comercial de Trump desencadeiam reações fortes, com destaque para a da China, geram prejuízos inclusive nos Estados Unidos e põem em debate os riscos de uma recessão global

Refit APRESENTA

FÓRUM veja

Brazil Insights

NEW YORK

O Fórum Brazil Insights NY discutirá as oportunidades e os desafios do Brasil em um cenário global

QUANDO?

13 de maio

ONDE?

Hotel St. Regis

Nova York

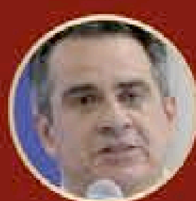
SPEAKERS CONFIRMADOS


Tarcísio de Freitas
Governador de São Paulo


Cláudio Castro
Governador do Rio de Janeiro


Ronaldo Caiado
Governador de Goiás


Luís Roberto Barroso
Presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil


Ciro Nogueira
Senador


Simone Tebet
Senadora


Hugo Motta
Deputado Federal do Brasil


Wesley Batista
Acionista Controlador e Conselheiro da J&F e da JBS


Fernando Honorato
Chief Economist do Bradesco

PATROCÍNIO





APOIO



ACOMPANHE A COBERTURA DO EVENTO NOS CANAIS DIGITAIS DE VEJA

/vejanoinsta /veja /veja-com

14th LIDE BRAZIL INVESTMENT FORUM

NEW YORK – USA

13 DE MAIO DE 2025

HARVARD CLUB
NEW YORK, NY

LOTAÇÃO ESGOTADA

PATROCÍNIO

aegea ambipar cosan VALE
EGTC Engetec Infra GERDAU GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO HAYMAN-WOODWARD
PAPER EXCELLENCE PREFEITURA RIO INVEST.Rio EDAN Finance Group WALD ANTUNES VITA BLATTNER

APOIO

Attend Ambiental caesb CEB CUTRALE JHSF
Marfrig brf NSI BARUERI TECNOBANK

MÍDIA PARTNERS

Correio Braziliense JP Grupo Jovem Pan JP News
veja Revista LIDE TV LIDE

APOIO INSTITUCIONAL

BRAZILIAN AMERICAN CHAMBER OF COMMERCE, INC.

OPERADORA OFICIAL

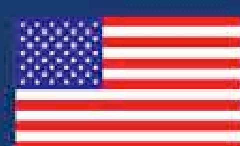
Maringá Turismo

TRANSPORTADORAS OFICIAIS

American Airlines UNITED

INICIATIVA

LIDE

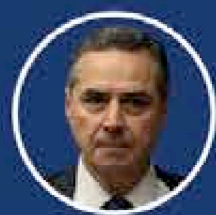

LIDE NOVA YORK

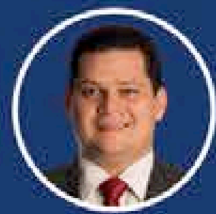
INFORMAÇÕES



KEYNOTE SPEAKERS


MICHEL TEMER
PRESIDENTE DO BRASIL
(2016-2018)


LUIS ROBERTO BARROSO
PRESIDENTE E MINISTRO DO SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL - STF


DAVI ALCOLUMBRE
SENADOR
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL


HUGO MOTTA
DEPUTADO FEDERAL
PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS


PAULO GONET
PROCURADOR-GERAL
DA REPÚBLICA


VITAL DO RÊGO FILHO
PRESIDENTE DO TRIBUNAL
DE CONTAS DA UNIÃO - TCU


GILMAR MENDES
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL - STF


ARTHUR LIRA
DEPUTADO FEDERAL
PRESIDENTE DA CÂMARA DOS
DEPUTADOS (2021–2025)

GUEST SPEAKERS


TARCÍSIO DE FREITAS
GOVERNADOR
DE SÃO PAULO

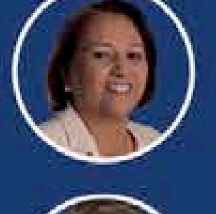

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR
DO RIO DE JANEIRO

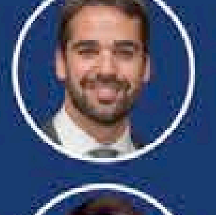

RATINHO JR.
GOVERNADOR
DO PARANÁ

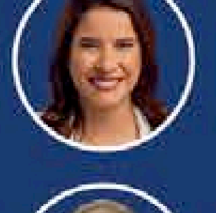

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR
DO PARÁ


RONALDO CAIADO
GOVERNADOR
DE GOIÁS


MAURO MENDES
GOVERNADOR
DO MATO GROSSO


FÁTIMA BEZERRA
GOVERNADORA
DO RIO GRANDE DO NORTE


EDUARDO LEITE
GOVERNADOR
DO RIO GRANDE DO SUL


RAQUEL LYRA
GOVERNADORA
DE PERNAMBUCO


RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR
DO ESPÍRITO SANTO


RAFAEL FONTELES
GOVERNADOR
DO PIAUÍ

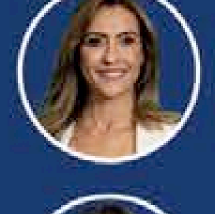

IBANEIS ROCHA
GOVERNADOR
DO DISTRITO FEDERAL

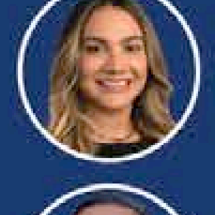

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR
DO ACRE


JORGINHO MELLO
GOVERNADOR
DE SANTA CATARINA


MATEUS SIMÕES
VICE-GOVERNADOR
DE MINAS GERAIS


NELSINHO TRAD
SENADOR
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES E DEFESA NACIONAL DO
SENADO FEDERAL


SORAYA THRONICKE
SENADORA


ANA PAULA LOBATO
SENADORA


AGUINALDO RIBEIRO
DEPUTADO FEDERAL


ARNALDO JARDIM
DEPUTADO FEDERAL

SPECIAL SPEAKERS


ILAN GOLDFAJN
PRESIDENTE DO BID - BANCO
INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL DO BRASIL
(2016- 2019)


ROBERTO AZEVEDO
PRESIDENTE GLOBAL
DE OPERAÇÕES DA AMBIPAR
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO
MUNDIAL DO COMÉRCIO - OMC (2017-2020)


HENRIQUE MEIRELLES
CO-CHAIRMAN DO LIDE
MINISTRO DA FAZENDA (2016-2018)
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL (2003-2011)
SECRETÁRIO DA FAZENDA DE SÃO PAULO (2019-2022)


ADALNIO GANEM
EMBAIXADOR E CÔNSUL-GERAL
DO BRASIL EM NOVA YORK


WILLIAM LANDERS
PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO
BRASIL - ESTADOS UNIDOS


PAULO GALA
PROFESSOR DA ESCOLA DE ECONOMIA
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO
VARGAS - FGV



ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

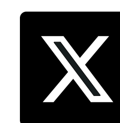
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Anita de Lucena Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom


Instagram: @vejanoinsta


X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 939 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 15. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001






www.grupoabril.com.br

BRUNO KELLY



TRÍPLICE FRONTEIRA A cidade de Letícia, na Colômbia: forças policiais insuficientes diante do poderio do narcotráfico

NA ZONA DO PERIGO

A IMENSIDÃO do território da Amazônia e a debilidade do sistema de segurança transformaram a fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru na principal rota de passagem da cocaína que tem a Europa como destino principal. Estima-se que pelo menos 430 toneladas de droga cruzem os rios da região até os principais portos todos os anos antes de

chegar a outros países. Explorado pelos maiores cartéis do Hemisfério Sul, o negócio envolve bilhões de dólares, movimenta toda uma estratosfera de crimes conexos e conta com a parceria de facções nacionais.

Seguindo a tradição de VEJA de realizar grandes coberturas jornalísticas, mesmo em alguns dos lugares mais perigosos do planeta, uma equipe da revista esteve nas cidades de Tabatinga, Letícia, Atalaia do Norte e Benjamin Constant, na região dessa tríplice fronteira. Também visitou comunidades ribeirinhas que, desassistidas pelos governos, veem jovens serem aliciados por traficantes, e acompanhou patrulhas de um pelotão do Exército. Os militares e as forças policiais são responsáveis por vigiar uma área de 4 600 quilômetros de extensão. “Há restrições absurdas de pessoal, munição e até combustível para a realização de operações”, conta a editora Laryssa Borges na reportagem “Amazônia dominada” desta edição.

Nessas condições, é uma dura e perigosa missão tentar reprimir facções como o Comando Vermelho, que detém o monopólio do transporte das chamadas “hidrovias do crime”. Na madrugada de 27 de março, por exemplo, Laryssa estava numa palafita onde funciona um dos postos de vigilância da Funai no Vale do Javari quando o alarme foi acionado. Um pequeno barco se aproximava na escuridão. O sentinela disparou dois tiros de advertência na água e apontou um holofote na direção da embarcação. Enquanto isso, todo o efetivo do

SELVA Laryssa Borges: sobrevoo e viagem pela "hidrovia do crime", controlada pelo Comando Vermelho





FOTOS BRUNO KELLY

posto, cerca de vinte guardas, correu e se postou às margens em posição de combate.

Alarme falso, felizmente. Eram funcionários da Funai em deslocamento. E felizmente porque não é difícil imaginar o que poderia ter acontecido se fosse um dos barcos pertencentes ao narcotráfico, quase sempre blindados e escoltados por pistoleiros. As paredes da palafita cravejadas de bala mostram o que costuma acontecer nesses confrontos. A situação da tríplice fronteira chegou ao nível de altíssima gravidade. É um desafio de segurança que precisa ser enfrentado com urgência pelas autoridades. ■

DM9

JHSF

SURPREENDENTE

FASANO LAS PIEDRAS.
O EMPREENDIMENTO MAIS COMPLETO
DE PUNTA DEL ESTE.



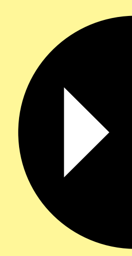
SAIBA MAIS
SOBRE A JHSF


STM/DIVULGAÇÃO

A LEI VALE PARA TODOS

Primeira mulher a presidir o STM afirma que Bolsonaro pode perder a patente de capitão do Exército e diz que está preparada para enfrentar pressões na hora de julgar militares

MATHEUS LEITÃO



SIM, Jair Bolsonaro pode perder a patente e o salário de capitão do Exército, mesmo sendo um militar reformado. Quem faz a afirmação é a ministra Maria Elizabeth Rocha, que hoje preside o Superior Tribunal Militar (STM). O evento que abalará as placas tectônicas da política brasileira acontecerá se o ex-presidente for condenado no Supremo Tribunal Federal a mais de dois anos de prisão na acusação de trama golpista. Nesse caso, sentará também no banco dos réus no STM e pode ser considerado indigno para o oficialato. O mesmo risco ameaça generais, coronéis e pelo menos um almirante. Se Bolsonaro for julgado pelo STM, enfrentará o segundo o processo na Justiça militar. No primeiro, a Corte o livrou da condenação no plano de explodir bombas em quartéis no Rio de Janeiro, em episódio revelado por VEJA. "Importante mostrar para a sociedade que ninguém está acima da lei", diz Maria Elizabeth, de 65 anos, mineira de Belo Horizonte, feminista e única mulher a presidir a Corte em 217 anos. Na entrevista, a primeira concedida após a sua posse, em março, ela analisa o simbolismo de o país levar ao banco dos réus militares acusados de um golpe e fala sobre os riscos à democracia.

Bolsonaro pode mesmo perder a patente de capitão no STM? Ele poderá perder a patente de capitão. Já foi recebida a denúncia. Se ele vier a ser condenado e a sentença transitar em julgado no STF, a depender do quantitativo da pena que vai ser aplicada, ele será julgado também no STM

e poderá vir a perder o posto, a patente para oficialato e os proventos, se o tribunal entender plausível.

Há alguma chance de Bolsonaro e outros réus não serem julgados no STM? Todos nós declinamos o foro para o Supremo Tribunal e ninguém aqui, em momento nenhum, apreciou qualquer ato do 8 de Janeiro por entender que não era a jurisdição correta. Mas, nesse caso da trama golpista, muito provavelmente os militares serão julgados no STM. Quando as penas são superiores a dois anos, cabe representação de indignidade e de incompatibilidade para com o oficialato. Por isso, provavelmente serão julgados também neste tribunal.

Considera que ocorreram crimes militares nas ações que culminaram no 8 de Janeiro? Sobre os atos perpetrados no

"Ter militares de alta patente no banco dos réus é algo simbólico para o país. Ninguém está acima da lei. O fato de vestir uma farda não exonera essa pessoa dos compromissos de cidadania"

8 de Janeiro e os desdobramentos que os antecederam, por certo eu vislumbro a existência do cometimento de eventuais crimes militares, não só pela condição dos agentes perpetradores — militares da ativa e da reserva —, como em razão de o acampamento em frente ao QG do Exército ser um local sob administração militar, o que em tese atrairia a competência da Justiça Militar da União.

Alguns dos réus, como Walter Braga Netto e Paulo Sérgio Nogueira, têm influência na ativa ainda hoje. O general Paulo Sérgio era comandante do Exército três anos atrás. A condenação deles pode provocar insatisfação nas tropas? Pode até provocar insatisfação, mas essas insatisfações vão ter que ser absorvidas. Afinal de contas, a democracia é justamente o ajustamento dos dissensos e consensos. Então, eu até acredito que vá provocar insatisfações. O fato é: porque vai provocar insatisfações, não se condena?

O STM poderá sofrer algum tipo de pressão das Forças Armadas durante esse eventual processo? Não tenho dúvida de que serão feitos os lobbies, que serão feitas as interlocuções no STM, mas, veja bem, os nossos dez militares da Corte são agregados. Eles não fazem mais parte do alto-comando. Então, não têm mais influência nem gerência sobre a tropa — isso é importante —, e, consequentemente, nem os comandantes das Forças têm gerência sobre eles.

Qual será o impacto político de uma possível condenação do ex-presidente? Politicamente isso terá um significado muito forte no Brasil. Não só *(a condenação)* do presidente em si, mas dos generais. Porque nesses dezoito anos de Corte não me lembro de nenhum julgamento semelhante. Isso é muito simbólico, porque é importante mostrar para a sociedade que ninguém está acima da lei. E que o fato de vestirem fardas não os exonera dos compromissos de cidadania que todos nós temos o dever de zelar. Do militar se exige, por estar investido das armas da nação, por ser armado pelo Estado, uma série de restrições dos seus direitos fundamentais para o bem do Estado democrático e a preservação do bem-estar da sociedade civil, que é desarmada e vulnerável. Então, é necessário que se avalie, dentro dessa conduta, se houve um mau ferimento do *éthos* militar, da honra militar, daquilo que eles gostam tanto de falar, de um honor militar. Se realmente for verificado, o militar precisa ser punido.

Conforme mostram as investigações, discutiu-se o artigo 142 da Constituição e o seu uso para sugerir as Forças Armadas como poder moderador. Ele permite mesmo esse papel? Absolutamente, não. Esse papel não se coaduna com o Estado democrático de direito inaugurado com a Carta de 1988. A despeito de o artigo 142 ter sido um dispositivo inserto na Constituição por iniciativa do então ministro Leônidas Pires Gonçalves, que se articulou durante

os trabalhos para aprovar a redação atual, que menciona defesa da Pátria, garantia dos poderes constituídos e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem, resta evidente para o hermeneuta do direito que ele está a se referir aos poderes constitucionais. Até porque os códigos devem ser interpretados em conjunto com os demais articulados e princípios que eles contêm, e não isoladamente.

Quais lições precisam ser aprendidas a partir do atual julgamento sobre a tentativa de golpe? A história tem que servir de lição. Fico muito assombrada quando vejo as pessoas pedindo a volta da ditadura. Quem pede isso é porque não sabe o horror que era, não sabe o que é ter medo do Estado. Não tem nada pior do que ter o Estado como inimigo invisível porque ele é um algoz de que você não pode se defender. Ele é terrível. Você não sabe o que fazer diante dele. Pode te capturar em qualquer momento, qualquer um pode ser um inimigo. É assustador, apavorante você temer o Estado. O Estado não pode ter esse papel dentro de uma sociedade democrática. Tem que acolher e não refugar as pessoas.

A democracia ainda corre riscos no Brasil? A democracia é um processo inacabado, e ela tem que ser realmente burilada, aprimorada, cultivada, observada, vigiada, para que não pereça. Sou filha de um comunista. Meu pai foi fundador do PDT em Minas Gerais, sempre foi um homem que advogou em favor das liberdades. Foi advogado do Tancredo Neves, em Mi-

nas Gerais. Quando o presidente morreu, eu estava lá no Palácio da Liberdade, junto com todos os mineiros, atordoada.

A história do Brasil é marcada por rupturas ou tentativas de ruptura. Somos um país que tem inclinação para o golpe? O Brasil não é um país golpista, mas é um país que não conhece o liberalismo da forma como deveria. O Brasil, lamentavelmente, tem surtos liberalizantes, tem episódios institucionais corretos, legítimos, e outros nem tanto. Temos uma tradição autoritária. Não significa que essa tradição tenha necessariamente que ser a do golpismo. E isso o 8 de Janeiro deixou bem claro. O passado ainda é vivo.

O processo de redemocratização foi falho? Acho que não, mas ainda está se aperfeiçoando. Eu não tenho dúvidas de que as Constituições são projetos inacabados, que articulam com o

"No Brasil, que tem uma tradição autoritária, a democracia é um processo inacabado. Ela tem que ser burilada, cultivada, observada e vigiada para que não pereça"

pretérito, o presente e a posteridade e que se aperfeiçoam ao longo da história. O Brasil de hoje é conjunturalmente diverso do Brasil do passado. Em mais de uma manifestação oficial do atual comandante do Exército, general Tomás Paiva, ele defendeu a liberdade, a democracia e a independência dos Poderes.

O Brasil fez certo ao criar a Lei da Anistia, que perdoou crimes políticos cometidos entre 1961 e 1979? Sempre entendi que a Lei de Anistia se contrapunha aos princípios da Constituição Cidadã, de 1988. Acho que o Supremo da época buscou uma solução de conciliação e ofereceu aquilo que era possível oferecer, como a nossa Comissão da Verdade, que também não reconciliou, mas ofereceu aquilo que era possível. Agora o Supremo está tendo a possibilidade de rever não apenas os crimes dos desaparecidos como crimes continuados, tese antiga e que não é uma tese inusitada que o ministro Flávio Dino criou. O Ministério Público Militar já falava disso. Mas também falava da tortura. Se o Supremo quer manter o seu entendimento de 2010, que entenda então que houve uma revogação dos tratados internacionais de direitos humanos que são internalizados pelo Brasil e que determinam o julgamento.

A gestão Jair Bolsonaro levou ao governo um número inédito de militares. Essa politização da tropa é um movimento sem volta? Não, pelo contrário. Vejo o retorno deles aos quartéis. Porque quer falemos em militarização da política ou em politização dos militares ao tratar do governo passado, ambas

foram perniciosas na medida em que, quando a política entra nos quartéis, a disciplina e a hierarquia ficam abaladas.

A senhora se definiu como feminista na primeira frase do seu discurso de posse. Isso foi bem recebido entre os colegas da Justiça Militar? A Justiça Militar está dividida como o Brasil. Eu fui eleita por um voto de diferença: o meu. Tenho consciência de que terei embates internos. Faz parte da administração de uma corte de Justiça e eu estou preparada para enfrentá-los. A magistratura ainda é um ambiente muito patriarcalista, misógino e sexista. E, nesse sentido, nós, mulheres, temos que vencer um leão por dia para conseguirmos incluir as nossas vontades, as nossas determinações.

Que legado gostaria de deixar? Ser a primeira mulher é muito importante pra mim, mas o mais importante que eu quero deixar aqui como legado jurisprudencial são as minhas decisões. Quero ser lembrada como uma garantista, como uma pessoa que respeitou as liberdades, que defendeu o Estado democrático, que defendeu as alteridades e as diferenças. Porque eu tenho pra mim que quando forem nos examinar e pensar em nós, daqui a 200 anos, vão pensar em como éramos bárbaros. Como as penas eram cruéis, como as penas eram horrorosas, como é que se pensava em ressocializar alguém com penas assim. Então, quero ser vista como uma juíza que trabalhou e que cumpriu o seu papel na história, como magistrada e como cidadã. ■

A MENSAGEM DO SOFRIMENTO



A CENA foi comovente. Depois de 38 dias internado no hospital Gemelli, em Roma, e catorze dias depois da alta, **no domingo 6, o papa Francisco finalmente apareceu diante dos fiéis na Praça de São Pedro, no Vaticano.** Estava numa cadeira de rodas e com cânulas nasais para respiração assistida. "Bom domingo a todos, muito obrigado", disse, de voz baixa e ofegante.

VATICAN MEDIA/AFP

Depois, nas redes sociais, em comunicado oficial, deu um passo adiante: "Convosco, queridos irmãos e irmãs doentes, neste momento da minha vida, compartilho muito: a experiência da enfermidade, de me sentir frágil, de depender dos outros em tantas coisas, de precisar de apoio". Aos 88 anos — depois de tratar uma pneumonia dupla, de ter feito uma transfusão sanguínea e ser obrigado a controlar um quadro de insuficiência renal —, inicia uma nova etapa do papado, em mensagem que não pode ser desdenhada: a Igreja Católica será liderada, a partir de agora, por uma sumidade sofredora, em contraste marcante com chefes de Estado que fazem da força física um atributo, como Vladimir Putin e Javier Milei, e mesmo Donald Trump, que se vangloriou de ter saído firme e forte de um atentado durante a campanha. No período da Quaresma, antessala da Páscoa, Francisco passou um poderoso recado: o da autoridade que abraça sua própria fragilidade e vulnerabilidade. É aceno a um dos pilares do catolicismo, o sofrimento como forma de reconhecer a supremacia de Deus sobre todas as coisas. ■

Fábio Altman

“TRAZEMOS UM OLHAR NOVO”

O diretor de *Vale Tudo* fala sobre o desafio de se equilibrar entre a reverência ao passado e a adaptação ao Brasil do presente no remake da Globo e opina sobre a fuga do público dos folhetins



EM AÇÃO Silvestrini dirige Debora Bloch como Odete Roitman: “O povo brasileiro é um parceiro”

FOTOS LUCAS TEIXEIRA/TV GLOBO; ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

Como dirigir um remake de *Vale Tudo,* uma novela que marcou tanto a memória afetiva do Brasil nos anos 1980? Eu queria muito contemplar o público que não viu e o público que viu. Então, procurei fazer uma novela nova, mas que quem assistisse e tivesse visto a original pudesse sentir que ela ainda estava lá de alguma maneira. Não tratamos as questões da mesma forma, mesmo aquelas que se mantiveram iguais nesses 37 anos — a maneira como as olhamos hoje é diferente de como víamos as pautas da sociedade de 1988. Muito foi ressignificado e coisas novas surgiram. Quisemos trazer um olhar novo, um olhar contemporâneo para tudo que mostramos na novela.

Não é uma ideia temerária fazer um remake de um sucesso do tamanho de *Vale Tudo*? Tem uma coisa que eu costumo falar sobre um clássico, que é: clássico é aquela coisa que sempre que você lê ou vê, ele faz sentido. Eu queria muito que as pessoas olhassem para essa novela e tivessem essa impressão. Que mesmo quem já viu olhasse e falasse: "Pô, tô vendo essa novela agora". Ao mesmo tempo, queria que tivessem no coração esse quentinho de "conheço isso".

Como procurou traduzir isso na tela? Eu fiz *Vale Tudo* com muita atenção às características que tornaram esse gênero uma coisa tão querida e tão importante para o brasileiro. Por isso fiz dela

uma novela no melhor sentido. Não queria que tivesse cara de série, não queria que tivesse cara de filme. E são sessenta anos de TV Globo, nossa primeira novela foi feita em 1965. Eu queria muito que a gente de alguma forma celebrasse o que a Globo faz melhor.

Algumas tramas recentes da Globo foram criticadas justamente por tentar imitar as séries americanas. Hoje ainda é possível fazer uma novela sem medo de ser novela? Eu não tenho medo de fazer novela: tenho orgulho, porque não existe um produto de dramaturgia audiovisual tão identificável com o brasileiro. A identidade do brasileiro passa pelas novelas da Globo, com certeza.

E a perda do público das novelas nos últimos tempos, como afetou seu trabalho? A gente valoriza o público que tiver, porque eu considero o povo brasileiro um parceiro. Sempre que faço uma cena de *Vale Tudo*, eu faço pensando de que maneira o povo brasileiro vai respeitar, vai receber isso.

Qual a forma de buscar essa conexão? Procuro fazer respeitosamente, atento às sutilezas, aos detalhes, às delicadezas que são caras e importantes para o público, para quem recebe nosso trabalho na sala da casa deles. Sou um pouco entusiasmado, porque estou encantado com isso que a gente faz aqui. ■

Kelly Miyashiro

JHSF
SURPREENDENTE

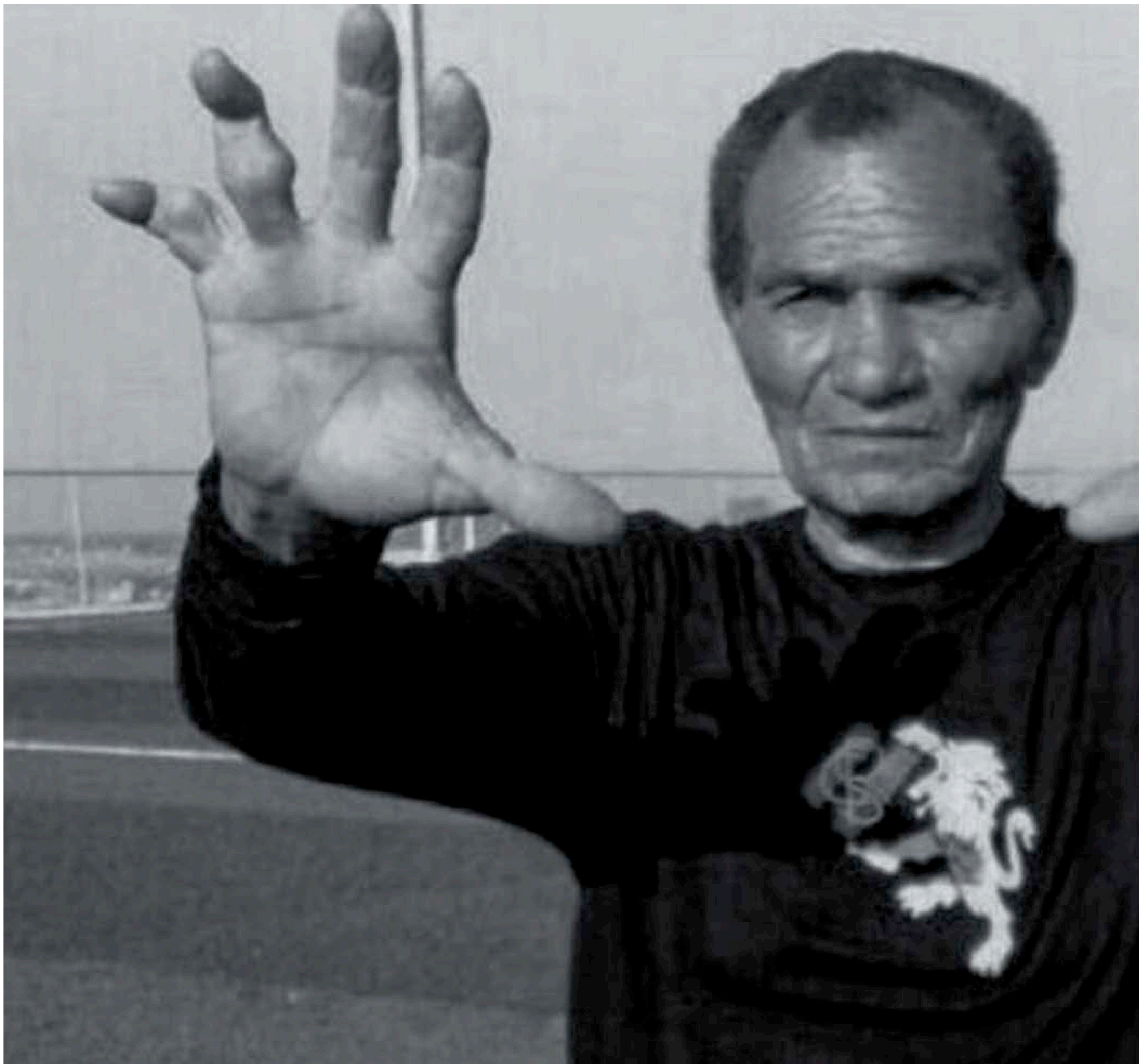
BOA VISTA VILLAGE.
O EMPREENDIMENTO ÚNICO
COM AMENITIES INÉDITOS
E A EXCELÊNCIA JHSF.



SAIBA MAIS
SOBRE A JHSF

DM9

SCR/DIVULGAÇÃO



LUVAS, PARA QUÊ?

Os dedos tortos eram a marca registrada do goleiro pernambucano **Manga,** um dos grandes ídolos do Botafogo, time pelo qual conquistou os bicampeonatos cariocas de 1961 e 1962 e de 1967 e 1968. Ele não usava luvas, por achá-las incômodas. Era a garantia debaixo do travessão de uma equipe de ataque


TRANQUILIDADE NA META Manga: ídolo do Botafogo e do Internacional

fenomenal, com Garrincha, Quarentinha, Amarildo e Zagallo. Nos anos 1970, brilhou também pelo Internacional de Falcão e cia, bicampeão brasileiro de 1975 e 1976. Fora do Brasil, atuou pelo Nacional do Uruguai, campeão da Libertadores de 1971. Na seleção brasileira, contudo, teve passagem historicamente apagada — titular da Copa do Mundo de 1966, na qual a canarinho foi eliminada ainda na fase de grupos, falhou nos três gols na derrota por 3 a 1 para o Portugal de Eusébio. Frasista incorrigível, sempre irônico, brincava com as dores e temores de sua posição. “Eu não gostava de barreira. Mandava abrir. Tinha problema no vestiário depois. ‘Manga, por que não coloca barreira?’ Eu dizia: ‘Não, eu sou o responsável’.” Em sua homenagem, 26 de abril, data de seu nascimento, virou o “dia do goleiro”. Morreu em 8 de abril, aos 87 anos. O velório foi realizado no Salão Nobre de General Severiano, sede do clube carioca da estrela solitária.

O PADRE ABUSADOR

Arcebispo de Newarke depois, de Washington, **Theodore McCarrick** foi um dos cardeais americanos de maior projeção internacional, influente na arrecadação de fundos dos Estados Unidos para a Santa Sé. Em 2019, contudo, depois de extensa investigação por abuso sexual contra menores, ele seria expulso da Igreja Católica pelo papa Francisco. Com a destituição — na punição mais grave de um clérigo dentro dos cânones católicos —, ele foi despojado de todos os seus direitos e prerrogativas como sacerdote, incluído o direito de rezar missa em privado. O processo contra McCarrick tratava de um caso em particular, as agressões a um jovem de apenas 11 anos, e que perduraria até a idade adulta, quarenta anos depois do início da relação forçada. Ele morreu em 3 de abril, aos 94 anos.



ROBERT FRANKLIN/SOUTH BEND TRIBUNE/AP/IMAGEPLUS

CRIME McCarrick: destituído de suas funções depois das denúncias de assédio

A PRECISÃO DA MEMÓRIA

No tempo em que os motores de busca como o Google eram ficção científica e a internet, recurso exclusivo de acadêmicos em universidades, encontrar informações históricas era um cuidadoso trabalho de investigação manual. A pesquisadora **Susana Horta Camargo,** diretora do Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc) em boa parte dos anos 1980 e 1990, liderava uma equipe responsável por enriquecer as reportagens. Coube a Susana o minucioso zelo em edições especiais como a de 100 anos da Proclamação da República, em 1989, ao caçar notícias, frases e ilustrações da virada do século XIX para o XX. Minuciosa, ela fez do Dedoc — hoje denominado Acervo — uma fonte essencial para a memória do jornalismo no Brasil. Susana morreu em 5 de abril, aos 75 anos, em decorrência de uma hepatite. ■



JOÃO DE FREITAS

ZELO Susana Camargo: cuidado pelas informações históricas antes da criação do Google

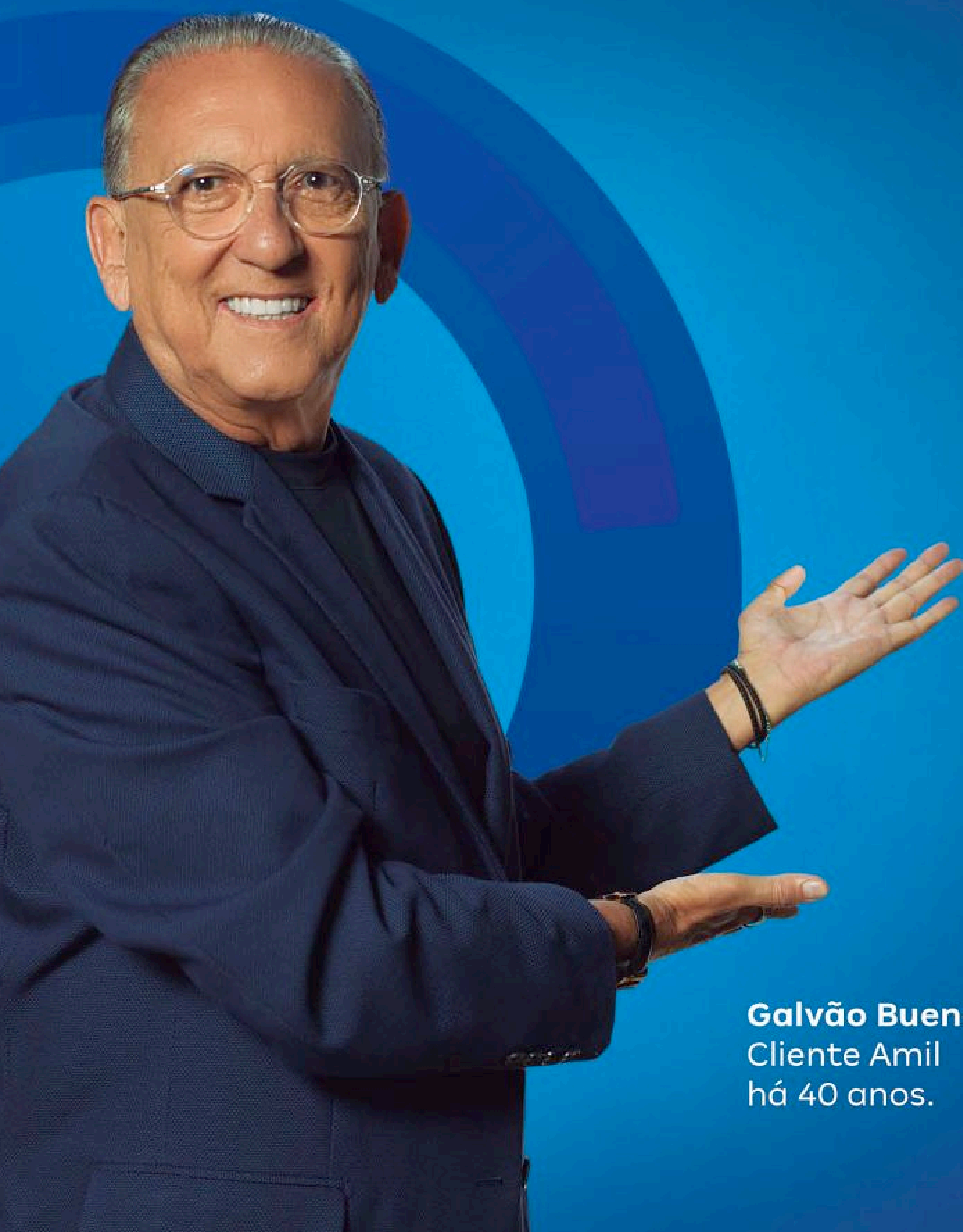
amil

ANS - nº 326305

O Datafolha fez uma pesquisa com os clientes Amil e perguntou: Como você avalia o seu plano?

E 77% disseram que estão satisfeitos ou muito satisfeitos. Mas quem ainda não está satisfeita é a Amil. Afinal, a Amil quer garantir **a todos os seus 5 milhões de clientes** a melhor experiência. Por isso, ela vai continuar trabalhando cada vez mais pela sua saúde.





77%* estão satisfeitos ou muito satisfeitos.

Galvão Bueno. Cliente Amil há 40 anos.

*Pesquisa Datafolha com 804 beneficiários Amil, realizada no período de 13/11 a 04/12/24, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.



“Já não posso ler ou ver meus filhos jogarem rúgbi.”

ELTON JOHN, compositor e cantor inglês, de 78 anos, pai de dois meninos, um de 14 e outro de 10, ao lamentar as dificuldades crescentes de visão

JAMIE MCCARTHY/GETTY IMAGES

“Estou sabendo que, na foz do Amazonas, o senhor está pensando no petróleo que tem lá debaixo do mar. Eu penso que não *(deveria explorar)*. Porque essas coisas, da forma como estão, garantem que a gente tenha um meio ambiente, a terra com menos poluição e menos aquecimento.”

RAONI METUKTIRE, cacique caiapó, afirmando a Lula que é contrário à exploração de petróleo na bacia da foz do Amazonas, como imagina o presidente *(leia em Gente)*

“A nossa linha de conduta nunca será a da brutalização, mas sim a pacífica do pastor Martin Luther King, que lutou pelos direitos civis dos cidadãos americanos na época oprimidos e privados de direitos.”

MARINE LE PEN, líder da extrema direita da França, numa movimentada manifestação em Paris no domingo 6. Ela acaba de ser condenada por desviar fundos do Parlamento Europeu para o seu partido, a xenófoba Reagrupamento Nacional

“Sempre quis rever todos os meus filmes, mas não sei se dará tempo”.

ROBERT DE NIRO, ator

“Até hoje eu escuto a voz dele na cabeça quando me apresento sozinho.”

DANIEL, cantor sertanejo, ao lembrar da parceria com João Paulo, que morreu vítima de um acidente de carro em 1997

"Extenuante."

MELINDA GATES, prestes a lançar uma autobiografia, a respeito do processo de separação de Bill Gates, em 2021, depois de 27 anos de casamento

"Tento fazer isso toda manhã. Se estou em um hotel, peço um balde de gelo. Começo meu dia com uma boa massagem facial com gelo."

SYDNEY SWEENEY, atriz de *Euphoria* e *White Lotus,* ao revelar um de seus segredos estéticos

"Me inspiro mais em mulheres que fazem suas vozes serem ouvidas."

DUA LIPA, cantora anglo-albanesa, que se apresentará no Brasil em novembro

"Nada pode me controlar."

FAFÁ DE BELÉM, que completa cinquenta anos de carreira

"Se você acreditou ou, pior, se você gostou do que eu falei, talvez você precise ler mais um pouco."

FELIPE NETO, autointitulado influencer, depois de uma irresponsável peça de marketing para uma coleção de livros em áudio. Na campanha, ao citar trechos de *1984,* de George Orwell, ele lançou uma suposta candidatura à Presidência. Consultada por VEJA a respeito da estranha candidatura, a assessoria de Felipe se recusou a dar explicações e deixou a farsa correr solta. O tiro saiu pela culatra — restou apenas a arrogância de quem põe nos outros a culpa por seus próprios erros



“Não dá mais para brincar com quem bebe.”

PAOLLA OLIVEIRA, atriz, a Heleninha do remake da novela *Vale Tudo*. A personagem, vivida em 1988 por Renata Sorrah, tem problemas de alcoolismo. Paolla interrompeu os anúncios de bebidas pelo menos até o fim do ano

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL



FERNANDO SCHÜLER

O SENTIDO DE UMA REPÚBLICA

LEIO que a União move uma ação contra uma produtora de vídeos. A razão é um documentário sobre o julgamento de Maria da Penha, vítima de duas tentativas de homicídio, nos anos 1980. O caso foi julgado em 1991, com a condenação de seu ex-marido. Em 2006, foi votada a lei no Congresso que leva o seu nome. A história é bastante conhecida, e não vai aqui juízo de mérito sobre os argumentos em jogo. A ação diz que o documentário traz “argumentos distorcidos” e “informações incompletas”, que seus autores não consideraram “apropriadamente” as alegações do processo judicial e que o material não atende a “critérios de veracidade”. Raras vezes li, mesmo no estranho Brasil dos últimos anos, um documento oficial que afirmasse de modo tão claro a ideia do Estado disciplinador da verdade. Não deveria me impressionar muito com essas coisas, me dizem. Há muito teria se perdido, no Brasil, a ideia simples de que a sociedade é diversa, que documentários, assim como filmes e livros, expressam visões divergentes. E que não cabe ao Estado usar de seu poder de violência, sua máquina jurídica, para em-

purrar goela abaixo dos cidadãos essa ou aquela opinião, essa ou aquela religião, ideologia ou visão de mundo.

Para entender melhor essas coisas, imaginem: estamos em 2027, um candidato do outro "lado" político ganhou as eleições, e esse mesmo órgão de Estado, agora sob outra direção, resolve processar autores de documentários e opiniões que contradigam a "sua" verdade sobre alguma lei, personagem histórico ou política pública. Você pode imaginar qualquer coisa. Alguém "ofende" o presidente? Chama de "nazista"? Faz um documentário "incompleto" sobre o novo teto de gastos, que está "destruindo" políticas sociais? Vai aqui um velho hábito dos filósofos. Inverte-se o lugar dos atores no jogo para ver se a regra pode ser universal. Ou ao menos "impessoal", como diz a Constituição. Sejamos claros: é um completo nonsense admitir que a opinião e a crítica dos cidadãos devam corresponder a algum critério de verdade estipulado pelas pessoas que ocupam posições de poder. E que essas pessoas possam mover a máquina jurídica do Estado contra quem pensa de maneira divergente. Vale o mesmo para a ideia de que uma decisão judicial ou política pública não possam ser criticadas. Ou que pessoas que dão nome a legislações não podem ter algum item de sua biografia rediscutido. Haveria então, quem sabe, um panteão dos indiscutíveis. E sem perceber voltaríamos, em pleno século XXI, à ideia da infalibilidade do Estado. Isso além de mandar pelos ares um direito elementar dos cidadãos. Boa parte do que temos de melhor na moder-


API/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

BOM SENSO Montesquieu, de *O Espírito das Leis*: vale relê-lo, três séculos depois de seus escritos

nidade foi feita exatamente do questionamento a decisões judiciais. A campanha de Voltaire para a revisão do caso Jean Calas; a carta histórica de Zola criticando o processo contra o capitão Dreyfus. Isso e inúmeros casos, no Brasil ainda muito recente. Não acho que o Brasil queira se transformar em um país do Estado-verdade. Do Estado-dogma. Acho apenas que estamos deslizando nessa direção, ao sabor da guerra política.

O fato é que, no transe brasileiro, vamos normalizando toda sorte de agressão a direitos. Ainda nesta semana, lia

“No transe brasileiro vamos normalizando a agressão a direitos”

sobre a multa de 20 000 reais dada a Filipe Martins por aparecer, calado, ao lado de seu advogado, em uma postagem na internet. Recuei um pouco no tempo, até 2019, e foi curioso ver as mesmas pessoas que hoje aplaudem uma coisa dessas bradando que era um “inalienável direito constitucional” de Lula, então preso, dar entrevistas. E mais: que era um direito dos cidadãos terem acesso àquelas opiniões. Perfeito. De minha parte, sempre concordei com isso. O curioso é ver o mesmo tribunal, e as mesmas pessoas, anos depois, mandando multar um sujeito por aparecer, mudo, em um vídeo com seu advogado. O.k., os justificadores de qualquer coisa justificarão mais essa, pois esse é seu ofício. Dirão que aquela imagem poderia ser uma “ameaça à democracia” ou quem sabe um tipo inovador de “discurso de ódio”. Quando o direito se converte em qualquer coisa, nenhuma lógica ou justificação, no fundo, é necessária para o uso do poder.

Não há jeito nenhum de uma República funcionar dessa maneira. Dias atrás, a Espanha recusou a extradição de mais um jornalista punido no Brasil por suas opiniões. Chamou atenção o que disse a procuradora espanhola Teresa Sandoval: os "atos do jornalista", diz ela, que no Brasil seriam "crime de abolição violenta do estado democrático de direito", na Espanha "não são crime" e estão "amparados pela liberdade de expressão". A procuradora Sandoval não é nenhuma líder da "direita global" e não há conspiração alguma em curso. Ela diz o mesmo que já disseram autoridades americanas, muito antes da posse de Trump, quando recusaram uma extradição nos mesmos termos. E no fundo é o que disse o último relatório sobre a democracia global, da revista *The Economist,* onde o Brasil declina seis posições, entre outras razões, por abusar das "expressões vagas" para punir e censurar.

O que o Brasil precisa é de um choque de bom senso. Fazer voltar a valer garantias individuais escritas com clareza em nossa Constituição, que por muito tempo nos fizeram sentir orgulho de nossa democracia. Voltar a temas elementares do "devido processo". O juiz natural, o foro adequado, a individualização das penas, a impessoalidade do Estado, a atenção ao que está tipificado em lei, e não a "uma opinião particular do juiz", na expressão que não é minha, mas foi escrita há quase três séculos, em um livro magnífico, *O Espírito das Leis,* por Montesquieu. E que por alguma razão voltei a reler, recentemente.

Tempos atrás, escutei de alguém que estes "temas das garantias" não eram tão importantes assim, pois teríamos outras urgências no país, como a economia e a educação. Gentilmente, como costumo fazer, discordei. De fato, uma boa democracia, feita à base da lei, capaz de respeitar direitos individuais, não resolve nossos problemas. Mas é condição para que eles sejam resolvidos. É mera ilusão imaginar que vamos evoluir, como uma grande democracia que decidimos nos tornar, nos anos 1980, insistindo nas "definições vagas" no lugar que deveria pertencer às prerrogativas individuais. É ilusão imaginar que isso só acontecerá no mundo político, e não na vida econômica. E que acontecerá com os "outros", que por hora são nossos inimigos políticos. O problema republicano importa porque é ele que permite que os cidadãos expressem as suas ideias, com liberdade. Permite que o parlamento funcione e nossos representantes possam dizer o que julgam que devam dizer, sem medo. Isso do mesmíssimo jeito que permite que os agentes econômicos confiem nas leis, na previsibilidade do jogo e invistam, em especial visando ao longo prazo. E, por fim, por uma ideia algo misteriosa, quem sabe um secreto orgulho, de viver em um país sem dono, sem "delito de opinião", sem censura prévia, onde os agentes de Estado não têm preferências e os direitos valem para todos. Pois esse, no fundo, é o sentido de uma República. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

WARREN BUFFETT
O megainvestidor foi o único entre os dez homens mais ricos do planeta a ampliar sua fortuna neste ano (em 11,5 bilhões de dólares), de acordo com o Índice de Bilionários da Bloomberg.

CUBATÃO
Considerado a cidade mais poluída do mundo nos anos 80, o município paulista receberá o selo verde da ONU em reconhecimento ao trabalho de recuperação ambiental.

UM FILME MINECRAFT
Baseado no videogame, o longa arrecadou mais de 300 milhões de dólares em seu primeiro fim de semana.

DESCE

GILVAN DA FEDERAL
O deputado do PL-ES e agente licenciado da PF virou alvo de ação da AGU e de um pedido de cassação de mandato após dizer durante reunião da Câmara que quer "mais que o Lula morra".

DISCORD
A rede virou alvo de investigação da polícia de São Paulo por se recusar a banir comunidades que incentivam lives de violência com adolescentes na internet.

JUÍZES DO BRASILEIRÃO
Erros sucessivos dos árbitros nos jogos do torneio fizeram a CBF afastar alguns deles e ordenar um período de treinamento intensivo.

GUSTAVO MAIA

Com reportagem de Nicholas Shores e Pedro Pupulim



Correndo por fora

No tabuleiro das eleições presidenciais de 2026, um discreto movimento nesta semana chamou atenção no meio empresarial. Os economistas Persio Arida e André Lara Resende, mentores do Plano Real, foram à casa de Gilberto Kassab para serem apresentados a **Ratinho Jr.**

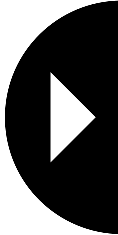
Olha meu PIB

No encontro, que também teve um representante do Grupo Gerdau, ele aproveitou para vender seu peixe: disse ter



RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

ELEIÇÕES Ratinho Jr.: encontro na casa de Kassab com mentores do Plano Real



aumentado o PIB do estado de 440 bilhões de reais, em 2018, para 719 bilhões. Gilberto Kassab tem declarado que, se o PSD tiver candidato ao Planalto, será o governador do Paraná, de 43 anos.

Sumiço misterioso

Por falar em Kassab, uma das conversas preferidas nas rodas dos líderes de direita que prestigiaram o ato de Bolsonaro na Paulista era sobre o sumiço do cacique do PSD no dia do evento.

Aliança com prazo

Gleisi Hoffmann foi almoçar nesta semana na casa do presidente do União Brasil, **Antonio Rueda,** com outros líderes do partido, e voltou ao Planalto com uma promessa nada alentadora para Lula. A legenda até se comprometeu a apoiar a "governabilidade", mas só até o fim de... 2025.

Inimigo íntimo

No União Brasil, Rueda enfrenta agora a fúria de Ronaldo Caiado. Depois de ser ignorado pelo cacique do partido no lançamento da sua pré-candidatura, o governador fez um alerta, na linha "não me queira como inimigo".


YURI MURAKAMI/FOTOARENA

POLÍTICA Rueda: almoço com Gleisi e clima tenso com Ronaldo Caiado

Tão perto, tão longe

Desde o início do ano, o agora ex-ministro das Comunicações Juscelino Filho apareceu na agenda oficial de Lula apenas uma vez, além de ter participado da reunião ministerial de janeiro.

Decepção na base

A equipe de Lewandowski no Ministério da Justiça estranhou a dura recepção de senadores da base do governo à PEC da Segurança. A relação tem sido mais cordial até com Flávio Bolsonaro e Sergio Moro.

O tempo urge

Sidônio Palmeira assumiu a Secom há três meses prometendo fazer uma nova licitação para a comunicação digital do governo. O certame ainda está sob análise, mas o ministro garante que sairá o quanto antes.

Sem pressa

Lula está prestes a completar um semestre inteiro sem decidir quem indicará às duas vagas abertas no STJ. O petista chegou a marcar três reuniões para bater o martelo, que foram adiadas. Hoje, Carlos Brandão e Marluce Caldas são considerados favoritos.

Início de namoro

Com a federação entre PP e União Brasil praticamente fechada, Baleia Rossi e Marcos Pereira já tiveram a primeira conversa sobre uma junção de MDB e Republicanos — que teriam a terceira maior bancada da Câmara, com 89 deputados. Mas nada está definido.

Acelerado

O governo de Tarcísio de Freitas vai incluir mais três concessões de rodovias pau-

listas. Os projetos vão somar mais 21,8 bilhões de reais em melhorias de 1 203 quilômetros de estradas aos 30 bilhões de reais já anunciados.

Poço sem fundo

Só nos três primeiros meses de 2025, a dívida da Venezuela com o Brasil já ficou 53 milhões de dólares maior.

Fé em Donald

Na cabeça de bolsonaristas mais devotados a Trump, se o líder dos EUA teve a "coragem" de deflagrar uma guerra comercial com a China de Xi Jinping, não terá nenhum pudor de retaliar Alexandre de Moraes — o sonho de consumo de aliados de Bolsonaro.

Tietes da anistia

As mulheres que a liderança do PL levou à Câmara e ao Aeroporto de Brasília para convencerem deputados a aderir à urgência do projeto da anistia aos condenados do 8 de Janeiro ganharam um apelido curioso entre os parlamentares. Viraram as "anistietes".

Propostas não faltam

Neste ano pré-eleitoral, o presidente da Câmara, Hugo Motta, tem defendido a adoção do voto distrital misto enquanto a CCJ do Senado analisa a proposta do novo Código Eleitoral. Um levantamento do cientista político Murilo Medeiros, da UnB, mostra que há 1 203 projetos no Congresso para mudar as regras do jogo.

Coelhinho da Páscoa

Senadores vão aproveitar o feriado da Sexta-feira Santa para passar a semana fora de Brasília. Na Câmara, ha-

verá duas sessões, 100% remotas. E só.

Caixa de Pandora

Enquanto o Banco Central avalia a compra do Master pelo BRB, um dossiê circula no Senado com uma "investigação preliminar" sobre o banco de Daniel Vorcaro. Já tem senador se animando a propor uma CPI.

Defensores armados

Apoiador do projeto que autoriza advogados a terem porte de arma de fogo para defesa pessoal, que avançou nesta semana no Senado, o presidente da OAB afirma que a entidade não é a favor da proliferação de armas no Brasil.

Se eles podem...

Segundo Beto Simonetti, a Ordem defende apenas a isonomia entre magistrados, membros do Ministério Público e advogados: "Enquanto um tiver esse direito, o outro também deve ter".

Interesses comuns

O Senado assinou um acordo com o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás para "intercâmbio de conhecimentos". E Davi Alcolumbre segue na luta para viabilizar a exploração da Margem Equatorial, na costa do Amapá.

Tal filho, tal neto

Antes de José Luiz Datena Junior, filho do apresentador, ser nomeado para voltar a trabalhar no Senado, um neto do ex-candidato a prefeito de SP já havia ganhado um cargo no gabinete do senador Jorge Kajuru, amigo do avô.


INSTAGRAM @DEDESECCO

JUSTIÇA Deborah Secco: vitória no Supremo contra a Receita Federal

Livres do Leão

A Primeira Turma do STF decidiu cassar multas da Receita Federal contra atores da TV Globo como **Deborah Secco,** Mateus Solano e Eliane Giardini, e liberou bens bloqueados no governo Bolsonaro. Edson Fachin foi voto vencido. O processo é sigiloso.

Anos de disputa

O advogado Leonardo Antonelli agora avalia pedir ressarcimento contra a União pelos prejuízos causados aos artistas pelas autuações fiscais e pelos custos para se defenderem na Justiça. ■

CHAGA ABERTA
Polícia Federal: avião de traficantes é destruído em pista clandestina construída em plena selva

AMAZÔNIA DOMINADA

O tráfico invade a floresta, transforma a fronteira norte em uma das principais rotas de exportação de cocaína dos grandes cartéis, se associa a facções, espalha violência e expõe a fragilidade do aparato de segurança

LARYSSA BORGES, de Tabatinga

POLÍCIA FEDERAL/DIVULGAÇÃO



Lago Sacambu, Amazônia peruana, março de 2025. Uma gigantesca lona azul protege das rajadas de chuva típicas do inverno na região uma carga preciosa. Lado a lado, em montes, folhas de coca são preparadas para o início do processo de maceração. Enquanto isso, homens armados escoltam uma estufa improvisada e posam para fotos com o símbolo da facção que tomou de assalto a chamada Rota Solimões, um emaranhado de rios

navegáveis em terras brasileiras que transformou a maior floresta tropical do mundo numa imensa trilha de passagem das drogas produzidas pelos grandes cartéis da Colômbia. À espera de ordens superiores, o bando, formado em sua maioria por rapazes que não aparentam mais que 20 anos de idade, treina tiro ao alvo entre as árvores. Um deles aparece ostentando um fuzil. O laboratório de refino está em pleno funcionamento. Ao lado dele, há plantações de coca a perder de vista, como mostram imagens captadas por um drone. Em breve, toneladas de cocaína vão sair dessa "fazenda" e ingressar no Brasil em pequenos aviões, escondidas em fundos falsos de barcos ou disfarçadas, por exemplo, em botijões de gás. A droga vai percorrer grandes distâncias até chegar aos portos e aeroportos, de onde, sem maiores problemas, embarcará para seu destino final, a Europa, fechando o ciclo de uma das atividades mais lucrativas do planeta.

Localizado no chamado Vale do Javari, Sacambu, onde ocorreu o flagrante do drone de uma autoridade local de segurança, é um dos inúmeros entrepostos dominados pelo narcotráfico na fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru, a chamada tríplice fronteira amazônica, um território de proporções gigantescas, coberto por vegetação densa, desabitado e inóspito. A fragilidade da vigilância e fiscalização das forças de segurança transformou a região na rota perfeita para os grandes cartéis escoarem sua produção com o mínimo risco. Os números deixam isso bem evidente. As autoridades estimam que as apreensões de droga na região re-

BRUNO KELLY



LABIRINTO Vigilância: a mata fechada e rios com seus milhares de braços dificultam o patrulhamento e facilitam o crime

presentam apenas 10% do que é efetivamente traficado. Ou seja: se essa projeção estiver correta, o que é impossível saber, passaram pela floresta brasileira somente no ano passado nada menos que 430 toneladas de cocaína. Se levado em consideração que 1 quilo da droga custa, em média, aos compradores europeus o equivalente a 260 000 reais, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o faturamento dos cartéis ultrapassou os 110 bilhões de reais. Essa cifra impressionante uniu na Amazônia brasileira poderosos cartéis colombianos, organizações mafiosas europeias e o que hoje existe de mais deletério no submundo do

POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS/DIVULGAÇÃO



DE UMA SÓ VEZ Carregamento: a polícia apreendeu 5 toneladas de cocaína que estavam escondidas no meio da floresta

crime nacional: as facções. É um novo desafio que precisa ser urgentemente enfrentado.

Vistos de cima, o tapete verde formado pela copa das árvores da floresta às vezes não permite avistar um único centímetro do solo e muito menos antever o fluxo de pessoas e embarcações que trafegam pelos rios, incluindo as que são usadas para transportar madeira, ouro, animais em extinção e, nos últimos anos, principalmente cocaína. Apenas o Alto Solimões, que reúne as fronteiras seca e fluvial do Brasil com os vizinhos Colômbia e Peru, é duas vezes maior que Portugal. Fiscalizar uma área tão imensa parece impossível. Responsá-

vel pela vigilância na divisa, o Exército se desdobra com 9 500 soldados na região. A proporção é de um homem para cada 72 quilômetros quadrados de área de fronteira. A situação é ainda mais crítica quando se observam outros números. As sete cidades que ficam na fronteira contam com inacreditáveis 150 policiais militares para cuidar da segurança de uma área de 213 000 quilômetros quadrados — uma região do tamanho da Inglaterra e da Escócia somadas. É impossível. No período de seca (julho a novembro), os pequenos aviões respondem pelos grandes carregamentos que cruzam a fronteira. Por 60 gramas de ouro, equivalentes a 20 000 reais, é possível contratar uma aeronave para transportar qualquer coisa. Elas voam baixo e pousam em pistas clandestinas que, sem nenhuma vigilância ostensiva, são abertas na floresta da noite para o dia.

É em terra firme, porém, que se tem a exata dimensão do desafio de combater o tráfico na região. Por segurança — ou ausência dela —, os traficantes preferem usar as estradas pluviais para entrar no Brasil. Alguns dos afluentes dos rios navegáveis nascem na Colômbia e no Peru e chegam aos estados do Amazonas e do Acre. Além disso, no período das chuvas (dezembro a junho), as cheias produzem ramificações que ficam completamente cobertas pela vegetação. Elas são usadas pelas quadrilhas como rotas alternativas. São milhares de pequenas estradas que nem sequer constam nos levantamentos cartográficos, o que dificulta a vigilância que já inexiste. Para patrulhar a tríplice fronteira, a PM que cuida da fronteira, além dos míseros 150 homens, conta com uma única lancha



BRUNO KELLY

AVISO Posto de fiscalização: as paredes das palafitas estão cravejadas de balas disparadas pelos bandidos

blindada (que, há duas semanas, estava estragada), uma cota mínima de combustível e um estoque de munição que não resiste a um rápido tiroteio. Pelo lado dos traficantes, a situação é oposta. Eles usam armas capazes de abater um helicóptero, dispõem de embarcações à prova de balas, fuzis de última geração e até submarinos improvisados. VEJA visitou o Vale do Javari e as cidades de Tabatinga, Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Letícia — os principais municípios da fronteira. No trajeto, não é raro detectar drones dos grupos criminosos sobrevoando e mapeando a movimentação das forças de segurança, inclusive do Exército. “Precisamos de uma ação nacional para enfrentar essas quadrilhas”, diz Vinicius Almeida,


ONDE FICA
VENEZUELA
COLÔMBIA
EQUADOR
BRASIL
PERU
PERU
COLÔMBIA
Tabatinga
BRASIL

secretário de Segurança Pública do Amazonas. "O que o governo do estado pode fazer tem feito, mas nós somos muito pequenos em relação ao crime", completa.

Tabatinga, na divisa com a Colômbia, é um exemplo das mudanças provocadas na região pela cocaína. Por mais que incomode, a cidade não consegue se livrar do estigma de capital do narcotráfico amazônico. Há olheiros de facções criminosas em cada esquina. No movimentado porto do município, a fiscalização das embarcações e dos transeuntes é praticamente nula. Não existem rodovias. Por isso, as lanchas e canoas são responsáveis pelo transporte de suprimentos oriundos de Manaus e dos países vizinhos. O movimento é frenético. As autoridades sabem que grandes quantidades de drogas passam por ali, mas falta braço para a polícia reprimir de forma séria o negócio. "Em uma cebola pequena, cabem 50 ou 60 gramas de droga, mas imagina num saco de 20 quilos de cebola. Agora estão também recheando tambaqui com cocaína e armazenando em frigoríficos. Congelado, não tem cão farejador que descubra", explica um policial. Também não há cães farejadores para tanta demanda. As vistorias, quando ocorrem, são apenas por amostragem. Até pouco tempo atrás, o município de 70 000 habitantes era palco de uma violenta disputa pela exclusividade do transporte de drogas na região. Execuções de rivais faziam parte da rotina da cidade. "Nas brigas de facções, os mortos acabavam desmembrados e jogados no rio para apagar os vestígios", diz Jonatas Soares, comandante do 8º Batalhão da PM em Tabatinga.



BRUNO KELLY

PORTA DE ENTRADA Tabatinga: a “capital” da tríplice fronteira vive rotina de medo com a presença das facções

Em 2020, o Comando Vermelho assumiu o controle das rotas fluviais da Amazônia depois de uma guerra sangrenta com outras organizações. Com a consolidação do monopólio, as mortes violentas em Tabatinga, que atingiram o índice de 74 para cada 100 000 habitantes, uma das mais altas do país, diminuíram. Em contrapartida, o tráfico explodiu. Em uma das dezenas de ruas esburacadas e malcuidadas da cidade, delegados, policiais militares, o juiz e o chefe do Ministério Público moram todos em um único condomínio de muros altos e monitorado por câmeras. Questão de segurança. Na esquina do endereço mais sensível do município, porém, uma pichação com o símbolo do “CV” deixa claro quem dá as cartas na região. A facção, aliás, tem seu próprio capo na



BRUNO KELLY

NOVO PERFIL Garavito: "Antes, tínhamos Pablo Escobar. Hoje os chefes são mais discretos"

fronteira. Trata-se de Kellison Rego da Silva, conhecido como "Loirinho" ou "Itália". Reza a lenda que foi ele quem comandou o extermínio dos grupos rivais há alguns anos. Jurado de morte, o traficante usa o nome falso de Emilio Gonzales da Silva e se esconde em Letícia, cidade colombiana separada de Tabatinga apenas por uma rua. Os inimigos — os que restaram — oferecem uma recompensa de 500 000 reais por informações sobre o paradeiro dele. O prêmio também será pago, diz o cartaz, se alguém entregá-lo morto.

O que se passa em Tabatinga, hoje, Letícia já experimentou há mais de três décadas. A cidade colombiana também abrigou um cartel que usava os rios brasileiros como corredor para levar cocaína à Europa. A diferença agora é que

naquela época eram carregamentos esporádicos, em volumes menores e os personagens que comandavam as operações eram outros. Chamava a atenção na cidade as dezenas de casas de câmbio e o sofisticado comércio de bebidas importadas e produtos eletrônicos que destoavam do perfil de pobreza dos moradores. Em Tabatinga, esse consumo sofisticado ainda não é tão nítido, mas, recentemente, foi percebido um crescimento fora do normal de grandes lojas varejistas. No ano passado, a polícia prendeu empresários da cidade por suspeitas de lavar dinheiro do tráfico para o Comando Vermelho. Os novos comandantes vêm ampliando suas conexões. Nos arquivos da polícia colombiana há registros de que a facção brasileira estabeleceu uma parceria com dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que abandonaram a guerrilha, se juntaram aos cartéis e atualmente administram plantações de coca na fronteira. "Os traficantes em geral não ficam aqui na região da tríplice fronteira. Eles vêm, fecham os negócios e vão embora", diz Santiago Garavito, comandante da Polícia Nacional da Colômbia em Letícia. "Antes, tínhamos personalidades como Pablo Escobar. Hoje, os chefes têm perfil mais discreto", acrescenta. Uma curiosidade: no auge do poderio do cartel de Medellín, nos anos 1980, Letícia chegou a abrigar duas casas usadas pelo próprio Escobar. Trinta anos depois de sua morte, ainda é possível identificar as ruínas de uma delas, curiosamente instalada próxima ao prédio da Polícia Nacional.





SÓLO PARA IDENTIFICACIÓN

Zoom In | Normal

DNI	48976343
Apellido Paterno	GONZALES
Apellido Materno	DA SILVA
Nombres	EMILIO
Fecha Nacimiento	1986-05-11
Sexo	MASCULINO
Estado Civil	SOLTERO
Grado Instruccion	PRIMARIA-2DO GRADO
Estatura	1.6 MTS.
Departamento Nacimiento	LORETO
Provincia Nacimiento	MARISCAL RAMON CASTILLA
Distrito Nacimiento	RAMON CASTILLA
Fecha Expedición	2017-08-23
Nombre Padre	TORIBIO
Nombre Madre	MARIA
Fecha Inscripción	2017-07-14
Departamento Domicilio	LORETO
Provincia Domicilio	MARISCAL RAMON CASTILLA
Distrito Domicilio	RAMON CASTILLA
Domicilio	COM. SANTA ROSA DEL CAÑO
Constancia Votación	OMISO A PROCESO ELECTORAL
Restricción	NINGUNA
Caducidad	2025-08-23

PROCURA-SE Kellison: o traficante é apontado como o capo do Comando Vermelho na fronteira com a Colômbia

Sem condições de se contrapor aos novos comandantes que vêm ampliando suas conexões e poderio, as autoridades, às vezes, precisam contar com a sorte. Em agosto do ano passado, os cartéis sofreram um duro golpe. Em Benjamin Constant, cidade a 20 quilômetros de Tabatinga, a polícia apreendeu numa única tacada 5 toneladas de cocaína pura. A droga pertencia a um grupo colombiano e estava no fundo falso de embarcações construídas no meio da floresta. Em uma situação normal, ninguém encontraria o local no meio

da selva. O ruidoso barraco provocado por um desentendimento amoroso entre os traficantes, no entanto, levou a polícia amazonense até onde os barcos estavam sendo preparados. Lá, para surpresa geral, encontraram 3 toneladas de cocaína. Já seria uma das maiores apreensões de todos os tempos no estado, mas havia mais. A equipe se preparava para retornar quando um dos policiais resolveu se afastar do grupo, à procura de lugar mais reservado, uma moita. No caminho, viu o que parecia ser uma caixa coberta por uma lona. Havia lá mais 2 toneladas da droga. A maior carga de cocaína já apreendida na selva abalou os alicerces da quadrilha. "Combater o crime na floresta é um desafio. Como é impossível colocar um policial em cada metro da fronteira, enfrentamos os criminosos com inteligência", diz Humberto Freire, diretor da Amazônia e do Meio Ambiente da Polícia Federal, que trabalha para tirar do papel o Centro de Cooperação Policial Internacional, que reunirá em Manaus investigadores dos nove países que compõem a Amazônia Legal.

A PF, por questões de segurança, não revela o tamanho de seu efetivo na Amazônia. Os federais têm uma delegacia em Tabatinga, usam informações de satélite para tentar localizar laboratórios, acionam as Forças Armadas para, se preciso, abater aviões de traficantes e dar apoio logístico às operações, mas também não têm estrutura suficiente para fazer frente aos bandidos. O tráfico, o contrabando, o garimpo, a exploração clandestina de madeira e a pesca ilegal se misturam na floresta. O Lago Sacambu, na Ama-

BRUNO KELLY

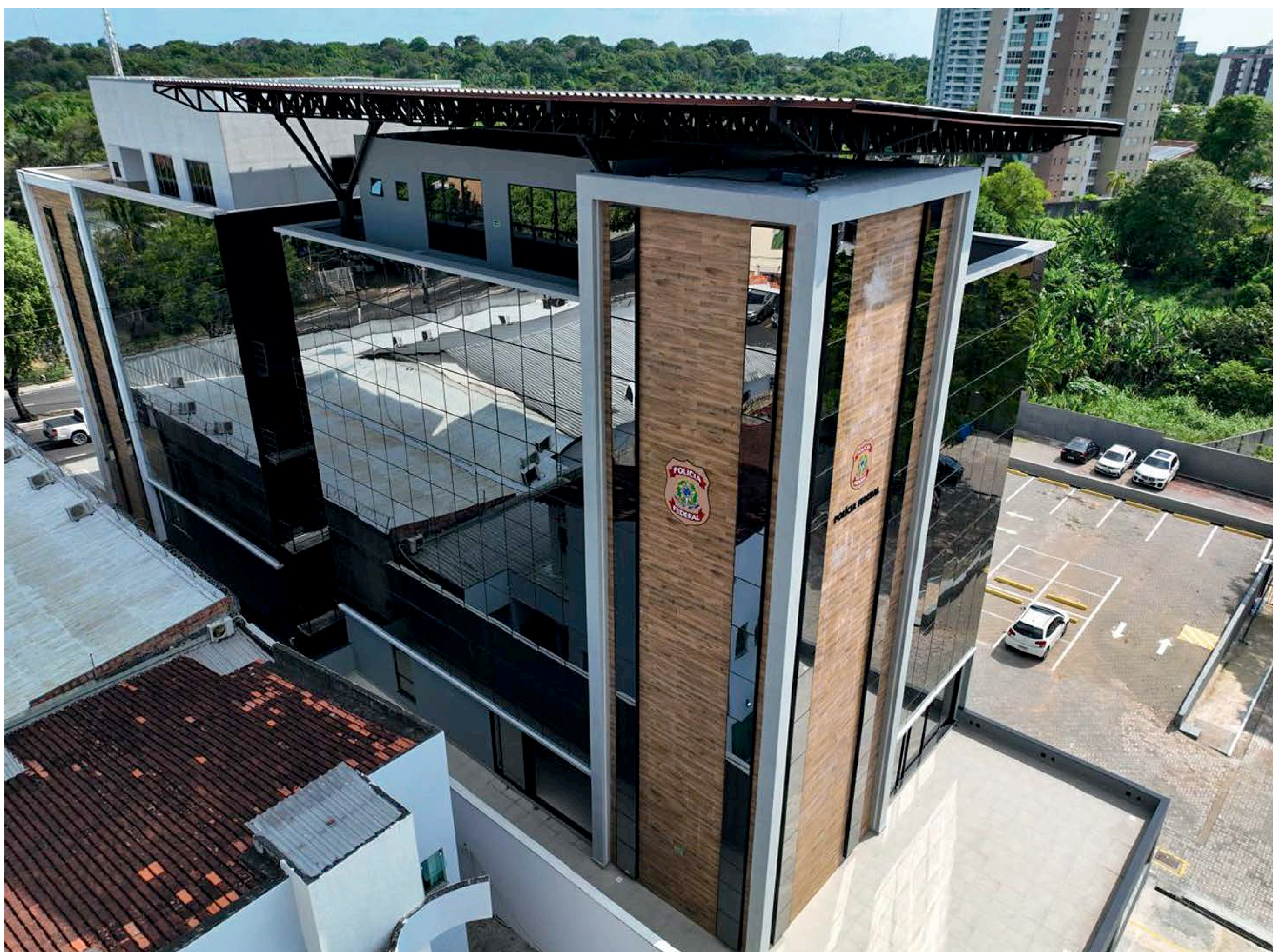


NA LINHA DE FRENTE Almeida: "Precisamos de uma ação nacional para enfrentar essas quadrilhas"

zônia peruana, por exemplo, está na região onde o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados, em junho de 2022, enquanto investigavam crimes ambientais. A poucos quilômetros do local da tragédia fica um dos quatro postos de fiscalização fluvial que existem ao longo do Rio Javari. É uma palafita cravejada de balas que não deixa os fiscais da Funai, os policiais e os soldados do Exército esquecerem que os criminosos que cruzam o rio costumam atirar primeiro.

A expansão do grande tráfico na floresta tem produzido sequelas visíveis e invisíveis. A mais notória é o fortaleci-

POLÍCIA FEDERAL/DIVULGAÇÃO



INTELIGÊNCIA Em breve: Centro Internacional vai reunir em Manaus investigadores de nove países

mento do Comando Vermelho. Com ramificações em 24 estados da federação, estima-se que a facção movimente algo em torno de 30 bilhões de reais por ano. Além de partilhar os rendimentos do tráfico internacional, ela recolhe pedágios das embarcações, alicia indígenas e comunidades ribeirinhas e não hesita em eliminar quem atravessar seu caminho. Os métodos que estão dando certo na floresta foram importados do Rio de Janeiro e se alastram pelo país. No Amazonas, as autoridades identificaram uma comunidade indígena que foi escravizada pela facção. Os índios fazem pequenos trabalhos para os traficantes em troca do oxi, um

SILVIA IZQUIERDO/AP/IMAGEPLUS



PODER Pichação do CV: para deixar claro quem dá as cartas em Tabatinga

subproduto da cocaína com poder de destruição superior ao crack. Quase 80% de todos os 1 049 homicídios registrados no estado têm relação com o comércio de drogas. Para que as engrenagens funcionem em benefício das quadrilhas, a corrupção também marca presença. Recentemente, a Polícia Federal prendeu um agente da própria instituição que facilitava a passagem dos carregamentos no aeroporto de Manaus. "A droga por onde passa vai deixando um rastro de destruição. A tríplice fronteira vive uma realidade que nós todos brasileiros olhamos de costas", adverte Vinicius Almeida. O caso é reconhecido como de altíssima gravidade

POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS/DIVULGAÇÃO



DISFARCE Flagrante: os botijões de gás escondiam tabletes de cocaína

também entre as autoridades do Ministério da Justiça em Brasília. A droga transportada pela chamada "hidrovia do crime" na Amazônia atravessa o país em direção aos portos e gera lucros estratosféricos para as facções organizadas, as mesmas que espalham o terror hoje pelas grandes metrópoles do Brasil. A omissão do poder público durante anos a esse movimento vai cobrar um preço caro: será preciso um esforço inédito para enfrentar de verdade essa chaga no meio da floresta. Não vai ser à base de um soldado para cada 72 quilômetros quadrados de área de fronteira que a guerra contra o crime será vencida. ■

NÃO DEU PARA SEGURAR

Para manter boas relações com aliados, governo resistiu a demitir o ministro acusado de corrupção e desvio de emendas, até que o fim se tornou inevitável **MARCELA MATTOS**



SOLIDARIEDADE Lula e Juscelino: o presidente costuma lembrar do seu próprio calvário judicial, mas sem esquecer a reeleição

TON MOLINA/FOTOARENA

O TERCEIRO mandato de Lula mal havia começado quando, ainda em janeiro de 2023, soube-se que o novo ministro das Comunicações, Juscelino Filho, tinha direcionado 5 milhões de reais em 2020, enquanto era deputado federal, para pavimentar uma estrada que dava acesso a uma fazenda dele em Vitorino Freire, reduto político de sua família. O empreiteiro da obra, um amigo de longa data, havia sido preso meses antes sob a acusação de pagar propina para ganhar as licitações no município maranhense, que é comandado pela irmã de Juscelino. No mês seguinte, foi noticiado que o ministro escondeu da Justiça Eleitoral um patrimônio de mais de 2 milhões de reais em cavalos de raça mantidos na fazenda beneficiada com a estrada custeada pelas tais emendas. Já em março, veio a público que ele havia viajado em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e recebido diárias do governo para participar de uma agenda privada. Após 100 dias no olho do furacão, Juscelino foi chamado para uma reunião com Lula no Palácio do Planalto. O desgaste era evidente, e a demissão parecia iminente.

Naquele momento, ministros e parlamentares davam de barato que a audiência serviria para selar a saída do ministro, a fim de afastar o governo de um noticiário negativo. Não foi o que ocorreu. A portas fechadas, o clima foi amigável, e Juscelino aproveitou para prestar contas ao presidente e dizer que não havia feito nada de errado. “O senhor viu alguma foto dessa dita estrada? Não viu porque ela não existe”, afirmou, alegando que a obra era um projeto que tinha como objetivo beneficiar toda a


MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

DISPUTA Alcolumbre e Kassab: caciques medem forças por vaga no ministério

comunidade da região onde, coincidentemente, ele tem uma fazenda. Em resposta, o presidente disse que somente o ministro sabia o que de fato aconteceu e até lhe deu uma dose de estímulo: "Vá adiante, encare e enfrente", aconselhou. Foi o que Juscelino fez. De lá para cá, o ministro teve os bens bloqueados, sua irmã foi afastada temporariamente do comando da prefeitura e surgiram mensagens dele em tratativas com o empreiteiro enrolado. Em junho passado, o cerco judicial se fechou um pouco mais, e Juscelino foi indiciado pela Polícia Federal por corrupção passiva, lavagem de dinheiro, organização criminosa, falsidade ideológica e fraude em licitação. Nada mudou.

Como recomendou o presidente, Juscelino Filho, mesmo indiciado, seguiu adiante, encarando e enfrentando, até que na última terça-feira, 8, foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República. Diante da notícia, o governo finalmente entendeu que a situação era insustentável e sacramentou, em meio a informações desencontradas, a saída do primeiro mi-

nistro acusado de corrupção nesta gestão de Lula. Enquanto o Planalto informou que o presidente ligou para Juscelino pedindo que ele entregasse o cargo, o ministro escreveu em carta de despedida que, em uma das decisões mais difíceis de sua vida pública, pediu a Lula seu desligamento para "proteger o projeto de país" e em "respeito" ao governo. "A justiça virá!", registrou o agora ex-ministro.



INSTAGRAM @_PEDROLUCASFERNANDES

GOVERNISTAS Pedro Lucas e Sabino: um quer entrar, o outro se movimenta para não sair na reforma da Esplanada

Há algumas explicações para Lula ter mantido Juscelino no ministério por tanto tempo mesmo diante de um desfecho que parecia inevitável. Uma delas é pessoal. O presidente costuma lembrar do seu próprio calvário e sempre que pode repete ter sido condenado e preso injustamente, para então acrescentar que não fará prejulgamentos. Além disso, predomina o pragmatismo. Para Lula, o desgaste com eventuais constrangimentos morais, se é que de fato existem, é compensado com sobra pela possibilidade de manter e ampliar o apoio de partidos políticos e de bancadas parlamentares. O outrora protegido Juscelino Filho é filiado ao União Brasil, le-



DIVULGAÇÃO

PRETENSÃO Caiado: mesmo sem apoio total do seu partido, o governador lançou-se à Presidência

genda que tem a terceira maior bancada na Câmara, com 59 deputados, além da presidência do Senado, com Davi Alcolumbre. Ele foi indicado ainda durante a transição do governo numa negociação para ampliar a base no Congresso, em tratativa que contou pessoalmente com Alcolumbre e que foi chancelada por Arthur Lira (PP-AL), ex-presidente da Câmara e aliado do ministro demitido.

Com minoria no Parlamento, o governo se encheu de cuidados para não melindrar padrinhos e parceiros tão poderosos. Numa tentativa de conter os danos, o presidente do Senado foi previamente avisado sobre a demissão de Juscelino e recebeu a garantia de que a pasta seguirá sob o comando do partido. Para o lugar, a bancada sugeriu o deputado federal Pedro Lucas, atual líder do União Brasil na Câmara dos Deputados. O cotado a ministro tem algumas semelhanças com o antecessor: é do Maranhão, vem de uma dinastia política de um pequeno município do estado e fez carreira longe dos ho-

lofotes. Há, no entanto, uma diferença considerável: Pedro Lucas é aliado do ex-ministro da Justiça e atual ministro do Supremo Flávio Dino e chegou a ocupar um cargo no governo dele no Maranhão. Já a relação entre Dino e Juscelino nunca foi das melhores. O deputado sempre suspeitou que a Polícia Federal agiu contra ele empurrada pelo ex-ministro da Justiça. “Há uma constante artilharia voltada contra o partido”, afirmou um dos principais líderes do União Brasil após a formalização da denúncia contra Juscelino.

O próximo esforço do União será evitar novas baixas. O partido é alvo de um ataque especulativo de outras siglas do Centrão, que tentam pressionar o presidente Lula a dar andamento à prometida reforma ministerial. Com três pastas, o PSD diz estar pouco representado na Esplanada e tenta trocar o inexpressivo Ministério da Pesca pelo Ministério do Turismo, hoje comandado por Celso Sabino. O União resiste a encolher seu espaço no governo. Já o Palácio do Planalto sabe que, faltando um ano e meio para as eleições e dependente do avanço de medidas populares no Congresso para reerguer a popularidade do petista, não seria conveniente desagradar a seus aliados neste momento. A prioridade de Lula, pelo contrário, é adular a base e tentar atrair as legendas de centro para sua eventual candidatura à reeleição. Não será fácil.

O próprio União Brasil está dividido sobre 2026. Uma ala continua no barco governista. Outra caminha em direção contrária — no último dia 4, em evento esvaziado, a legenda formalizou o lançamento da candidatura do governador de


INSTAGRAM @ACMNETOOFICIAL

OPOSIÇÃO Efraim, Ciro e ACM Neto: líderes do PP e do União Brasil articulam federação

Goiás, Ronaldo Caiado, à Presidência. Há ainda um segmento que flerta com uma opção mais moderada de oposição e, como parte do plano para derrotar o petista, tenta fechar ainda neste semestre uma federação com o PP. O objetivo é se consolidar como a maior bancada na Câmara e ganhar espaço como uma das principais agremiações da direita, cacifando-se para fazer parte da chapa que deve enfrentar Lula em 2026. O sonho de Ciro Nogueira, cacique do PP, é emplacar a vaga de vice no possível projeto presidencial do governador paulista, Tarcísio de Freitas *(confira a matéria "A Dança dos Governadores")*. Com problemas de popularidade, Lula age para conter uma debandada. Experiente, ele tem consciência de que a próxima sucessão presidencial tende a ser tão acirrada quanto a de 2022. Por isso, eventuais restrições curriculares, inclusive no campo moral, não são nem serão empecilho para que políticos sejam nomeados ministros. Uma vez chegando lá, o dono da pasta poderá contar com a paciência quase infinita do presidente, como demonstrou o caso de Juscelino Filho. ■



RICARDO RANGEL

O BOLSONARISMO E A ANISTIA

O ex-presidente pensa acima de tudo em salvar a própria pele

O PONTO PRIORITÁRIO da agenda bolsonarista no momento é a anistia para os vândalos do 8 de Janeiro, pauta única das recentes manifestações em Copacabana e na Avenida Paulista. Não deixa de ser irônico ver os bolsonaristas — ultrapunitivistas, defensores da truculência policial, entusiastas do "cancelamento" de CPFs — falando sobre a importância do perdão.

Evidentemente, não é disso que se trata. Bolsonaro e seus apoiadores não estão nem aí para o bem-estar dos presos: seu interesse é apenas abrir caminho para, mais tarde, livrar a cara dos peixes graúdos, incluindo, acima de tudo, ele próprio.

O discurso de que os presos são pobres-diabos injustiçados —vendedores de pipoca e de sorvete, cabeleireiras e donas de casa que estavam ali a passeio e fizeram uma travessura — tem apelo. Os brasileiros continuam, na maioria, contra a anistia (56% a 37%), mas a diferença vem se reduzindo. O choque de ver, ao vivo e em cores, o ataque aos Três Poderes vai se esmaecendo no tempo.



E a dureza das penas assusta. Como é possível que uma cabeleireira que pichou uma estátua seja condenada a uma pena mais longa do que um assassino? E os 55 presos sem julgamento há dois anos? Some-se a essa percepção de injustiça os muitos casos em que o Supremo agiu (e ainda age) de maneira vista como excessiva.

É bom, no entanto, pôr as coisas em perspectiva. A tese dos pobres-diabos é falha: é verdade que há muita gente sem noção que entrou de gaiato, mas também é verdade que muita gente estava ali para forçar a convocação das Forças Armadas, que então desfechariam o golpe (se ele era factível ou não, não vem ao caso, o crime permanece).

E vale olhar os números: mais de 2 000 pessoas foram detidas, 1 586 foram denunciadas. Dos 497 condenados por crimes graves, metade fez acordos. Apesar de 205 terem sido condenados a penas maiores do que catorze anos, restam apenas 84 cumprindo pena definitiva, 55 em prisão provisória e cinco em prisão domiciliar. Dos mais de 1 500 denun-

“O capitão e seus apoiadores não estão nem aí para o bem-estar dos presos”

ciados, menos de 6% estão de fato presos. O Supremo não parece ter sido tão duro assim.

Mas os bolsonaristas não querem saber de nada disso e seguem batendo bumbo, querendo levar o projeto a voto no grito. Tentaram obstruir a pauta, impedindo a votação de qualquer coisa além da anistia; pressionaram fortemente o presidente da Câmara (no comício de domingo, Silas Malafaia vociferou que Hugo Motta estaria "envergonhando o povo da Paraíba"); ameaçaram divulgar os nomes dos deputados que não assinaram o requerimento de urgência para a proposta. Depois de conseguirem a irritação e a má vontade dos colegas, recuaram.

O projeto é perigoso para os congressistas: ele compra uma briga enorme com Lula e com o Supremo e não traz nada de vantajoso para ninguém. Uma briga em vão: ainda que o projeto seja aprovado, Lula deve vetá-lo. Se conseguirem derrubar o veto, o Supremo o considerará inconstitucional.

Para costurar a aprovação da anistia, o bolsonarismo precisa agir com cautela e sutileza. Mas cautela e sutileza são itens escassos no arsenal bolsonarista. ■

A DANÇA DOS GOVERNADORES

Bolsonaro levou a seu palanque quatro presidenciáveis que esperam o apoio dele para 2026 — só falta combinar isso agora com Bolsonaro **LAÍSA DALL'AGNOL** E **ISABELLA ALONSO PANHO**



FORÇA Da esq. para a dir., o ex-presidente posa com Romeu Zema (MG), Jorginho Mello (SC), Tarcísio de Freitas (SP), Ronaldo Caiado (GO), Wilson Lima (AM), Ratinho Jr. (PR) e Mauro Mendes (MT): apoio antes de ato em São Paulo

INSTAGRAM @TARCISIOGDF

NO DOMINGO 6, o ex-presidente Jair Bolsonaro conseguiu dois feitos no ato que liderou na Avenida Paulista para pedir anistia aos envolvidos no 8 de Janeiro. Primeiro, reuniu uma multidão, mesmo levando em conta as estimativas mais modestas, que apontaram 45 000 pessoas, a maioria usando verde e amarelo e empunhando cartazes, faixas e bandeiras em apoio à pauta. Segundo, porque levou a seu palanque sete governadores — um recorde —, que representam mais de 75 milhões de eleitores, quase a metade do país. Quatro deles são potenciais candidatos ao Palácio do Planalto em 2026: Tarcísio de Freitas (São Paulo), Romeu Zema (Minas Gerais), Ratinho Jr. (Paraná) e Ronaldo Caiado (Goiás). A *photo op* (expressão em inglês que significa "foto de oportunidade"), a um ano do prazo final para esses chefes do Executivo deixarem seus cargos se quiserem voos maiores, já entra para a galeria política do ano como um bom retrato da largada da pré-corrida eleitoral na raia da direita para 2026.

Bolsonaro comemorou os resultados da manifestação, essenciais para mostrar que tem força popular para continuar se apresentando como presidenciável, mesmo inelegível e sob risco de ser preso, "até os 48 minutos do segundo tempo". "É ele o candidato, e não tem outra opção. Vamos trabalhar muito, e com muita gente, para conseguir isso", diz o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Até lá, o capitão luta contra o derretimento de seu capital político e a pulverização precoce de seu eleitorado, com o surgimento de opções mais viáveis à direita, o que poderia

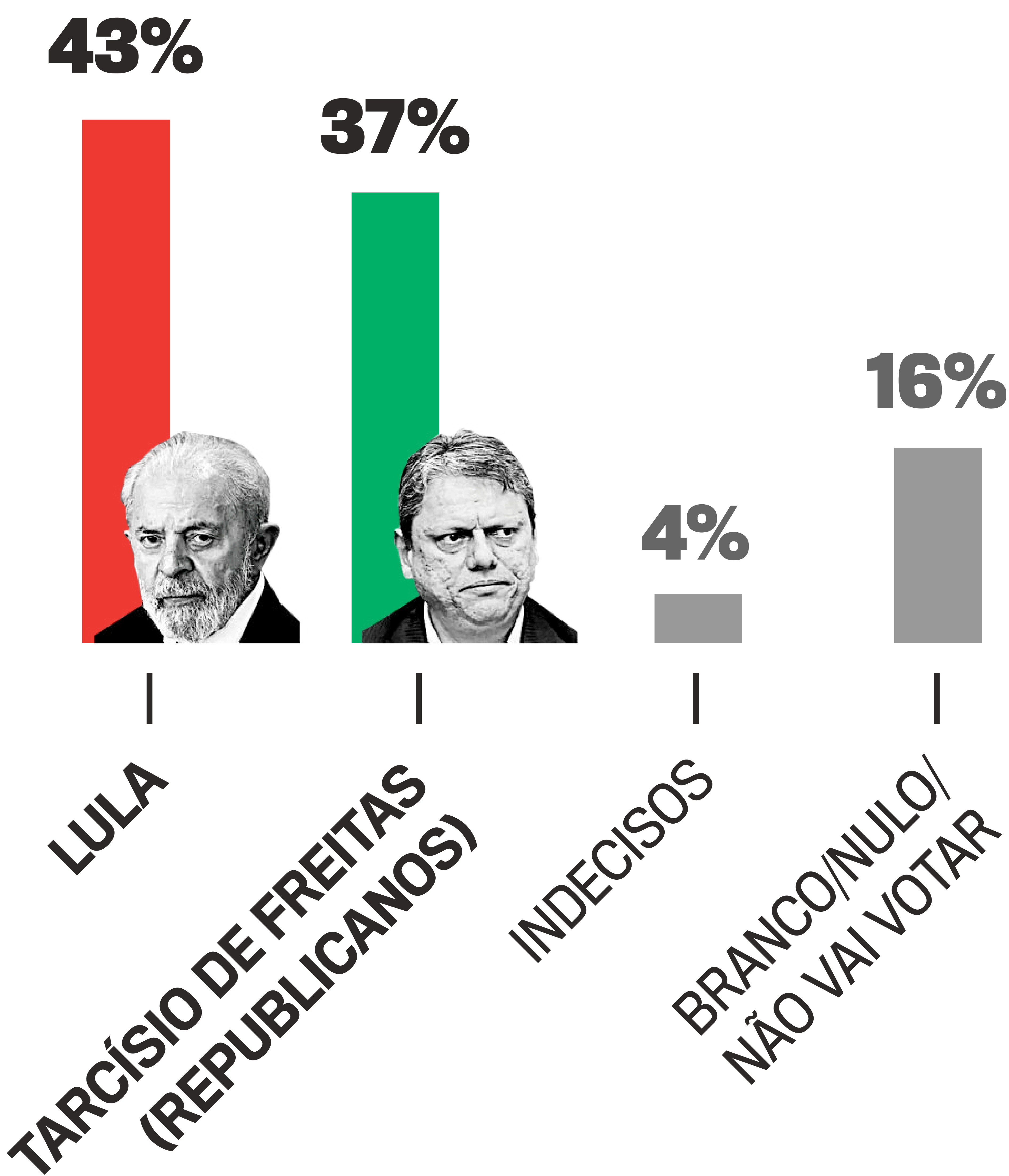
enfraquecê-lo no momento em que é réu acusado de liderar uma tentativa de golpe de Estado.

A presença dos governadores no palanque se mostrou importante no momento em que ele tenta arregimentar apoio político à anistia. A campanha virou a prioridade da

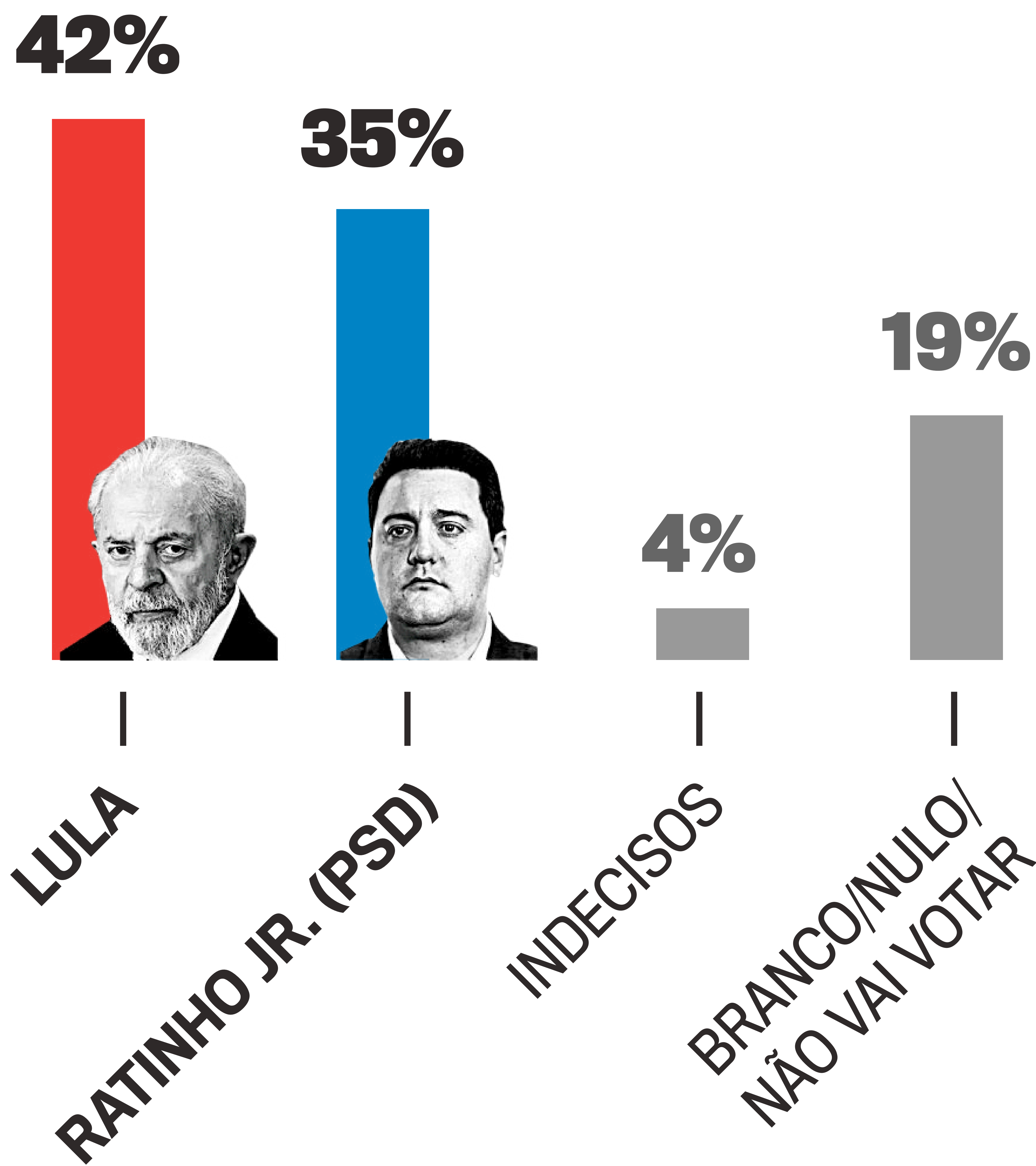
GRID PROVISÓRIO

Como se sairiam hoje os governadores em uma disputa direta com Lula e sem Bolsonaro

LULA X TARCÍSIO

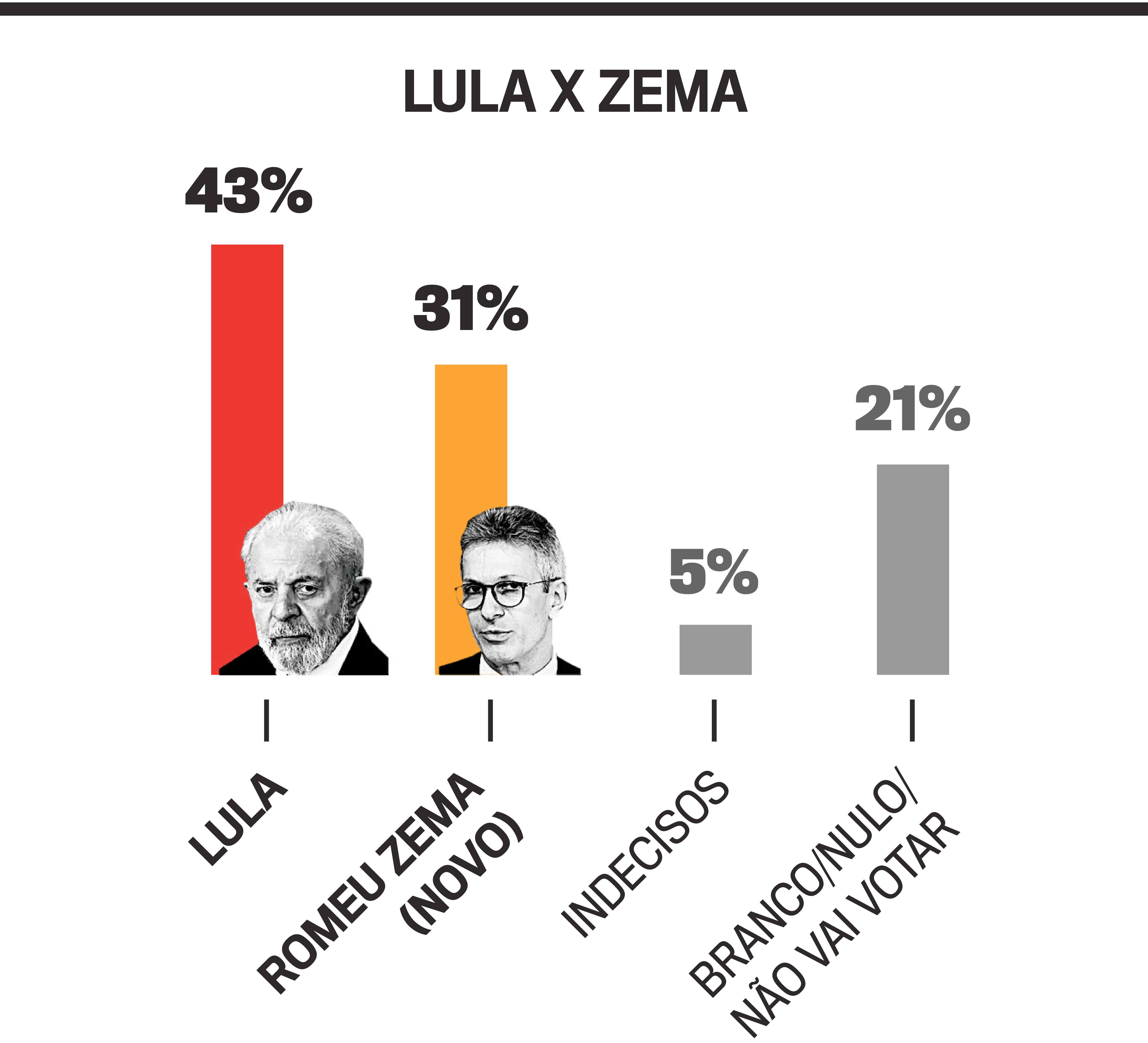


direita, que se articula na Câmara para tentar aprovar a tramitação da proposta em regime de urgência. Apesar do engajamento maciço do PL, ainda faltavam dez assinaturas para o mínimo de 257 necessárias até a tarde de quinta 10, principalmente por causa da divisão sobre o tema entre as legendas do Centrão. A adesão ao movimento tem sido bem mais baixa em partidos como PSD, União Brasil e Republicanos. Daí a relevância de governadores dessas legendas, como Tarcísio de Freitas (Republicanos), Ratinho Jr.

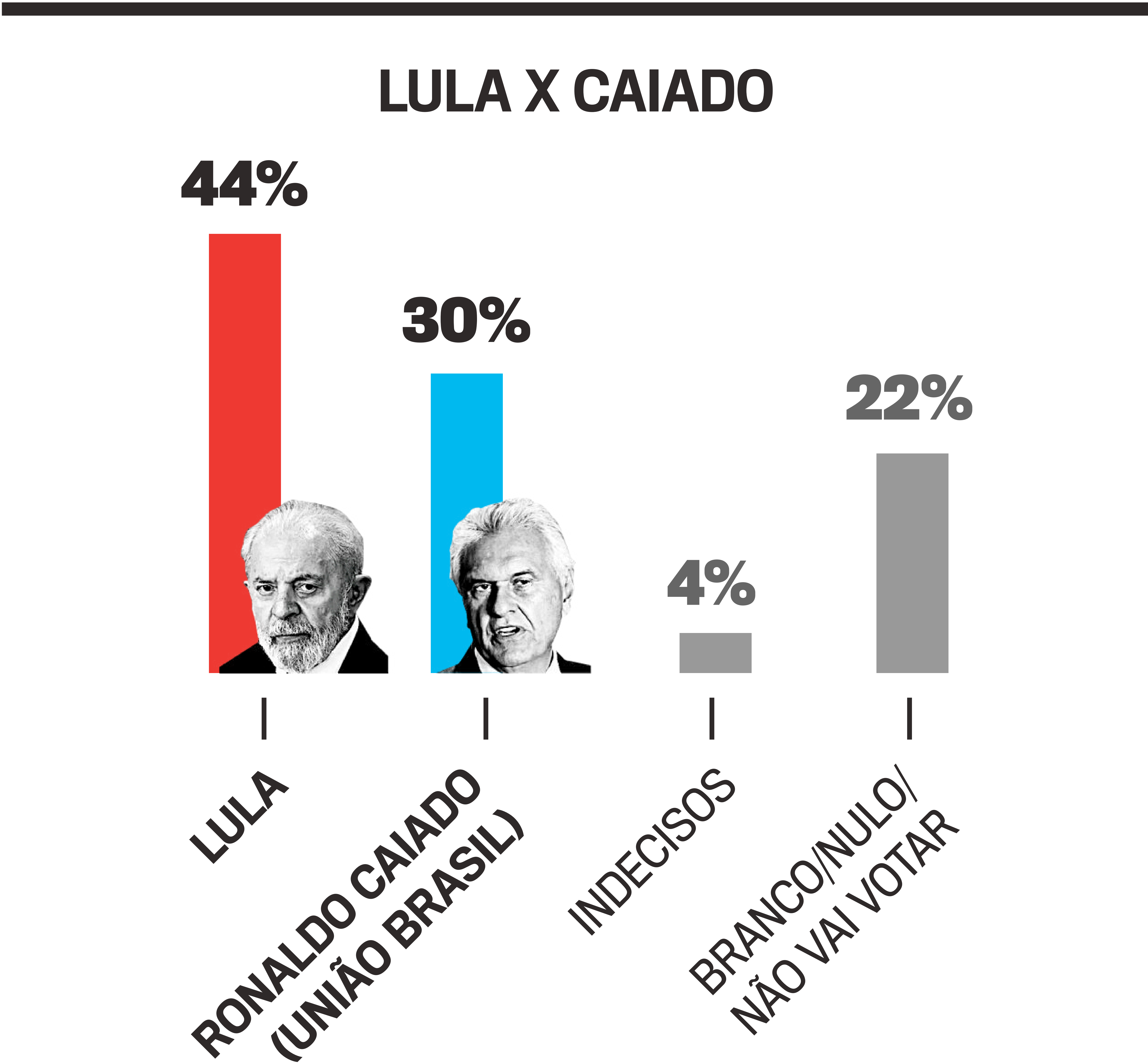


(PSD) e Ronaldo Caiado (União Brasil), terem ido a um ato em que a defesa da anistia era a pauta central. Os três fizeram questão de aumentar o tom nas últimas semanas, condenando o que classificam de penas "exageradas" e que beiram a "perseguição política".

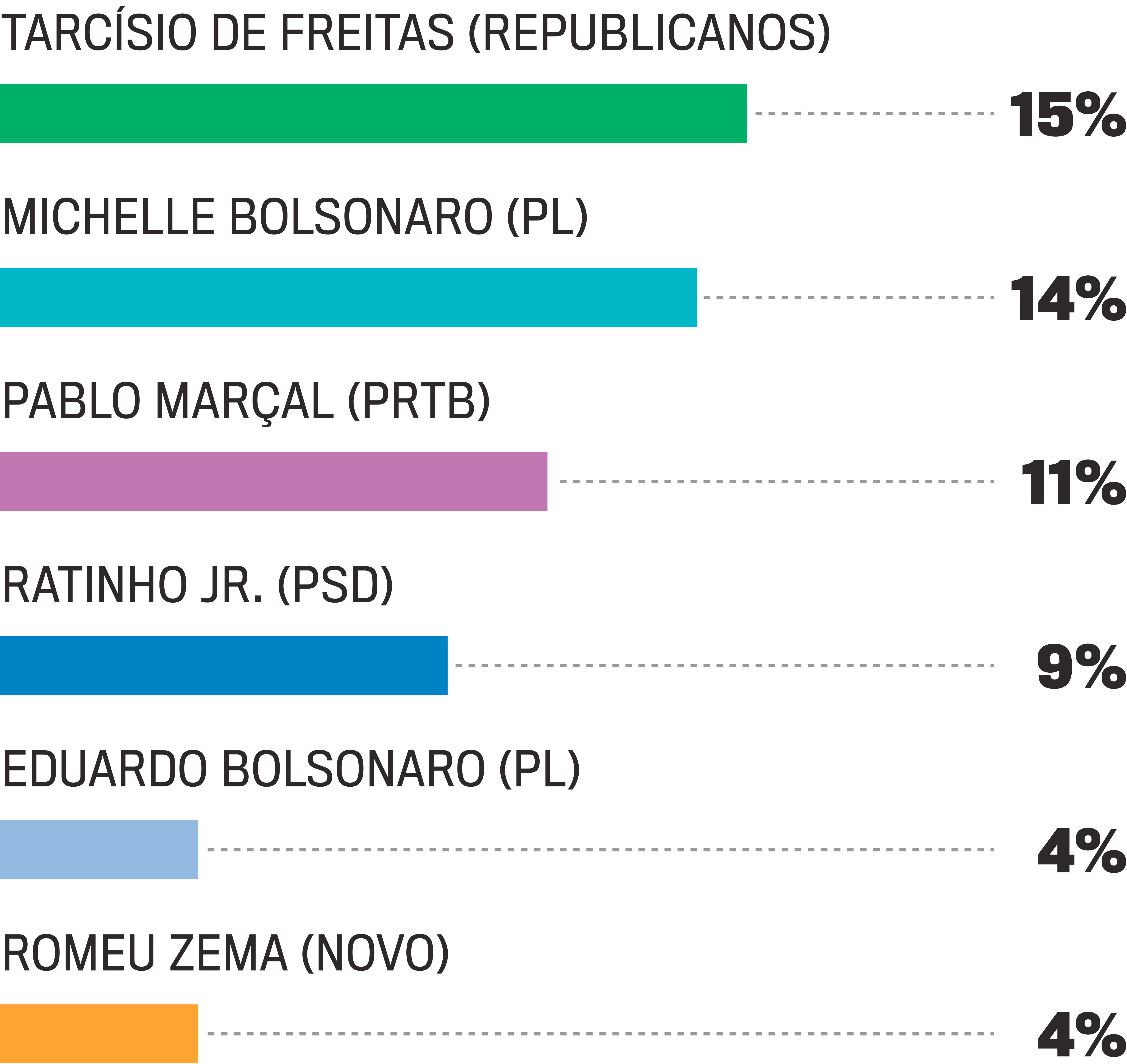
O envolvimento político maior de governadores pode influenciar as bancadas e ajudar o tema a andar na Câmara. Mas não é tarefa simples. A resistência vem até de um cacique do Republicanos, o presidente da Casa, Hugo Motta, que



dá seguidas demonstrações de que não vai priorizar a agenda bolsonarista. Na última semana, ele decidiu pautar quatro projetos de interesse do Judiciário com pedidos de urgência e ignorou a anistia, o que serviu para inflamar mais os ânimos da direita, que já havia feito duros ataques ao deputado no ato na Paulista. “Hugo Motta fica jogando sujo e pedindo para que deputados do próprio Republicanos não assinem o pedido de urgência para a anistia”, disse a VEJA o pastor Silas Malafaia, organizador e financiador da manifestação.



O jogo dos governadores é diferente. Bem colocados nas pesquisas que os testam como rivais de Lula no segundo turno *(veja o quadro "Grid provisório")*, eles sabem que para chegar lá não podem estar brigados com Bolsonaro nem distantes de seus apoiadores. É uma percepção que certa-

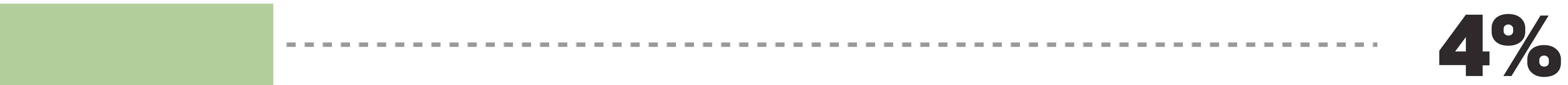


mente passou por Ronaldo Caiado, que não foi ao ato de Copacabana em 16 de março, mas decidiu ir à Paulista depois de ter lançado sua pré-candidatura em evento esvaziado na Bahia. Parte do União Brasil poderia caminhar com o goiano desde que ele não bata de frente com o ex-presidente, como já ocorreu. Caiado sentiu o tamanho do desafio que será pôr uma candidatura presidencial de pé e, já no dia seguinte, confirmou que iria ao ato em São Paulo. "Vamos respeitar cada pré-candidato. Cada um tem o seu espaço. A direita

RONALDO CAIADO (UNIÃO BRASIL)



EDUARDO LEITE (PSDB)



OUTROS



NENHUM DESSES



NÃO SABE/NÃO RESPONDEU



Fonte: *pesquisa Genial/Quaest feita entre os dias 27 e 31 de março, com 2 004 eleitores. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos*

conservadora está totalmente articulada", dizia ele no ato da Avenida Paulista, enquanto conversava com Tarcísio, Zema e Ratinho Jr., seus concorrentes. "Bolsonaro tem capital político, mas não para ser votado. Esses governadores querem esse naco de poder simbólico, porque querem se credenciar para 2026, ou até mais para frente", avalia Rodrigo Prando, professor da Universidade Mackenzie.

Apesar de suas estratégias, os governadores sabem que Bolsonaro não será tão cedo um aliado eleitoral. Além de tudo o que tem feito pela anistia, que muitos acreditam que poderia beneficiá-lo, ele manterá sua candidatura na rua. Nesta semana, iniciou caravana pelo país, que batizou de Rota 22, em alusão ao número do PL. A primeira parada está prevista para sexta 11, no Rio Grande Norte, estado do senador Rogério Marinho, secretário-geral do PL. Equipes da sigla passaram semanas por lá fazendo a investigação de campo. "A ideia é capacitar lideranças, entender as dificuldades de cada região e fortalecer o PL, para que isso transpareça nas candidaturas do partido", afirma Marinho.

Falta, claro, combinar esse futuro político com o STF. A expectativa é de que a ação por tentativa de golpe de Estado seja julgada pelo Supremo ainda neste ano, para evitar uma contaminação (ainda maior) do processo eleitoral. Se a ideia se concretizar, é possível que o ex-presidente passe ao status de condenado antes do Natal, o que pode tirá-lo da vida política para sempre, já que não é possível ser candidato com uma sentença criminal nas costas.



MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

OPÇÃO FAMILIAR Michelle Bolsonaro discursa na Paulista à frente de Jair, Carlos, Flávio e Renan: ex-primeira-dama aparece com força em pesquisas

Nada garante que, chegados os "48 minutos do segundo tempo", Bolsonaro de fato indicará algum dos governadores. O ex-presidente tem ventilado o nome do filho Eduardo Bolsonaro (PL-SP), deputado que decidiu se "autoexilar" nos EUA. O capitão teria o Zero Três como vice na chapa, emulando a estratégia usada por Lula e Fernando Haddad em 2018. Outro nome é o de Michelle Bolsonaro, que, apesar de "vetada" pelo marido, tem o apoio de Valdemar e Malafaia. "Ela tem os evangélicos, tem as mulheres e tem a força do bolsonarismo", elenca o pastor. Na Paulista, ela discursou ladeada pelo clã Bolsonaro, defendeu a anistia e até comprou briga com o "colega aí da faixinha do Lula" ao se dirigir a um homem que colocou um adereço do petista em sua janela durante o ato.

Apesar de o ex-presidente ter feito algumas sinalizações a uma chapa familiar, o mais provável mesmo é que passe até o fim deste ano a tocha da direita para algum aliado. Favorito a assumir esse posto pela relação próxima a Bolsonaro, Tarcísio de Freitas nega a pretensão, mas vem cada vez mais nacionalizando seu discurso. Resta saber, contudo, qual é o tamanho do risco que ele estará disposto a correr. "Se Tarcísio não se sentir seguro, é difícil que troque uma reeleição segura em São Paulo por uma tentativa presidencial", diz o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV.



MAURICIO TONETTO/SECOM

CONVERSA Zema e Eduardo Leite em Porto Alegre: acenos mútuos

Enquanto Tarcísio não se decide, outros postulantes se movimentam. Um deles é o governador Eduardo Leite (PSDB), do Rio Grande do Sul, que, em evento recente ao lado de Zema em Porto Alegre, falou em "tirar esse governo do qual nós divergimos" e disse que poderia abrir mão da sua pretensão se Zema ou outro nome for mais viável. A candidatura de Tarcísio ao Palácio do Planalto é vista nos bastidores como única via capaz de evitar uma divisão da direita entre várias candidaturas em 2026. O outro desafio do grupo é marchar com o apoio do capitão — só falta combinar isso com Bolsonaro. ■



MURILLO DE ARAGÃO

MULHERES NA POLÍTICA

Projeto em debate no Congresso prejudica a representação feminina

UM DEBATE no Congresso pode potencialmente reduzir os espaços das mulheres na política. O novo Código Eleitoral (PLP 112/21), atualmente analisado pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, propõe mudanças significativas nas regras de participação feminina na política brasileira. Uma das alterações mais impactantes é a substituição da atual exigência de 30% das candidaturas serem preenchidas por mulheres por uma regra que reserva 20% das cadeiras no Legislativo às candidatas eleitas.

A proposta levanta preocupações quanto a um possível retrocesso, pois a reserva de cadeiras substituiria completamente a atual obrigatoriedade de candidaturas femininas e teria validade por 20 anos. O projeto também elimina punições aos partidos que descumprirem as novas regras, gerando forte reação da bancada feminina.

Nesse contexto, pensando de maneira inovadora, o Brasil poderia considerar uma divisão igualitária das cadeiras legislativas entre homens e mulheres, proporcional



à população, especialmente na Câmara dos Deputados. Cada eleitor poderia votar em dois candidatos, um homem e uma mulher, garantindo uma composição equilibrada. Essa proposta traria impactos positivos imediatos, como a efetiva igualdade de gênero no Legislativo, refletindo com fidelidade a composição da sociedade brasileira, que é predominantemente feminina. A representatividade real das mulheres seria ampliada, criando um ambiente político mais inclusivo e democrático.

A eliminação definitiva das candidaturas laranjas seria outro benefício claro dessa abordagem, já que o voto obrigatório em candidatos de ambos os gêneros estimularia o fortalecimento de candidaturas femininas genuínas. Além disso, haveria uma ampliação significativa do debate público sobre temas historicamente negligenciados, tais como políticas públicas voltadas para mulheres, saúde, edu-

“Ações afirmativas podem aproximar os sistemas políticos da desejada igualdade de gênero”

cação e combate à violência de gênero. Essa proposta também incentivaria diretamente a formação e qualificação de novas lideranças femininas, ampliando a diversidade de perfis políticos e promovendo uma constante renovação da representação parlamentar.

Embora nenhum país tenha implementado formalmente uma divisão igualitária das cadeiras legislativas por gênero, várias nações têm adotado medidas significativas para promover a paridade de gênero. Países como Islândia, Suécia, Finlândia e Noruega lideram mundialmente a representação feminina em seus parlamentos. Esses exemplos internacionais demonstram que políticas efetivas e medidas afirmativas podem aproximar os sistemas políticos da desejada igualdade de gênero, enriquecendo a democracia e tornando-a mais representativa e justa.

Vale lembrar que o Brasil foi o primeiro país da região a permitir a participação feminina nas eleições, fato ocorrido em 24 de fevereiro de 1932. Esse avanço foi fruto de uma intensa mobilização liderada por movimentos feministas, especialmente pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, cuja atuação destacada teve em Bertha Lutz uma das figuras mais emblemáticas e decisivas para a conquista dos direitos políticos das mulheres brasileiras. ■

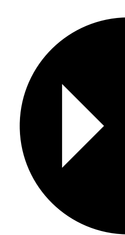
DRAMA SEM FIM

Novos episódios de alagamentos e deslizamentos pelo país expõem, mais uma vez, a falta de preparo do poder público para enfrentar um desafio que só vai crescer

BRUNO CANIATO



ILHADA Moradora em Duque de Caxias: um dos municípios mais castigados pela enxurrada recente



DOMINGOS PEIXOTO/AGÊNCIA O GLOBO

EM FEVEREIRO de 2022, ao menos 93 pessoas morreram no Morro da Oficina, em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. Aquela tragédia foi a mais aguda da história, mas apenas mais um drama entre tantos que assolam a comunidade ao longo dos tempos. Há poucos dias, o cenário voltou a ser de enxurradas e desabamentos. As obras de contenção, inacabadas ou sequer iniciadas, não puderam impedir os estragos. O cenário fez a União reconhecer o estado de emergência, o que se estendeu a outras cidades, como Angra dos Reis e Duque de Caxias. Tragédias anunciadas, os casos voltam a expor a dificuldade que o poder público tem para enfrentar um problema que tende a ser cada vez mais desafiador.

O drama fluminense, que se repetiu em outros locais do Brasil, ocorre um ano após a população assistir, estarrecida, à catástrofe que devastou 95% do Rio Grande do Sul e ceifou a vida de 183 pessoas, na maior tragédia climática da história do estado. Apesar do volume massivo de recursos que o governo federal liberou para responder à crise — 81,4 bilhões de reais —, a reconstrução encontra percalços. Basta dizer que 468 gaúchos ainda não conseguiram retornar a suas casas. Em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, que voltou a sofrer com deslizamentos de terra, começaram há pouco as obras em estradas e colégios destruídos na tragédia do ano passado. Em Canoas, há escolas com aulas suspensas, como a Emei Vó Picucha, que foi destruída por três eventos climáticos extremos em menos de dois anos.



DAVI CORREA/AGÊNCIA ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO

RUÍNAS Petrópolis: obras de contenção não deram conta da fúria da natureza

A necessidade de uma nova postura é urgente porque os desastres climáticos não só vêm piorando como vão continuar a piorar. No ano passado, 3 620 alertas de riscos geológicos e hidrológicos foram emitidos pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), maior número em catorze anos de monitoramento. Segundo o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, 1 920 municípios (um terço do total) estão em situação de alta vulnerabilidade para desastres, mais que o dobro de 2012 *(veja o quadro ao lado).* “Há risco de tragédias mais frequentes em virtude da expansão urbana em áreas suscetíveis, além da intensificação de eventos extremos de clima em áreas vulnerabilizadas”, diz Regina Alvalá, diretora do Cemaden.

ESTADO DE ALERTA



O número de avisos de desastres no Brasil no ano passado foi o maior desde 2011

1768

pessoas morreram em tragédias climáticas nos últimos dez anos no país*

1690

desastres desse tipo foram registrados no ano passado, alta de 70% em cinco anos**

3 620

alertas foram emitidos em 2024, o maior número em catorze anos de monitoramento**

1 em cada 3

municípios brasileiros está em alta vulnerabilidade para desastres — 136% a mais do que no levantamento de 2012*

9 milhões

de pessoas vivem em áreas de risco, sendo dois terços no Sudeste e no Nordeste*

Fontes: **Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2iD) – Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional ; **Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações*


GOVERNO DE RONDÔNIA

EXTREMOS Via coberta no estado de Rondônia: após seca, Amazônia tem alagamentos

A despeito do perigo crescente e do estado de choque em que ficou o país com a tragédia gaúcha, o assunto praticamente sumiu da pauta política. Para especialistas, as cidades vivem um vácuo completo na gestão de riscos e catástrofes, com baixo efetivo de agentes especializados, falta de carreiras estruturadas na Defesa Civil e ausência quase total de planos de contingência e emergência. "Sobram recursos para reconstruir as áreas afetadas e socorrer as vítimas, mas não há mapeamento de rotas de fuga e abrigos ou formação de lideranças comunitárias para evitar mortes durante os desastres", avalia Jordan Souza, coordenador da pós-graduação em gestão pública e defesa civil da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Os municípios dizem que não podem enfrentar a questão sozinhos e reclamam que são os mais responsabilizados pela população por terem de lidar diretamente com os impactos dos desastres. Segundo a Confederação Nacional de Municípios (CNM), haverá cada vez mais danos e prejuízos se as cidades não tiverem o efetivo apoio que a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil determina à União. “O Brasil somente se tornará um país resiliente e preparado para enfrentar desastres quando os municípios se tornarem resilientes e preparados para dar a devida resposta à população na ocorrência de desastres”, afirma Paulo Ziulkoski, presidente da entidade. O despreparo é alarmante: 57% das cidades não possuem nenhum sistema de alerta. Entre 2020 e 2024, a União liberou 3 bilhões de reais aos municípios para prevenção, resposta e recuperação de desastres, dinheiro considerado insuficiente — a estimativa da CNM é que nesse período o clima tenha provocado prejuízos de 544 bilhões de reais.

A resposta em grande escala tem ocorrido apenas de forma reativa. Somente em 2024, o governo federal reconheceu situações de emergência ou calamidade em mais de 2 200 municípios, o que permitiu liberar verbas emergenciais para remediar o problema. Em contrapartida, o planejamento da prevenção e redução de riscos se arrasta em Brasília. Um bom exemplo é o Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil, previsto em medida provisória de Dilma Rousseff em 2011, mas que só começou a ser feito em 2023.


BRUNA OURIQUE/PMC

ROTINA Emei Vó Picucha, destelhada em Canoas: a escola foi afetada por três desastres climáticos em dois anos

O lançamento, que seria em junho de 2024, ainda não ocorreu. O ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, reconhece o atraso, mas diz que as políticas contempladas no documento já estão em implementação *(leia a entrevista "“Preparação é questão cultural”")*.

Em meio às profundas mudanças climáticas que afetam o planeta e ao aquecimento global acelerado, os estudos meteorológicos apontam para a crescente frequência e intensidade de eventos extremos nos próximos anos. Os riscos variam conforme as regiões e, por vezes, as mudanças climáticas resultam em cenários discrepantes em uma mesma região. Um exemplo é a Amazônia, que vive episódios

quase simultâneos de chuvas intensas e de estiagem severa. Em fevereiro de 2024, enquanto o Acre era castigado por temporais que desalojaram mais de 24 000 pessoas, Roraima liderava o ranking nacional de focos de incêndio. Em Rondônia, entre outubro de 2024 e abril deste ano, o Rio Madeira passou de uma seca histórica para um quadro de enchentes, subindo mais de 16 metros em seis meses.

Os investimentos em Defesa Civil e tecnologia, ainda que urgentes, precisam ser acompanhados também por iniciativas de proteção ambiental, capazes de frear a rápida elevação das temperaturas no planeta. Nesse âmbito, uma proposta crucial está na pauta da Câmara dos Deputados: a Lei do Mar, que amplia as normas de preservação dos ecossistemas da costa brasileira. Segundo especialistas, a vegetação costeira é essencial para a absorção de carbono na atmosfera, serve de proteção para cidades litorâneas contra o aumento do nível do mar e ajuda a desacelerar o aquecimento dos oceanos, fenômeno que intensifica os desastres climáticos por todo o continente. "Um oceano febril, como temos hoje, absorve menos temperatura da atmosfera e altera as circulações de massas de ar, o que agrava eventos extremos tanto de chuvas quanto de seca", explica Ronaldo Christofoletti, pesquisador da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e representante da Unesco no Brasil.

Elaborar e implementar uma política eficiente de enfrentamento a desastres climáticos, capaz de integrar



CRISTINE ROCHOL/PMPA

ESPERA Abrigo no Rio Grande do Sul: 468 gaúchos ainda estão sem casa

ações federais aos governos estaduais e municipais, não é simples. Além de investimentos pesados em tecnologia, defesa civil e infraestrutura, a missão exige uma mudança de mentalidade da população em relação aos riscos e, acima de tudo, muita vontade política. A dificuldade da empreitada, no entanto, não pode ser argumento para adiar uma discussão que, há muito, se encontra defasada. Enquanto as autoridades, em todos os níveis, priorizarem a estratégia de reação às catástrofes, deixando em segundo plano a prevenção e contenção de danos, o risco é de que, cada vez mais, os eventos climáticos extremos voltem a provocar catástrofes país afora. ■


FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

ATUAÇÃO Góes: apesar de atraso, plano está em prática, diz ministro

"PREPARAÇÃO É QUESTÃO CULTURAL"

Apesar do atraso na entrega do Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil, o ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, afirma que as diretrizes do documento já são postas em prática e que o governo está avançando nas ações de resposta a tragédias nos municípios.

Quais são os pilares do plano que será lançado? Ele aborda a prevenção e a preparação nacional para lidar com desastres e criar resiliência a partir da atuação tripartite entre governo federal, estados e municípios.

O plano foi prometido para junho de 2024, mas ainda

não foi lançado. Qual é a razão do adiamento? Ele está pronto e está sendo praticado. Houve um atraso no lançamento em razão dos problemas de saúde do presidente Lula no ano passado. Mas já temos o primeiro produto, o Defesa Civil Alerta nos celulares, que foi desenvolvido junto com o Ministério das Comunicações e está a serviço do Brasil. Mesmo antes que o plano estivesse pronto, tivemos a atuação da União na resposta organizada às chuvas no Rio Grande do Sul e no Litoral Norte de São Paulo e nos incêndios no Cerrado e no Pantanal. Continuamos trabalhando a prevenção e a mitigação de riscos, de maneira que essa atuação salve vidas e proteja o patrimônio.

Mesmo com o novo serviço de alertas e os recursos emergenciais liberados pela União, os municípios ainda estão despreparados para as tragédias climáticas. O que falta para melhorar esse cenário? A preparação para enfrentar os desastres é uma questão cultural. Muitas pessoas se assustaram quando fizemos os primeiros usos do Defesa Civil Alerta. Com o plano nacional e as políticas públicas sendo implementadas, a população começará a entender que os governos locais, sob a supervisão federal, têm estratégias de contingência, com alertas para as áreas afetadas, rotas de fuga e locais para abrigo. A frequência e a intensidade dos eventos não vão diminuir, mas não tenho dúvida de que a resiliência aumentará a cada dia.

A VEZ DO EX-MINISTRO

Lula já resgatou praticamente todos os antigos companheiros que, pelas mais variadas razões, pareciam condenados ao ostracismo. Mas ainda falta um **HUGO MARQUES**



MONTAGEM COM FOTOS AGÊNCIA BRASIL; AFP; PR; ISTOCK/GETTY IMAGES

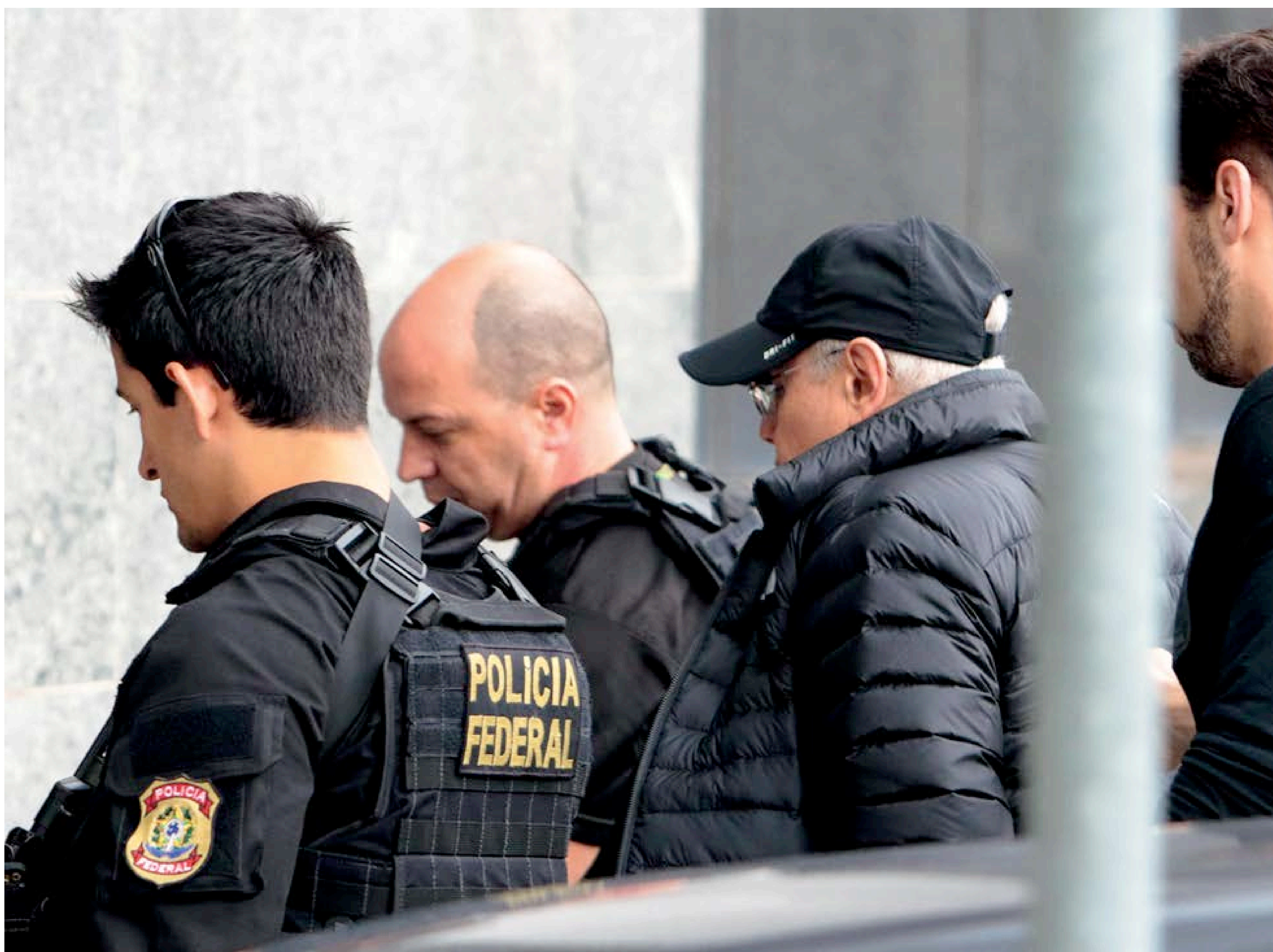
DESDE QUE LULA conquistou o terceiro mandato, uma espécie de operação resgate começou a ser colocada em prática pelo governo. Petistas que ao longo dos últimos anos foram investigados, condenados e até presos por crimes como corrupção passaram a se dedicar a recuperar o prestígio e reescrever a própria história ou, no mínimo, maquiá-la. O impeachment da Dilma Rousseff, por exemplo, é tratado como um golpe congressual movido por interesses subalternos, associados a uma dose de preconceito contra as mulheres. Narrativa difícil de engolir, mas o que vale é a versão martelada à exaustão. Para demonstrar a capacidade e a competência da ex-presidente, que nem sequer conseguiu se eleger para um cargo no Congresso após deixar o Planalto, ela foi nomeada para comandar o Novo Banco de Desenvolvimento, mais um empurrãozinho dos companheiros a levou ao banco do Brics, como a instituição é conhecida. Assim, trocou o modesto apartamento em Porto Alegre por uma confortável residência em Xangai, na China, a pensão do INSS ganhou um reforço de 50 000 dólares mensais e ela voltou a ter uma rotina de reuniões com chefes de Estado e autoridades de vários países. Vez por outra, até arrisca alguns pal-

REABILITADOS O time que o petista nunca esqueceu: a ex-presidente Dilma, o ex-ministro José Dirceu, os ex-deputados João Paulo Cunha e José Genoino, o ex-governador Fernando Pimentel e os ex-tesoureiros Delúbio Soares e João Vaccari

pites sobre a economia mundial. Dilma, sem dúvida, é um caso de redenção bem-sucedido.

O mesmo, por enquanto, não se pode dizer de um personagem singular que submergiu junto com a ex-presidente. Guido Mantega foi o todo-poderoso ministro da Fazenda durante nove anos de governo petista — do final do primeiro mandato de Lula até quase o final do governo Dilma. Ele é apontado como responsável por erros na condução da política econômica e pelas manobras contábeis que resultaram na cassação do mandato da petista. Ao deixar o governo, ele foi atropelado por uma avalanche de denúncias, acabou preso durante a Lava-Jato e chegou a admitir que mantinha uma conta não declarada na Suíça. Os processos contra o ex-ministro, alguns sustentados apenas em delações premiadas, foram arquivados por falta de provas ou prescreveram por inação da Justiça. Desde então, Lula tenta içar o antigo auxiliar às hostes do poder. A última incursão aconteceu na semana passada, quando o ex-ministro foi convidado para integrar o conselho fiscal da Eletrobras, a antiga estatal do setor elétrico, privatizada durante o governo Bolsonaro. A indicação, que ocorreu dias após o arquivamento de um processo em que o ex-ministro era acusado de lavagem de dinheiro, ainda precisa do aval dos acionistas.

Não é a primeira vez que Lula estende a mão ao ex-aliado. Durante a transição de governo, em 2022, o presidente convidou o ex-ministro para compor o grupo responsável por traçar as metas de planejamento, orçamento e gestão do



MIGUEL SCHINCARIOL / AFP

AVALANCHE Mantega *(de boné):* prisão durante as investigações da Operação Lava-Jato

terceiro mandato, mas foi obrigado a afastá-lo da função ao ser informado de que havia uma condenação imposta pelo Tribunal de Contas da União (TCU) impedindo o ex-ministro de ocupar públicos. Depois disso, o presidente fez gestões para incluir Mantega no conselho de administração da mineradora Vale. A reação negativa do mercado financeiro inviabilizou a ideia. No ano passado, o alvo do lobby foi a petroquímica Braskem. Apenas os rumores sobre essa intenção provocaram uma queda nas ações da empresa. O presidente desistiu. Enquanto aguardava nova oportunidade, o ex-ministro dava aulas on-line na Fundação Perseu

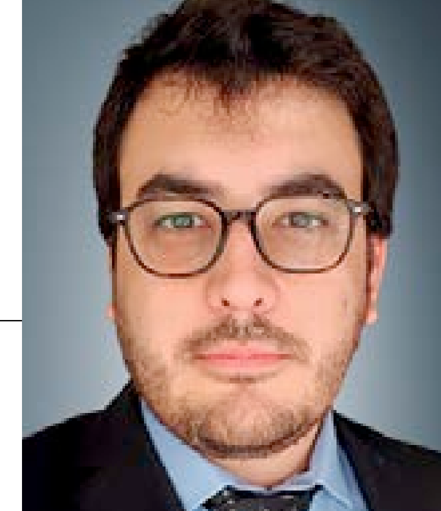
Abramo, entidade ligada ao PT, e prestava consultoria a alguns clientes específicos, como o Banco Master, às voltas recentemente numa controversa operação financeira de venda de ações para o BRB, instituição financeira controlada pelo governo do Distrito Federal.

Se tudo der certo, Mantega vai se somar a um grupo de "anistiados" do qual já fazem parte, além de Dilma Rousseff, o ex-ministro José Dirceu (condenado por corrupção), os ex-deputados João Paulo Cunha (condenado por corrupção) e José Genoino (condenado por corrupção), o ex-governador Fernando Pimentel (acusado de corrupção) e os ex-tesoureiros Delúbio Soares (condenado por corrupção) e João Vaccari Neto (condenado por corrupção). Desde a posse de Lula, o ex-ministro da Fazenda já esteve ao menos cinco vezes em Brasília para reuniões "de urgência" no "gabinete presidencial" e no "gabinete pessoal do presidente". As informações sobre as viagens, cujas passagens foram custeadas com dinheiro público, estão registradas no Portal da Transparência.

Indagado a respeito pela reportagem de VEJA, o Palácio do Planalto disse que "não houve agenda do presidente Lula com Guido Mantega nas datas citadas", porém se recusou a informar com quem então o ex-ministro teria se encontrado no gabinete pessoal e presidencial e o motivo da urgência. Procurado, Guido Mantega também não quis se pronunciar. A Eletrobras marcou para o próximo dia 29 a assembleia que vai decidir se aprova ou não a entrada do ex-ministro no conselho da empresa. ■

PEDRO GIL

Com reportagem
de Felipe Erlich



Questão de prioridade

O inquérito das milícias digitais, que inclui o bilionário sul-africano **Elon Musk,** está quase parado no STF desde que esquentou a investigação de tentativa de golpe de Estado. Nas últimas semanas, o ministro Alexandre de Moraes, relator de ambos os processos, tem questionado muito menos a rede social X, de Musk.

Dedos nervosos

O entorno de Musk tenta convencê-lo a não colocar mais “lenha na fogueira” com Moraes. Sem sucesso. Os torpedos contra o ministro no X não cessaram. “A intenção é apaziguar, mas nunca se sabe”, diz um interlocutor do bilionário radicado nos Estados Unidos.



MANDEL NGAN/AFP

SEM TRÉGUA Musk: o bilionário segue atirando contra Alexandre de Moraes

Voto de confiança

Michael Klein recuou na ofensiva para assumir o controle do Grupo Casas Bahia. Antes reticente, o empresário foi convencido de que os executivos que lá estão fazem um bom trabalho. Nos últimos dias, Klein

foi só elogios ao presidente, Renato Franklin, e ao diretor-financeiro, Élcio Ito. Procurado por VEJA, Klein não se manifestou.

Plano adiado

Apesar do "voto de confiança", Klein deve voltar à carga pelo conselho de administração no ano que vem, quando acaba o mandato da atual diretoria. Ele ainda quer "sangue novo" — mas sem causar traumas no mercado nem grandes mudanças na operação.

Segredo do sucesso

Sebastião Bomfim Filho, dono do Grupo SBF, que controla a varejista de artigos esportivos Centauro, está preocupado com o cenário econômico. Ele teme uma nova pressão, pela combinação de aumento de custos e vendas em queda. Enquanto pensa em soluções, foi alertado a não fazer movimentos bruscos, como cortar lojas e funcionários. Procurado por VEJA, Bomfim não se manifestou.

Selo de luxo

A incorporadora paulistana Mitre, dona da Daslu, vai licenciar a marca de luxo. A intenção é voltar a oferecer itens de casa, mesa e banho, como louças e roupa de cama, além de outros empreendimentos que queiram ter o selo Daslu.

Prédios com marca

A Mitre lançou seu primeiro prédio com a marca Daslu no bairro dos Jardins, em São Paulo. Com valor geral de vendas estimado em 600 milhões de reais, será entregue em

2028. A incorporadora está finalizando a aquisição de um terreno no mesmo bairro para o segundo lançamento de imóvel Daslu.

Très difficile

Um funcionário da diplomacia francesa atesta a dificuldade em fazer negócios no Brasil. "Todos sabem que nós, franceses, gostamos muito da administração pública, mas ficamos espantados com a burocracia brasileira quando chegamos aqui", diz o expatriado.

Apetite de negócios

Com capital aberto em Nova York, a Heidrick & Struggles, multinacional americana de search de executivos e serviços de consultoria avaliada em 1,2 bilhão de dólares, quer crescer no Brasil e avalia aquisições. "Nossa fome é grande", diz Paulo Mendes, sócio e presidente para a região da América Latina.

Namoro promissor

Recentemente, a H&S fechou uma parceria com a consultoria brasileira Chiefs Group, que oferece o serviço de "executivos sob demanda" — contratação de profissionais de alto escalão por projeto. "É um namoro que pode virar casamento", afirma Mendes. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora

vejaNegócios

Quem lê, decide.



Jornalismo independente trazendo a cobertura factual e analítica de assuntos de economia, negócios, finanças, tecnologia e ESG



NEWSLETTERS VEJA NEGÓCIOS

Fique bem informado com as newsletters de Abertura de Mercado e Meio do Dia



Escaneie o QR Code e compartilhe o que os executivos das grandes empresas conhecem



O TERREMOTO TRUMP

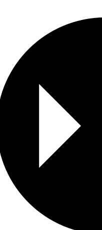
Movimentos erráticos da guerra comercial do presidente americano desencadeiam reações fortes, com destaque para a da China, geram prejuízos inclusive nos Estados Unidos e põem em debate os riscos de uma recessão global

DIOGO SCHELP, JULIANA ELIAS E **LUANA ZANOBIA**

MICHAEL NAGLE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

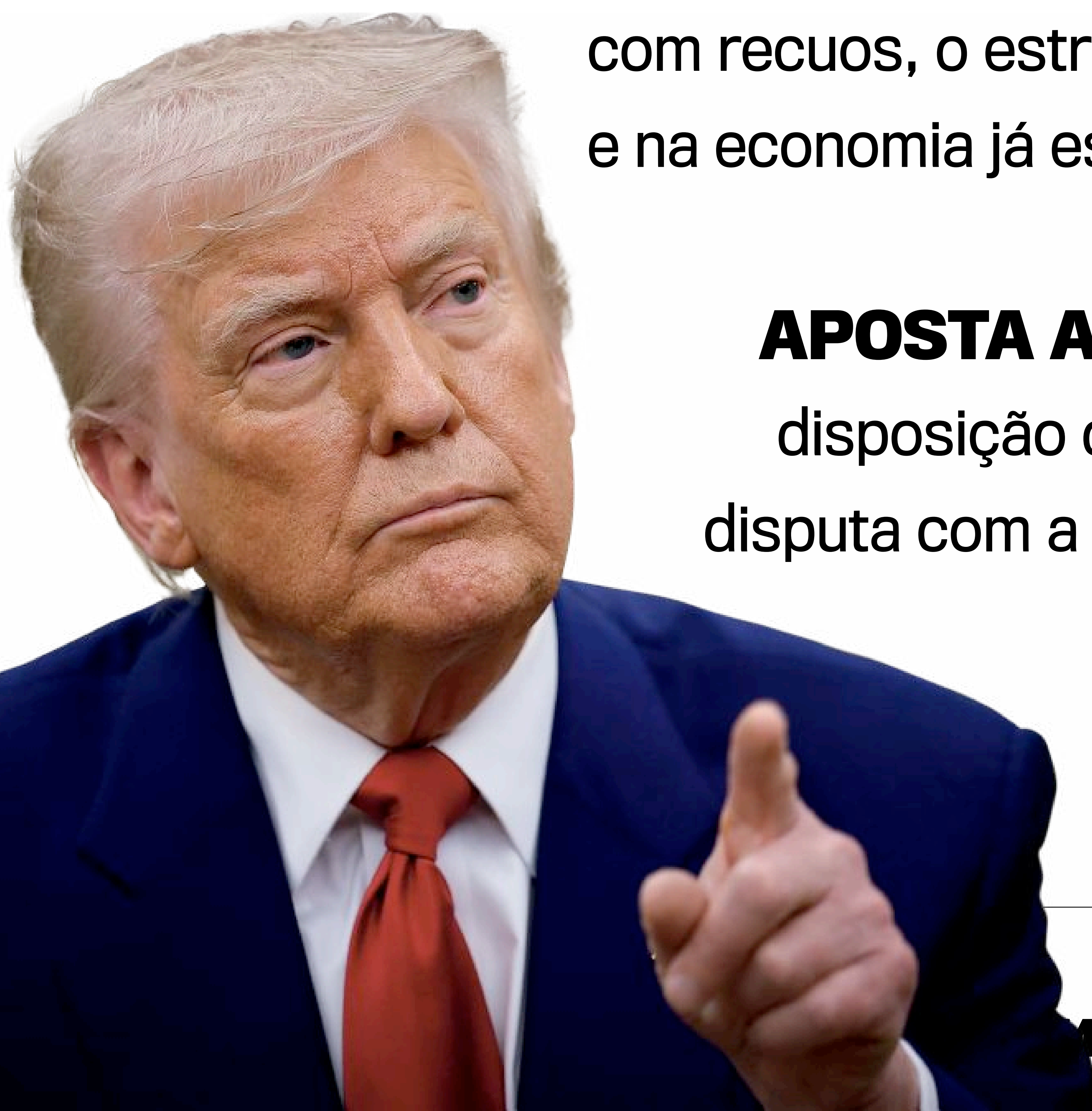


VOLATILIDADE Operador financeiro de Wall Street desespera-se na segunda 7: queda não vista desde a pandemia



CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS GERADAS POR PIKASO/FREEPIK.COM

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, criou o caos e depois o reduziu pela metade para parecer que é normal. Não é — e o estrago já está feito. Uma semana depois de anunciar tarifas de importação com potencial para transformar em escombros o sistema de comércio globalizado, produzir uma crise econômica dentro e fora do seu país e antecipar o possível declínio da supremacia americana, Trump suspendeu, por noventa dias, a parte mais arbitrária do seu pacote protecionista. Por ora, as taxas recíprocas, algumas altíssimas, que haviam sido atribuídas a nações com as quais os Estados Unidos mantêm déficit comercial, foram afastadas e substituídas pelo imposto básico adicional de 10% que produtos do mundo todo precisarão pagar para entrar no país. Trata-se, segundo Trump, de um gesto de boa vontade com quem decidiu não reagir ao tarifaço.



KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES

INDIFERENÇA Trump: mesmo com recuos, o estrago no comércio e na economia já está feito



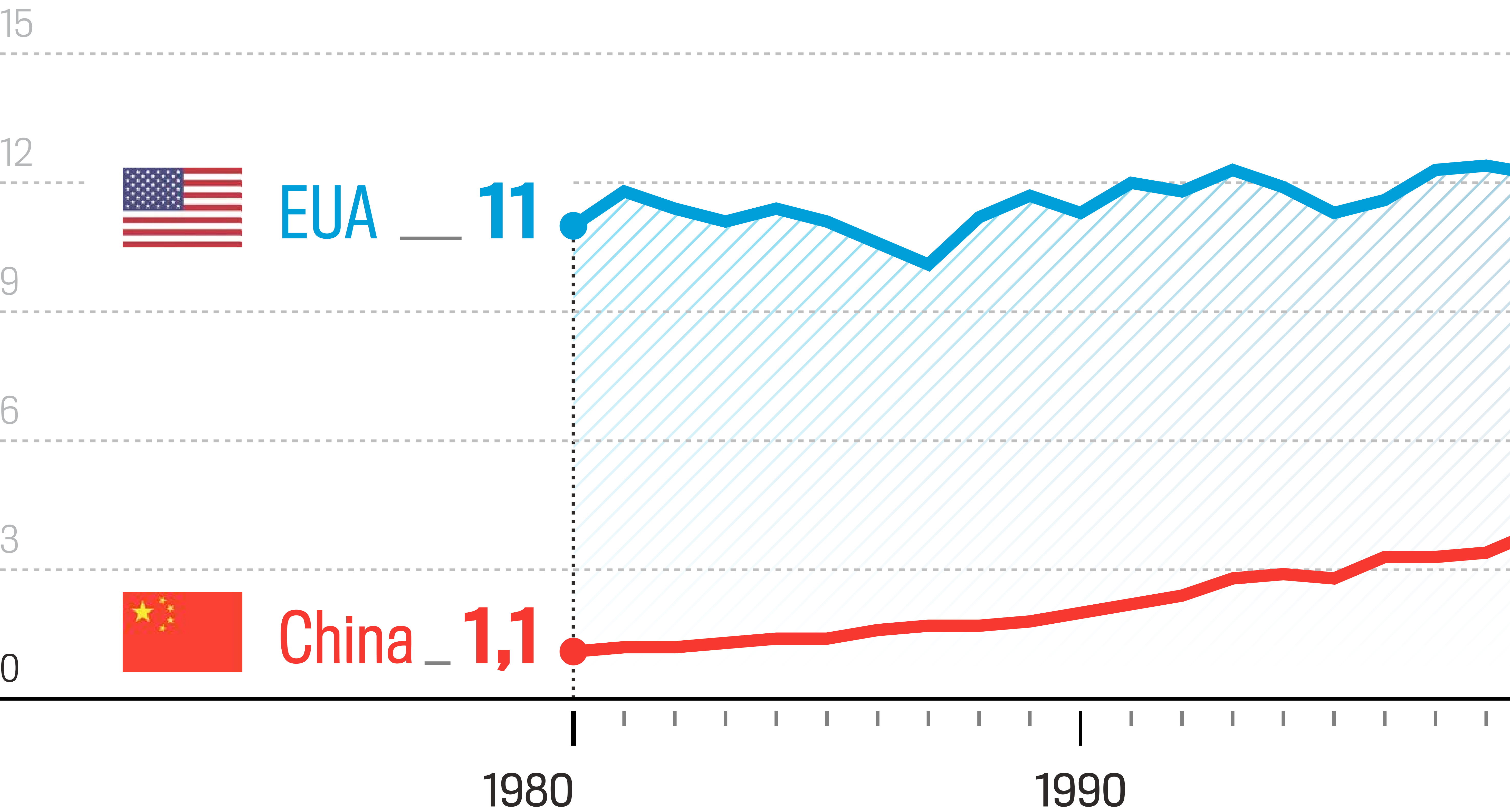
KEN ISHII/GETTY IMAGES

APOSTA ALTA Xi Jinping: disposição de ir até o fim na disputa com a potência rival

Houve um alívio momentâneo, já que nada parece impedir o presidente americano de voltar à carga. A União Europeia, que havia anunciado contramedidas à taxa inicial de 20% que lhe coube, voltou atrás para aproveitar o "benefício". Os governos de países como Vietnã e Camboja, que haviam sido contemplados com tarifas recíprocas absurdamente altas, e investidores nas bolsas de valores ao redor do globo, depois de uma semana de pânico, respiraram um pouco aliviados. O gesto de "boa von-

A VIRADA DA CHINA

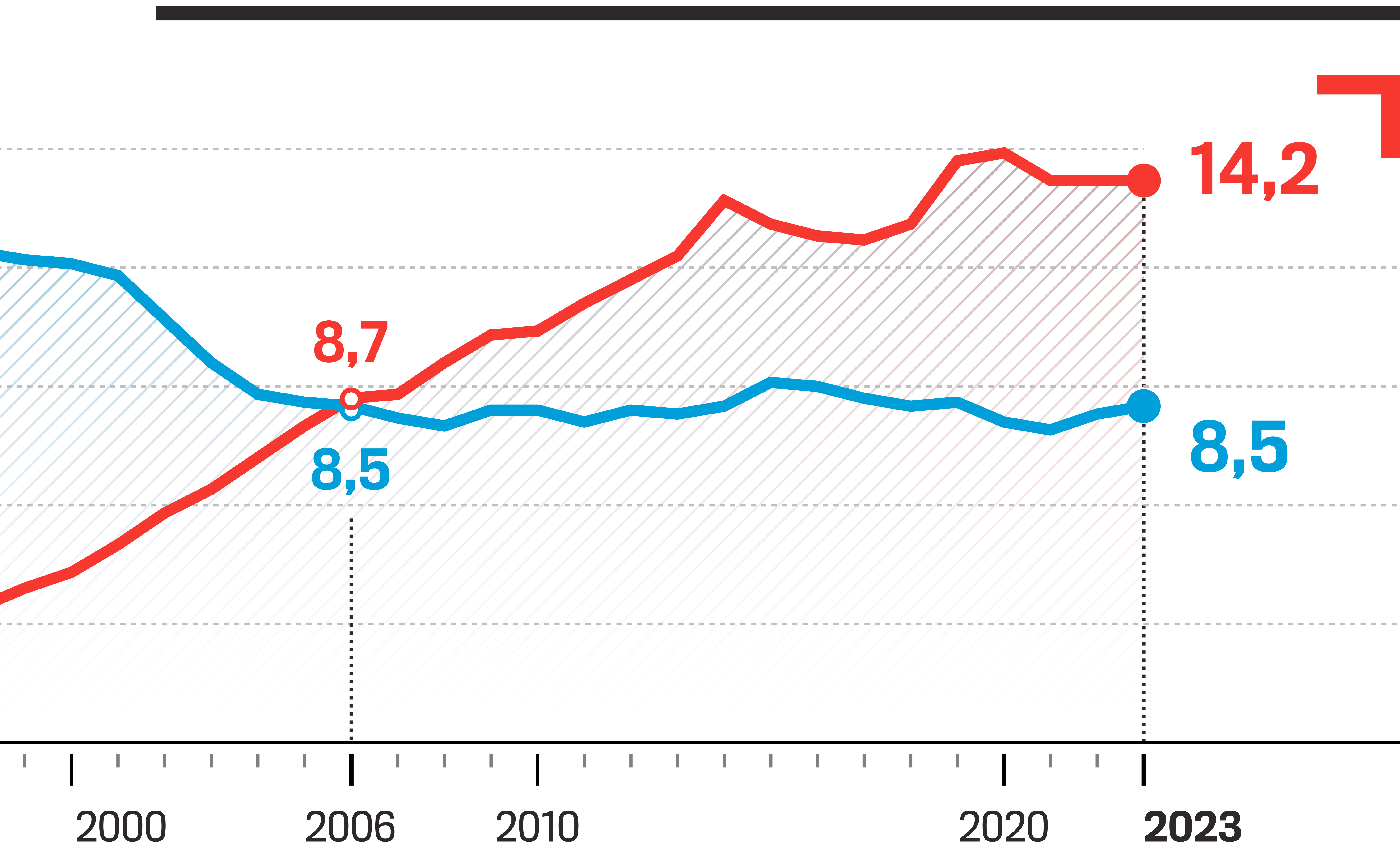
Participação das exportações de cada país em relação ao total de exportações globais — em %





tade" trumpista só não foi concedido à China, que nas últimas duas semanas se engajou em uma escalada tarifária com os Estados Unidos, disposta a "ir até o fim" para igualar o jogo. Na quinta-feira 10, os produtos da China estavam submetidos à espantosa tarifa de 145% nos Estados Unidos; e os americanos, a uma taxa de 84% na alfândega chinesa.

Ainda que existam muitas incertezas no horizonte, os movimentos erráticos da guerra comercial de Trump produziram uma certeza: o terremoto que o republicano desencadeou nos últimos dias deixará cicatrizes no globo. "O que ele pôs em movimento é o equivalente americano à Revolução Cultural na China (1966-1976), que



CRAIG F. WALKER/THE BOSTON GLOBE/GETTY IMAGES



INDIGNAÇÃO Protesto em Boston: reação a corte de funcionários e outras políticas do republicano

destruiu o sistema na esperança de construir algo melhor. Não deu certo na China e não vai dar certo com os Estados Unidos”, diz Edward Alden, especialista em política comercial do Conselho de Relações Exteriores, em Washington.

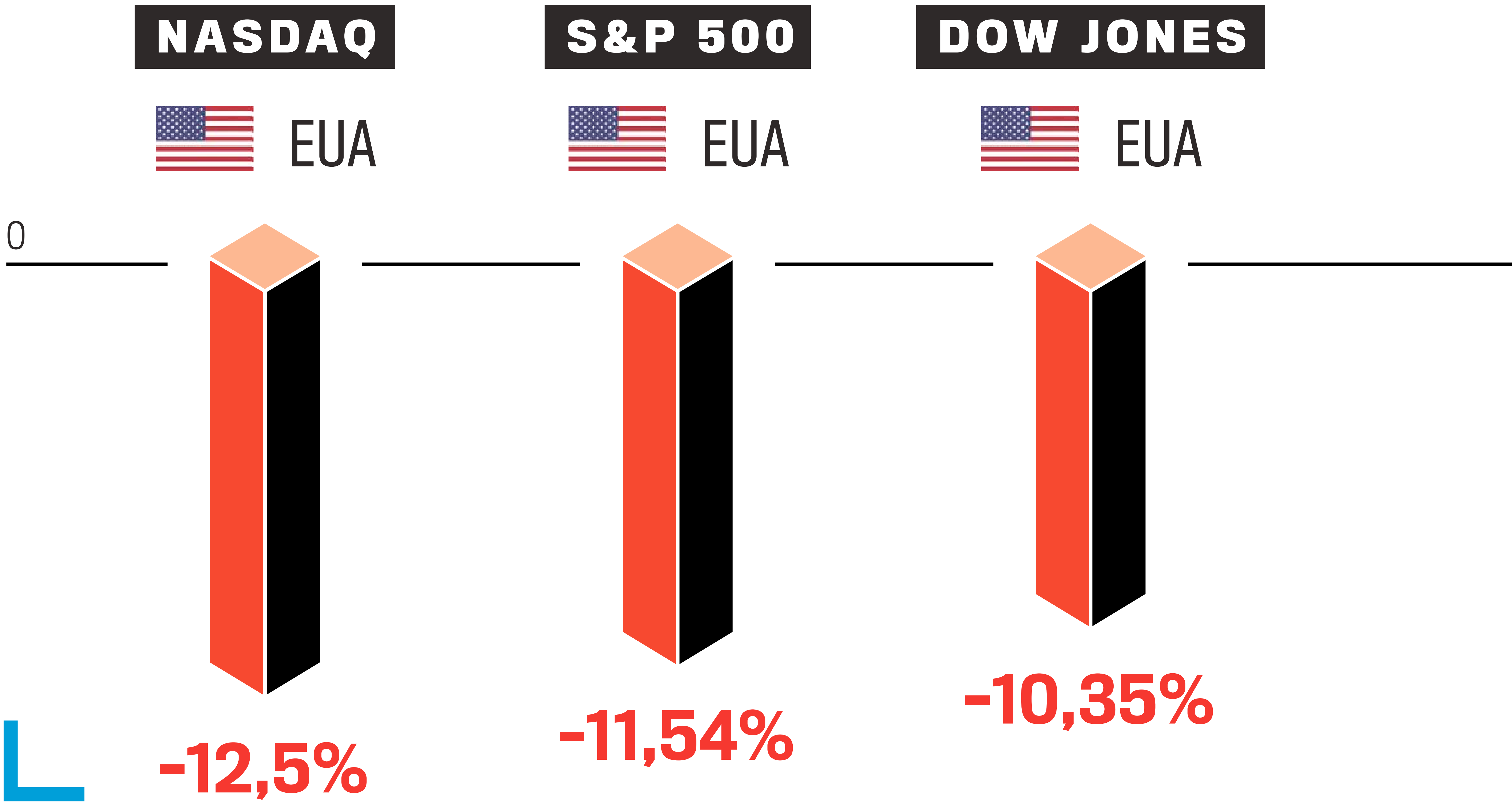
Trump quer reformular a ordem econômica global em termos mais favoráveis para os Estados Unidos e, de quebra, revitalizar a indústria de seu país. Em ambos os casos, as chances de sucesso são quase nulas. De imediato, tudo o que ele conseguiu foi criar o caos e uma perspecti-

va tenebrosa de retrocesso. Nos últimos 25 anos, o peso das exportações no PIB global variou de 20% a 25%. No início do século passado, estava em 12%. Ou seja, o comércio entre os países ganhou uma importância maior na produção de riqueza. Voltar para o passado significa, literalmente, ficar mais pobre. No futuro próximo, caso Trump mantenha essa mesma disposição bélica, isso vai gerar pobreza para os americanos e para o mundo. O movimento produziu ainda uma grande ironia: enquanto os

DERRETIMENTO DAS BOLSAS

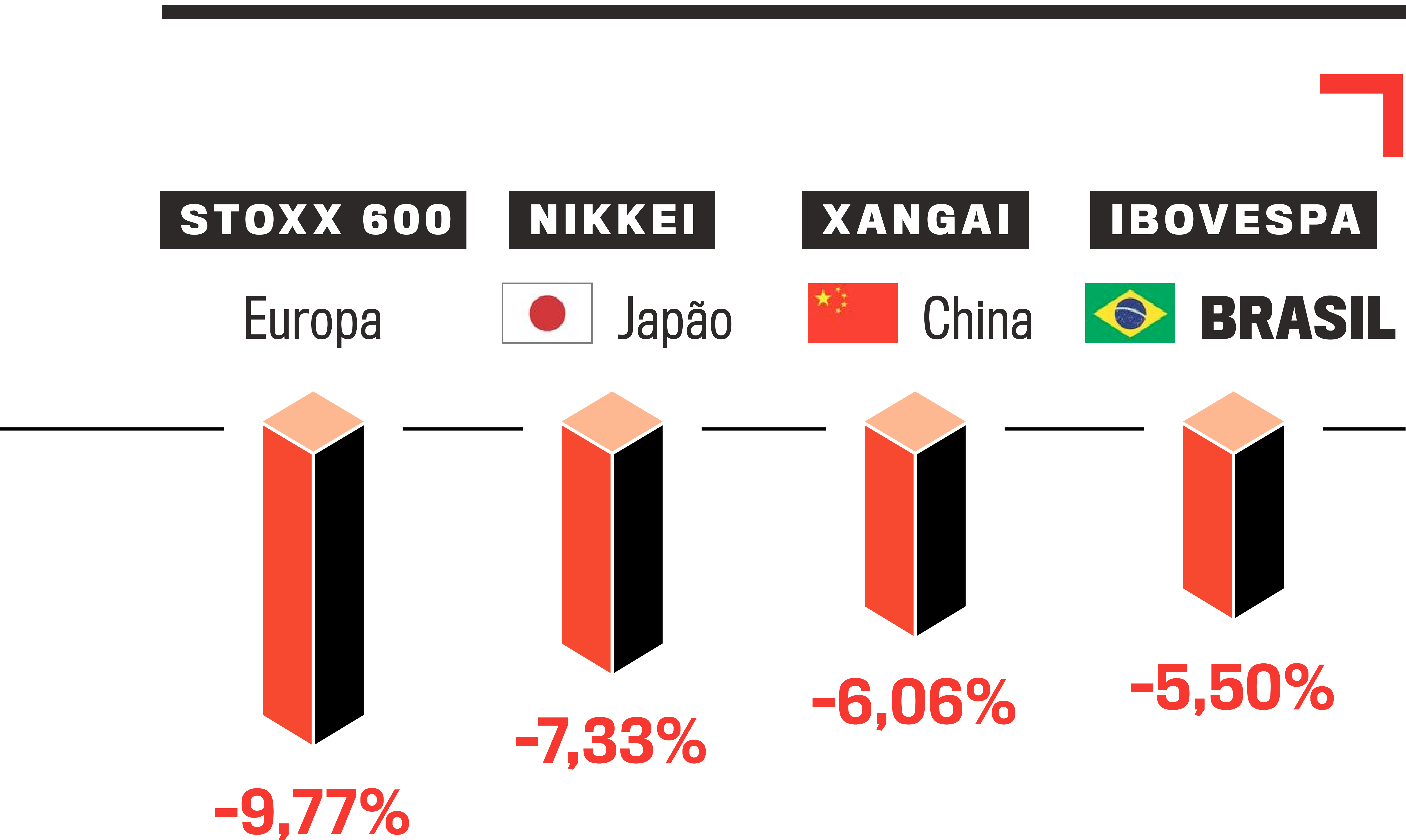
Desde o anúncio das tarifas adicionais americanas, os mercados no mundo entraram em queda

VARIAÇÃO DOS ÍNDICES DE 1º A 8 DE ABRIL



Estados Unidos erguiam barreiras, a China bateu o bumbo defendendo o livre mercado e reagiu com fina ironia, publicando nas redes uma antiga entrevista de Ronald Reagan na qual o ex-presidente, um dos ícones do liberalismo americano, diz que o tarifaço leva a pobreza, desemprego e guerras comerciais.

O negócio pode piorar ainda mais para os americanos, caso Trump insista em seguir apostando alto no mesmo caminho. Desde o tarifaço, os grandes bancos de investimento elevaram suas expectativas de risco de recessão para os Estados Unidos — com o último recuo de Trump, ocorreu também um recuo nas previsões mais sombrias, mas as nuvens no horizonte persistem. Para o Goldman





PETER CHARLESWORTH/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

RISCO Fábrica de tênis no Vietnã: dependência dos EUA

Sachs, a previsão para o PIB dos Estados Unidos é de um crescimento de 0,5% em 2025, uma queda significativa em relação aos 2,8% do ano passado. A suspensão das tarifas recíprocas mais altas pouco mudou a piora na perspectiva de inflação, por causa do impacto tremendo da taxa de 145% sobre os importados chineses. Nada menos que 73% dos celulares, 78% dos laptops e 77% dos brinquedos no mercado americano vêm da China. Segundo o centro de estudos Tax Foundation, o aumento nos preços vai provocar uma redução de 1,9% na renda líquida da população americana.

A perspectiva de estagnação econômica com alta da inflação cria um dilema para o Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos. Se cortar os juros, como quer Trump, para estimular a economia, a instituição vai aumentar o risco inflacionário. Se fizer o contrário, pode contribuir para desacelerar ainda mais o PIB. "A incerteza em torno das tarifas continua elevada e isso, por si só, já exerce um efeito corrosivo sobre as decisões de investimento e de consumo", diz Alberto Ramos, economista-chefe do banco Goldman Sachs para a América Latina.

O caos provocado por Trump também ameaça desmantelar a cadeia de produção global. Alguns efeitos disso já são sentidos nos Estados Unidos. A Stellantis, quarta maior fabricante de automóveis do mundo, por exemplo, suspendeu sua produção no Canadá e no México. Empresas petroquímicas chinesas que têm como matéria-prima petróleo liquefeito dos Estados Unidos decidiram fechar suas fábricas temporariamente por causa dos custos elevados, que inviabilizarão o negócio.

Os prejuízos não param por aí. Quase 2 trilhões de dólares em investimentos nos Estados Unidos, que haviam sido anunciados desde a posse de Trump por empresas estrangeiras e locais, estão ameaçados por causa das tarifas. Muitos desses empreendimentos dependem de cadeias de fornecimento que ficam fora do país e que passaram a estar submetidas às tarifas adicionais. Como consequência, em todo o mundo, vagas de emprego são cei-


PIER MARCO TACCA/GETTY IMAGES

PONDERAÇÃO Ursula von der Leyen: a União Europeia reagiu e recuou ante as tarifas americanas

fadas em setores exportadores ou que dependem de insumos externos. Mesmo países que poderiam tirar vantagem da rixa tarifária entre americanos e chineses, como o Brasil, estão no escuro. “O maior impacto viria das substituições que os Estados Unidos e a China terão que fazer por consumir menos entre eles”, diz Eduardo Dornelas, economista da consultoria GO Associados. Mas fica difícil fazer planos para aproveitar essas brechas sem saber o que, de fato, vai ocorrer. Por ora, de concreto, só há o prejuízo pela tarifa americana de 25% sobre aço e alumínio, importantes setores exportadores brasileiros.

HORIZONTE NEBULOSO



As projeções dos bancos para as economias dos Estados Unidos e da China em 2025 tornaram-se mais pessimistas

45%

É O RISCO DE RECESSÃO, SEGUNDO O **GOLDMAN SACHS**

+

60%

É O RISCO DE RECESSÃO, SEGUNDO O **J.P. MORGAN**

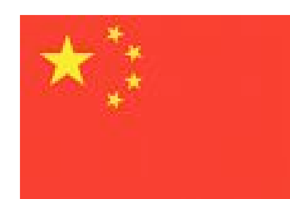
+

DE 2,5% PARA 3,5%

É O AUMENTO NA PROJEÇÃO DO **CITI** PARA O NÚCLEO DA INFLAÇÃO

—

DE 4,7% PARA 4,2%

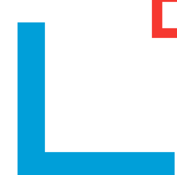


É A REDUÇÃO DA PROJEÇÃO PARA A EXPANSÃO DO PIB, SEGUNDO O **CITI**

+

5%

SERÁ A QUEDA ESTIMADA DAS EXPORTAÇÕES, SEGUNDO O **CITI**



Só mesmo um país conseguiu reagir ao movimento de Trump na mesma moeda. À primeira vista, parece espantosa a disposição do ditador chinês, Xi Jinping, de responder ao tarifaço com força semelhante. A China tem muito a perder, pois 20% da sua economia depende das exportações, das quais 15% vão para os Estados Unidos. Mas, em meio à bagunça no comércio global desencadeada por Trump, há uma oportunidade para o dragão asiático. Nas últimas décadas, o país se tornou dominante em muitos setores da economia, sendo responsável por mais da metade das exportações globais de mais de 730 produtos, como insumos farmacêuticos, carros, baterias e celulares. O fechamento do mercado americano vai obrigar as empresas chinesas não só a buscar outros mercados, como a levar sua produção para outros países. Também será necessário estimular o consumo doméstico, para dar conta de escoar sua enorme produção. Ao final desse processo, a economia chinesa poderá se tornar mais forte e o mundo estará ainda mais conectado a ela. De quebra, o país vai posar de representante do status quo, em oposição à instabilidade personificada por Trump. Ao semear o caos para colher benefícios incertos no comércio com outros países, o presidente americano pode ter dado um presente ao seu maior rival. Enquanto isso, o restante do mundo prende a respiração à espera dos próximos capítulos da marcha da insensatez iniciada por Trump. ■

PREJUÍZOS EM CADEIA

Os efeitos mais profundos e nefastos de uma guerra comercial não ocorrem de imediato. O comportamento das bolsas de valores costuma ser uma amostra do que está por vir. Desde o tarifaço de Trump, em 2 de abril, os principais índices dos pregões desabaram. O S&P 500 e o Nasdaq, dos Estados Unidos, entraram em *bear market* — termo usado para indicar queda de 20% ou mais nas cotações. O Nikkei, no Japão, chegou a cair mais de 10%, forçando a paralisação das negociações. Em Hong Kong, o índice Hang Seng registrou a pior queda desde a crise asiática de 1997. As bolsas europeias e o Ibovespa também tiveram perdas *(veja o gráfico A Virada da China).* O "índice do medo", o VIX, aferido com base nas ações futuras, superou os 60 pontos, um patamar de volatilidade visto apenas na crise de 2008 e no colapso da pandemia de covid-19.

Não se trata de um medo irracional. As tarifas elevadas terão como consequência mais óbvia a redução das trocas comerciais, com corte na produção. "As empresas vão lucrar menos e, com isso, passam a valer menos", diz Marcus Macedo, diretor de investimentos do Andbank, banco de gestão de fortunas.

Ainda que as quedas após o anúncio das tarifas adicionais dos Estados Unidos tenham sido mais acentuadas, o

pessimismo já havia ganhado força antes, quando Trump deu os primeiros passos protecionistas contra México, Canadá e setores específicos, como os de aço e alumínio. Desde sua posse, em janeiro, as bolsas americanas perderam mais de 10 trilhões de dólares em valor — cinco vezes o PIB do Brasil. As "sete magníficas" do setor tecnológico (Apple, Microsoft, Amazon, Alphabet, Nvidia, Meta e Tesla) perderam juntas 4,2 trilhões de dólares. Algumas empresas têm sido mais castigadas por depender mais das cadeias globais de produção. É o caso da Apple, que produz 90% dos iPhones no exterior, principalmente na Ásia, onde ficam os países inicialmente mais penalizados por Trump. O tarifaço também balançou o mercado de commodities, que reflete a saúde econômica global. O petróleo recuou ao menor nível em quatro anos, e o minério de ferro, em seis meses, afetando as ações da Petrobras e da Vale.

As bolsas recuperaram parte das perdas depois que Trump suspendeu por noventa dias as tarifas mais altas, na quarta-feira 9, mas foi um alívio ilusório. A destruição em curso da ordem do comércio mundial certamente gerará novas turbulências.



MAÍLSON DA NÓBREGA

A MAIOR ESTUPIDEZ DO TARIFAÇO

Política punirá a economia mundial e os próprios americanos

DONALD TRUMP tem chocado o mundo com suas barbaridades, como, entre outras, o inédito uso de tarifas como arma, o corte de recursos para universidades, a extinção de agências relevantes e a demissão de funcionários estáveis. Demonstrou analfabetismo econômico em um país que tem sete das melhores universidades do mundo e o maior número de agraciados com o Prêmio Nobel de Economia.

Trump decidiu demolir a ordem mundial baseada em regras, criada por seu próprio país após o fim da Segunda Guerra. Depois disso, o mundo ficou mais próspero. A economia americana foi a que mais se beneficiou. Agora, o caos negará a “nova era de ouro” que ele promete. Fazer a América grande novamente, mesmo que alguma reindustrialização ocorra, é uma utopia. Medida pela mão de obra empregada, a indústria representa 8% do PIB. Uma minúscula parte não pode mover o todo.

As tarifas recíprocas constituem a maior estupidez de Trump. Obscuras, elas são a metade do que supostamente



seria o custo imposto por parceiros comerciais. O Brasil aplica 18% nas importações de etanol americano, enquanto os Estados Unidos cobram apenas 2,5% quando adquirem nosso produto, mas a nova regra ainda não foi aplicada ao país. A revista inglesa *The Economist* estimou que haverá 2,3 milhões de tarifas distintas.

Países ricos cobram tarifas muito baixas. A média americana é 3,3%, a do Reino Unido é 3,8% e da União Europeia é 5%. Isso se explica pelo alto grau de competitividade. Não há necessidade de ampla proteção aduaneira. Assim, os consumidores ganham com importações mais baratas e as empresas pagam menos por partes e componentes, tornando-se mais competitivas. É equivocado dizer, portanto, como o faz Trump, que os EUA são explorados pelos seus parceiros comerciais.

As tarifas recíprocas podem violar o princípio da "na-

"O caos pode ocorrer nas cadeias de suprimento, que nos últimos trinta anos geraram ganhos de produtividade"

ção mais favorecida", que tem sido aplicado no comércio mundial pelo menos desde o século XIX. Desse modo, qualquer membro da Organização Mundial do Comércio (OMC) é obrigado a adotar a mesma tarifa sobre um dado produto, não importa onde seja fabricado, salvo nos casos de zonas de livre comércio reconhecidas pela OMC. Haveria milhares (ou milhões) de casos em que os parceiros comerciais dos EUA poderiam demandar tratamento igualitário. Claro, Trump não ligará a mínima, pois não se disporia a cumprir a regra, mas a bagunça no comércio global será muito provável.

O caos também pode acontecer nas cadeias mundiais de suprimento, que nos últimos trinta anos geraram ganhos imensos de produtividade. As multinacionais americanas transferiram suas fábricas para a Ásia em busca de eficiência, o que acarretou a espetacular taxa de crescimento da China e lhe permitiu excluir da pobreza 800 milhões de habitantes. De sua parte, os americanos se beneficiaram da queda dos preços dos bens que consomem. Por exemplo, o iPhone custa menos da metade do que custaria se fosse produzido nos EUA. As tarifas recíprocas penalizarão países asiáticos pobres, os americanos e a economia mundial. Quanta estupidez! ■

A JUSTIÇA DOS PODEROSOS

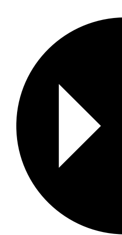
Em Israel, o primeiro-ministro entra em guerra com a Suprema Corte do país para ver quem tem mais força, tentando repetir a receita clássica dos autocratas de sujeitar as leis à sua vontade

ERNESTO NEVES



SAUL LOEB/AFP

QUEM MANDA? Netanyahu: projeto para implodir limites impostos por juízes



Em uma democracia plena, Executivo, Legislativo e Judiciário são poderes separados, executando de maneira autônoma o serviço que lhes cabe: respectivamente, governar, legislar e aplicar as leis do país. Nas democracias não tão plenas assim, vez por outra acontecem interferências, devidas ou indevidas, que não chegam a comprometer a integridade democrática. Ou melhor, não chegavam. Triste resultado da lavra de autocratas que viceja nesses tempos, o Poder Executivo vai virando, nos países que eles dominam, uma força que suga a independência do Legislativo e, principalmente, do Judiciário, reformado a seu gosto para lhes dar o que mais querem: poder total.

Em demonstração recente desse movimento, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, entrou em choque direto com a Suprema Corte e pior: chegou a desafiar uma deliberação sua, para depois voltar atrás. O embate teve origem na demissão de Ronen Bar, diretor do serviço de segurança interna, o Shin Bet, oficialmente por incompetência, mas na prática por ter mandado investigar assessores do governo suspeitos de corrupção. A oposição levou o caso à Suprema Corte, que ordenou o congelamento de qualquer providência até segunda ordem. O primeiro-ministro foi em frente e nomeou um substituto, mas depois recuou. Mesmo assim, deu sinais de que pode não acatar uma determinação para reintegrar Bar — passo que mergulharia Israel, em plena operação militar em Gaza, em uma crise constitucional inédita.


IGOR KOVALENKO/EPA/EFE

Longe de ser um episódio isolado, a crise se insere na campanha que Netanyahu empreende desde que voltou ao poder, em 2022, para controlar o Judiciário através de uma reforma que, entre outras coisas, reduz drasticamente a competência da Suprema Corte para anular decisões do Executivo que julgue inconstitucionais. "Os sinais não poderiam ser mais claros. Quem se preocupa com a democracia precisa levar muito a sério esse tipo de discurso", afirma Suzie Navot, professora de direito constitucional do Israel Democracy Institute. No atacado, o primeiro-ministro quer se livrar de limites incômodos. No varejo, até as pedras douradas de Jerusalém sabem que sua meta é escapar dos processos por corrupção que enfrenta na Justiça.

Enfraquecer o Judiciário, seja preenchendo tribunais com juízes alinhados ao poder, seja modificando leis que limitam





DEPO PHOTOS/ZUMA PRESS/IMAGEPLUS

ELES MANDAM O húngaro Orbán *(acima)* e o turco Erdogan: ação sistemática nos tribunais para aparelhar o Judiciário, nomeando amigos e forçando a aposentadoria de quem desafia o governo

a autoridade do Executivo, seja com uma mistura de tudo isso, é receita clássica seguida pelos autocratas de plantão — de Vladimir Putin, na Rússia, a Viktor Orbán, na Hungria, e Recep Tayyip Erdogan, na Turquia. No poder há mais de duas décadas, Erdogan implementou uma série de mudanças constitucionais para se eternizar no poder, mas foi sobretudo depois de uma tentativa de golpe em 2016 que promoveu o expurgo de milhares de juízes e tomou conta do aparato judicial. Tomou e provou que o fez: em março, seu principal rival, Ekrem Imamoglu, prefeito de Istambul, foi acusado de corrupção, detido, interrogado, encarcerado e destituído do cargo em apenas quatro dias.

Há quinze anos no governo, Orbán — que acaba de receber com honras em Budapeste o israelense Netanyahu, dando uma banana para a ordem de prisão decretada pelo Tri-

bunal Penal Internacional (do qual aproveitou para retirar a Hungria) — aparelhou tribunais constitucionais com juízes simpáticos ao regime e forçou centenas a se aposentar. “Autocratas modernos não agem sozinhos. Suas conexões são complementadas e sustentadas por um quadro variado de especialistas jurídicos, estrategistas e acadêmicos, bem-educados e cosmopolitas”, alerta Cecilia Menjívar, socióloga da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

Desde que retornou à Casa Branca, em janeiro, Donald Trump, notório admirador de figuras imperiais, também adotou o conflito com o Judiciário como estratégia, testando (e até extrapolando) limites e inundando o sistema com ordens executivas que vão além de sua competência. Em um ato sem precedentes, a Casa Branca despachou imigrantes venezuelanos para El Salvador, desobedecendo à ordem de um juiz federal que Trump classificou de “esquerdista lunático”. Além de intimidar juízes, o presidente declarou guerra aos grandes escritórios de advocacia que tenham defendido causas contrárias ao governo, em geral, e a ele, pessoalmente. Ameaçados de perder contratos federais e causas de grandes empresas, alguns cederam rapidamente e se comprometeram a não desafiar as diretrizes da Casa Branca. Quando até advogados americanos — praticamente um poder paralelo — se curvam abertamente ao Executivo no país-símbolo da democracia, a previsão é de chuvas e trovoadas que podem engrossar ainda mais a enxurrada de autoritarismo. ■

E AGORA MAIS ESSA

A onda de fracassos que envolve os empreendimentos do príncipe Harry chega às obras de caridade: a presidente de sua ONG africana o acusa de "bullying" para afastá-la **CAIO SAAD**



QUEDA DE BRAÇO
Harry: denúncia de má gestão contra Chandauka, que o acusa de vingança

ETHAN CAIRNS/GETTY IMAGES

QUANDO, há cinco anos, abdicaram da posição de *royals* do mais alto escalão, fizeram as malas e se mudaram para a América do Norte, Harry e Meghan, os duques de Sussex, provavelmente anteviam um futuro dourado: seriam admirados pela rebeldia, bajulados pelos títulos da realeza e agraciados com prestígio e riqueza nas novas iniciativas no mundo plebeu. Não deu certo. Seja por incompetência do casal, seja pela inexorável campanha movida contra eles pelo Palácio de Buckingham, na surdina, e pelos tabloides, descaradamente, o fato é que, desde que deram as costas aos nobres parentes, tudo em que põem a mão dá errado. Nem obra de caridade escapa: no embate mais recente, que foi parar na Justiça, o príncipe é acusado por Sophie Chandauka, presidente do conselho da Sentebale, entidade beneficente fundada por ele, de intimidação e misoginia com o objetivo de afastá-la do cargo. “Há gente neste mundo que se comporta como se estivesse acima da lei e maltrata as pessoas”, disse ela em um comunicado. Dias depois, em entrevista, deu nome aos bois, denunciando Harry por “bullying e assédio em larga escala”.

A Sentebale foi fundada e tinha como patronos Harry e Seeiso, irmão do rei do Lesoto, pequeno país no sul da África. Sua missão, hoje ampliada para nações vizinhas, é ajudar crianças locais que perderam os pais para a aids, uma causa abraçada pelas mães dos dois príncipes. As desavenças com os métodos de trabalho de Chandauka, advogada nascida no Zimbábue e renomada no mundo

corporativo, não são novas — entre as alegações contra ela está a de que gastou 500 000 libras em consultorias para mudar o foco das doações à instituição, sem sucesso. Sem meios legais para demiti-la, o conselho da Sentebale pediu que renunciasse. Ela se negou e, no início de abril, o próprio conselho renunciou, no que foi seguido por Seeiso e Harry — “com o coração partido”, segundo ele declarou na época.

Chandauka reagiu atribuindo ao príncipe britânico a liderança de uma manobra para tentar afastá-la, por pura e simples vingança. Como prova, publicou mensagens envolvendo o episódio constrangedor ocorrido há um ano, em uma partida de polo beneficente em Miami. Meghan resolveu aparecer na última hora e, no momento da entrega de medalhas, subiu ao palco e pediu a Chandauka que trocasse de lugar, para ficar do lado de Harry. O vídeo da cena repercutiu (mal) nas redes e, segundo a advogada, Harry passou a pressioná-la, em seguidas e “imperiosas” mensagens, para negar a intromissão e defender a duquesa, o que ela não fez. A briga no conselho da Sentebale está sendo analisada por um tribunal inglês e pela Comissão de Caridade do Reino Unido, órgão independente que fiscaliza instituições beneficentes britânicas (a ONG está registrada no país).

Na ronda dos tribunais, na terça-feira 8, Harry viajou da Califórnia, onde mora, para Londres, onde quase não põe os pés, para acompanhar outro processo (ele também

abriu uma guerra judicial contra os tabloides ingleses), este exigindo que a polícia britânica providencie proteção oficial a ele e à família quando estiverem no país, prerrogativa que foi retirada quando decidiram ir embora. O príncipe desencantado amarga ainda uma série de insucessos em produções para a Netflix, com quem os Sussex assinaram um contrato milionário — no que é acompanhado pela mulher, Meghan. À frente de um reality show de culinária e *wellness* qualificado de insípido pela crítica, ela acaba de lançar uma muito prometida marca de geleia que o tribunal das redes sociais também reprovou. Veredicto: aguada demais. ■



VILMA GRYZINSKI

O CAOS DAS GUERRAS COMERCIAIS

Todos os países implantam tarifas, mas poucos terminam vitoriosos

OS ESTADOS UNIDOS nasceram de uma tarifa, o gatilho da revolta dos colonos contra o imposto de importação sobre o chá que a metrópole colonial inglesa monopolizava por meio da Companhia das Índias Orientais. Os rebeldes, que usaram o subterfúgio de se vestir como índios moicanos para entrar nos três navios ingleses ancorados em Boston e jogar no mar as cargas de chá tarifado, são tratados como os patriotas originais, os deflagradores da independência. É um exemplo em grande escala de como a questão do protecionismo, das tarifas e do comércio influencia a política, a economia e a vida das pessoas. O conceito de livre-comércio foi desenvolvido na Inglaterra por David Ricardo por causa das Leis dos Cereais, as tarifas protecionistas que impediam a importação de produtos agrícolas para favorecer os latifundiários. O assunto provocou revoltas e reviravoltas na política britânica, além da teoria de Ricardo, um operador da bolsa que ficou rico e se aposentou aos 41 anos, sobre a vantagem comparativa dos países.

Quando não estavam forçando colonos ou sua própria população a pagar caro por produtos importados, os ingleses também eram bons em obrigar países fracos a comprar ópio. As duas guerras do ópio que vergaram a China, no século XIX, foram absurdas até para os padrões do imperialismo da época. A segunda terminou com a rendição total: abertura dos portos, entrega de Hong Kong e, claro, liberação de importação de ópio. Cerca de 10% dos chineses tornaram-se viciados na substância extraída da papoula e a rendição é tratada, do ponto de vista do nacionalismo chinês, como exemplo de impotência.

A China que Trump está tarifando pesadamente traz essa história em sua narrativa nacional, agora na posição de gigante produtivo e aspirante a tirar os EUA do posto de superpotência número 1. O dragão asiático tem um bocado de fogo para soltar pelas ventas, embora a complexidade e a in-

“Quem vai se sair bem ou menos mal? É a melhor série do momento e o planeta inteiro faz parte dela”

terdependência das economias modernas exijam cuidados. Também é exigida uma resposta a uma dúvida: se as tarifas protecionistas deram tão certo na mão contrária ao ajudar na transformação econômica da China, por que são tão ruins quando os EUA apelam a elas?

Hoje, o ópio do povo é o fentanil, que mata 100 000 americanos por ano e Trump pretende combater a golpes de tarifaço, e também muito do discurso populista protecionista que acompanhou a desindustrialização causada pela globalização em países de alto ou médio desenvolvimento. “Os benefícios de uma tarifa são visíveis. Os trabalhadores sindicalizados sentem-se ‘protegidos’. O mal que uma tarifa faz é invisível. Há pessoas que não têm emprego por causa de tarifas, mas não sabem disso”, disse Milton Friedman, cuja mão invisível tem uma óbvia conexão com a vantagem comparativa ricardiana, fundamento da economia liberal. Com o nó mundial que causou, Trump conseguiu que políticos e economistas da ala progressista se transformassem em guerreiros do livre-comércio, um dos muitos espantos a que assistimos. Quem vai se sair bem ou menos mal dessa nova guerra comercial? É a melhor série do momento e o planeta inteiro faz parte dela. ■

VALMIR MORATELLI

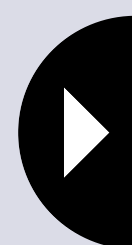
Com reportagem de
Giovanna Fraguito e Nara Boechat





SENTADA NA JANELA

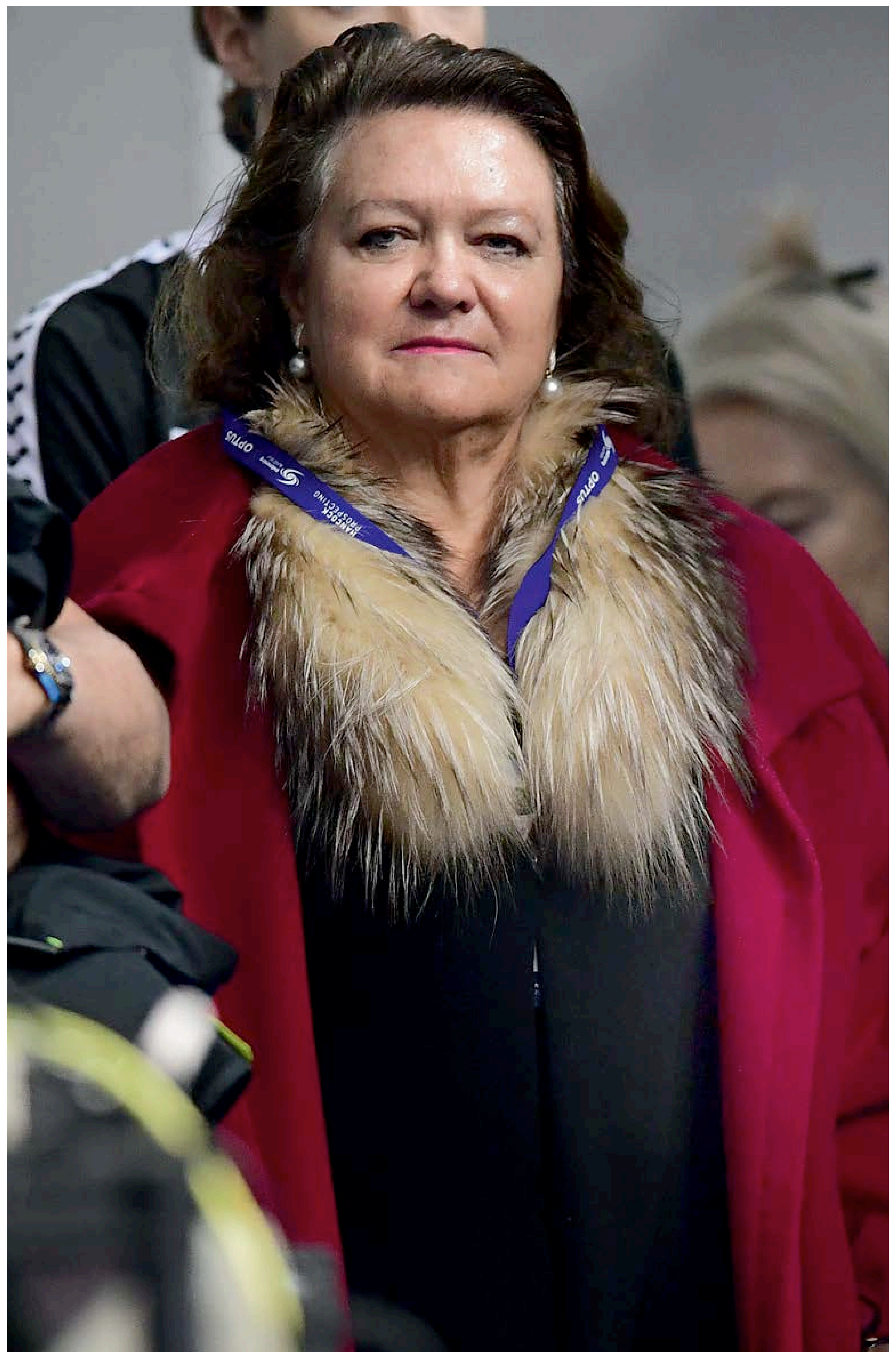
Depois de passar um tempo afastada das novelas, período que a levou a se sentir um tantinho insegura quanto à profissão, a atriz **JULIANA ALVES,** 42 anos, superou a má fase retornando com tudo na pele da protagonista da trama global das 7, *Volta por Cima,* cujo título parece feito sob medida para o momento que vive. “A profissão me desanimou, mas procurei me manter firme. A carreira é uma construção de sim e não”, filosofa. Agora no papel de uma motorista de ônibus, ela vem sendo cobaia de uma nova tecnologia — um estúdio LED 360 graus — que reproduz à perfeição a vida real na rua. “A vantagem é não precisar trabalhar sob o calorão”, diz. Ainda em fase de aclimatação, revela ser tomada por enjoos em meio ao sacolejo do veículo que conduz. “Bom mesmo é quando abro a janela, e o pessoal da produção me recebe com um ventilador”, conta Juliana, que andava com saudades dos mimos do set.



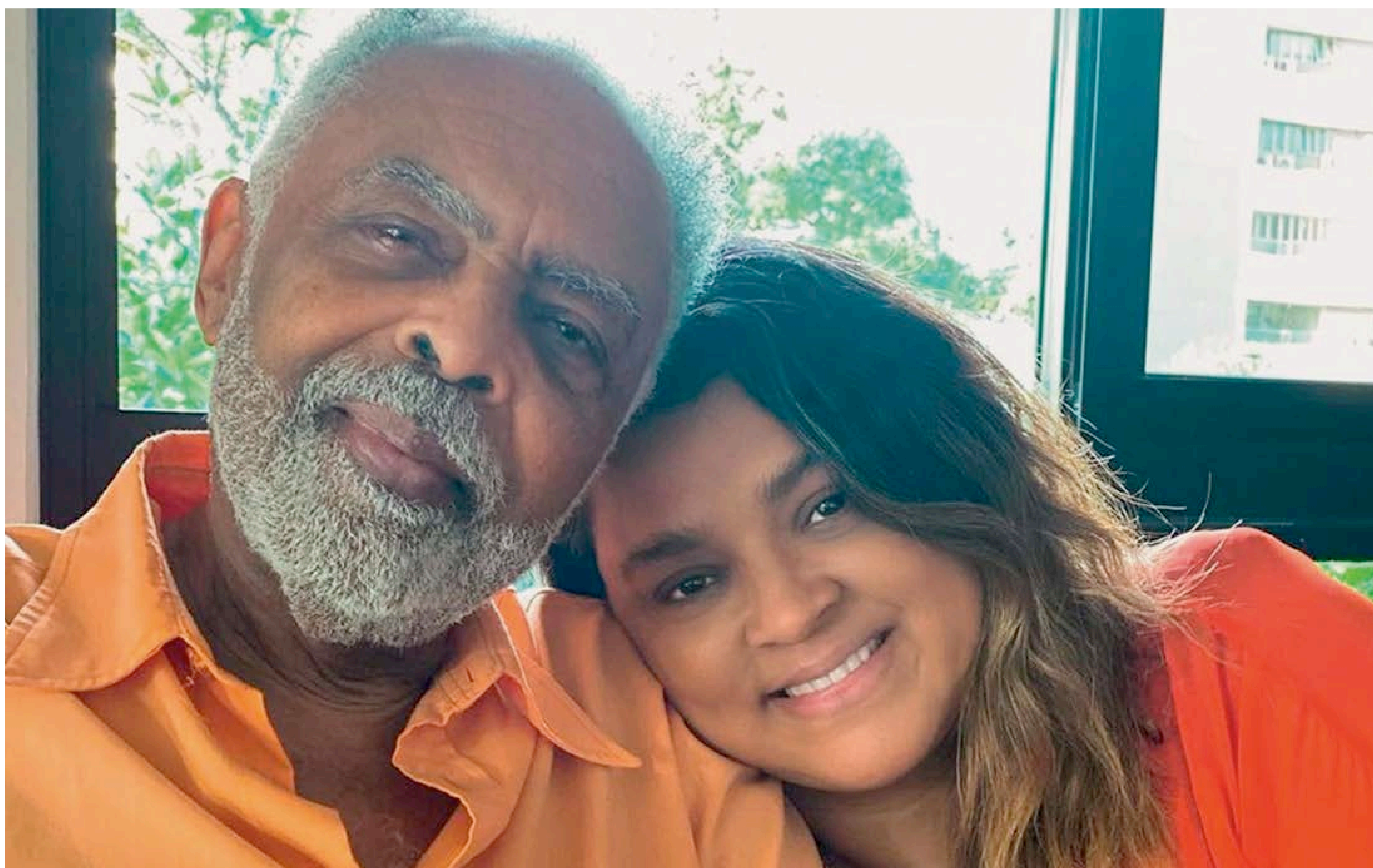
INSTAGRAM @JULIANAALVESIAM

A CHEFE DAS *TRUMPETES*

Bilionária do profícuo ramo da mineração, **GINA RINEHART,** 71 anos, virou um daqueles estrondosos fenômenos nas redes. E não é pela conquista da almejada cadeira de mulher mais rica da Austrália, não. O que a fez disparar nos cliques – seja da turma que a admira, seja dos que lhe torcem o nariz – foi a formação de um pelotão feminino conhecido como as *trumpetes,* em entusiasmada alusão a Donald Trump. A luxuosa sala da magnata, agora aberta à vasta plateia virtual, impressiona pelo festival de banners pró-MAGA, o movimento capitaneado pelo mandatário americano para "tornar a América grande de novo". Também Elon Musk, seu colega no grupo dos bilhões, é lembrado ali em uma placa. Não se sabe exatamente onde Gina quer chegar com tão derramada demonstração de afeto, mas uma amiga próxima dá a dica. "Ela seria uma boa embaixadora em Washington", diz. É ficar de olho.



MARK BRAKE/GETTY IMAGES



INSTAGRAM @GILBERTOGIL

ANDAR COM FÉ

Depois de delicada cirurgia para a retirada de tumores na região do intestino, em dezembro passado, **PRETA GIL,** 50 anos, segue em tratamento contra o câncer, entre idas e vindas ao hospital. Foi a bordo de um jatinho feito de UTI aérea que ela chegou ao Sírio-Libanês, em São Paulo, de onde publica nas redes o passo a passo das terapias. Ela já disse que tem planos de se mudar para os Estados Unidos para tentar vias alternativas — uma possibilidade que, segundo seu pai, **GILBERTO GIL,** 82 anos, ainda não é certa. "Não está definido que ela vá. Está dependendo da avaliação dos laboratórios, um em Nova York e o outro em Los Angeles", contou o cantor a VEJA, dizendo que a exposição de Preta na internet a tem ajudado muito. "Isso promove a solidariedade e dá força. Mesmo que as pessoas não façam milagres, ajudam que milagres aconteçam", acredita Gil. O Brasil aprende e cresce com pais e filhas como eles.

IMERSÃO NO XINGU

Depois da maratona de eventos em premiações do filme *Maria,* **ANGELINA JOLIE,** 49 anos, retomou o batente como ativista de causas sociais, incluindo o Brasil num pit stop. Ela foi ao Parque do Xingu, em Mato Grosso, onde se encontrou com o **CACIQUE RAONI,** 93. "Foi uma imersão de horas ouvindo sua sabedoria ancestral e debatendo os desafios urgentes da preservação da floresta", disse em nota a VEJA a assessoria do Instituto Líbio, ONG que recebeu a estrela junto a uma equipe da Fundação Re:wild. Além de engatar bom papo com o líder indígena, Angelina se aventurou mata adentro, tomando café da manhã em uma torre de observação de pássaros a 12 metros de altura. Tamanho seu espanto com a beleza local que, ao término do tour, prometeu voltar ainda neste ano, desta vez acompanhada da numerosa prole.



MAURÍCIO DIAS/INSTITUTO RAONI

O DONO DA BATUTA

Indicado ao Oscar de melhor ator por sua aplaudida atuação em *Conclave,* em que interpretou um cardeal à frente do esticado processo de escolha de um novo papa, **RALPH FIENNES,** 62 anos, se prepara agora para desbravar uma área que sempre apreciou — a ópera. E será justamente em uma das mais grandiosas, abrigada no Palais Garnier, em Paris, que ele fará a direção de Eugene Onegin, de Tchaikovsky, que conhece no detalhe. O ator inglês viveu o protagonista da história no cinema, mais de duas décadas atrás. "É um enredo de amor que não funciona", resume Fiennes sobre o romance original de Alexander Pushkin, clássico da literatura russa, em que um jovem rejeita o afeto de uma moça tímida que lhe escreve uma carta de amor, dando uma palestra sobre moralidade. ■



DIA DIPASUPIL/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

DIVÓRCIO GRISALHO

Em busca de liberdade, do fim de um matrimônio infeliz e da recuperação da autoestima, as mulheres impulsionam o grande aumento da separação entre casais acima de 50 anos

LIGIA MORAES E **VALÉRIA FRANÇA**

EMPODERADAS
Mudança de rumo: elas estão mais intolerantes a abusos e traições



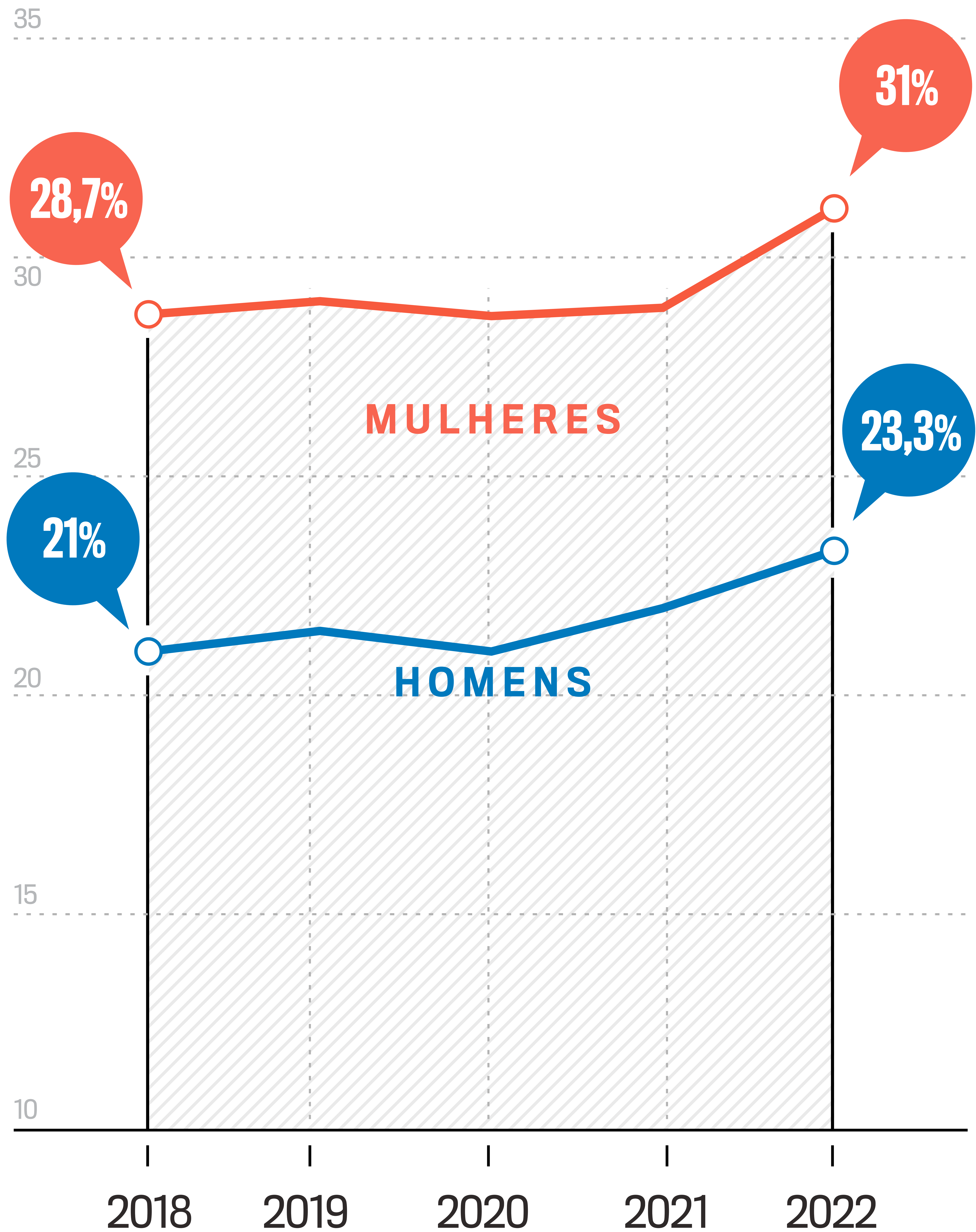
ISTOCK/GETTY IMAGES

Tudo começou com o direito ao voto, ainda no início do século XX. Depois veio a inserção no mercado de trabalho, que ganhou força a partir da década de 1950. E a luta feminista contra obstáculos e preconceitos seguiu à tona, enfrentando um mundo comandado por homens. Gradualmente, as conquistas suadas vieram, entre elas a de poder sair de um casamento falido sem virar um pária na sociedade — algo que, na pena da lei, só pôde virar realidade no Brasil a partir de 1977. Mesmo assim, até os anos 1990, contavam-se nos dedos as separações, sempre assombradas pela dor da dissolução de uma família. A história mudou. Hoje, já se computa um divórcio para cada casamento realizado no Brasil. Na faixa acima dos 50, o número de separações triplicou nos últimos dez anos. Nessa mesma década, as mulheres mais maduras romperam de vez as barreiras em prol da liberdade e da felicidade: segundo dados recentes do IBGE, o número de divórcios de pessoas com mais de 50 já representa, entre as mulheres, 31% dos rompimentos, em movimento que não cessa desde 2018 *(veja no quadro ao lado).*

A geração do chamado "divórcio grisalho" é formada por pessoas que já têm patrimônio, boa previdência, filhos e, em alguns casos, até netos. São cidadãs e cidadãos que não temem trocar o certo pelo duvidoso. Nessa faixa etária, principalmente, o fim da união não é uma decisão abrupta e puramente emocional, como nos arroubos idealistas da juventude. "Trata-se de uma decisão realista, ponderada e livre

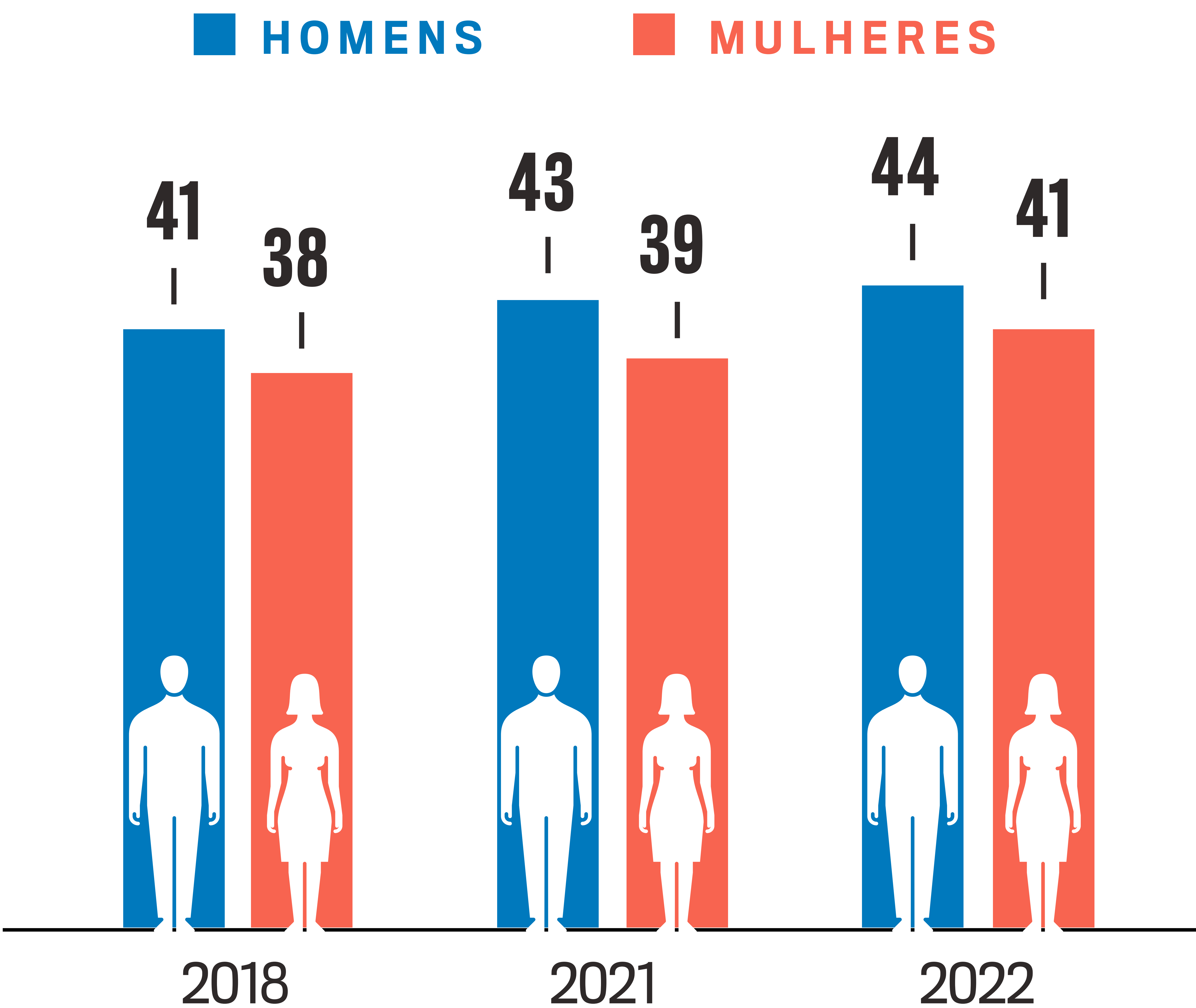
DECISÕES MADURAS

Evolução do número de divórcios de pessoas acima dos 50 anos



de qualquer romantismo”, diz a terapeuta de casais Lidia Aratangy, referência na área, casada há cinquenta anos, quatro filhos, dez netos e uma bisneta.

Em boa parte das vezes, são elas que tomam a iniciativa, depois de um longo processo de esgotamento. “A mulher madura só costuma se separar quando o matrimônio fica realmente intolerável.” Foi exatamente essa sensação que levou a



Fonte: *Pesquisa Estatísticas do Registro Civil do IBGE*

tradutora Patrizia , de 61 anos (que pediu anonimato para não expor as filhas) a desistir do relacionamento de quase três décadas. “Durante muito tempo, eu lutei, até mais do que devia, para manter o meu casamento já desgastado”, diz.

Filha de pais divorciados, Patrizia receava que os filhos passassem pela dor que ela experimentou no passado. E então postergou o rompimento da união — uma realidade compartilhada por muitas brasileiras. Mas houve um momento em que nem as dúvidas falaram mais alto que a vontade de se livrar das amarras. “Meu olho voltou a brilhar, passei a me admirar, a ter amigos e viajar”, diz a tradutora, hoje exultante em poder morar sozinha, não ter mais certas obrigações e conseguir traçar os próprios planos. Nem a queda no padrão de vida, que não lhe permite fazer passeios ao exterior, é motivo de arrependimento.

Aliás, especialistas observam que muitos casais desistem do divórcio devido aos impactos financeiros — afinal, mais que uma comunhão amorosa, o matrimônio sela uma espécie de sociedade, ainda que, com frequência, chefiada pelo marido. No entanto, se no passado as separações atraíam holofotes por serem protagonizadas por ricos e famosos, hoje ocorrem no seio de lares de gente comum e madura, ávida por recomeçar.

A idade, em alguns casos, convém notar, nunca foi barreira para casar e descasar. Que o diga a apresentadora de TV Ana Maria Braga, que está no quinto matrimônio. No início do mês, aos 76 anos, celebrou bodas com o jornalista

Fábio Arruda, 22 anos mais jovem. A decisão foi tomada em meio a um imbróglio: demorou mais de três anos para que ela conseguisse a separação do ex-marido, que chegou a negar na Justiça o pedido de divórcio.


MATHILDE MISSIONEIRO/FOLHAPRESS

CASA E DESCASA

A apresentadora **Ana Maria Braga** está entre as mulheres que conquistaram a liberdade de entrar e sair de matrimônios em qualquer idade: no início deste mês, casou-se pela quinta vez, aos 76, com um jornalista 22 anos mais novo.

Sim, toda mudança de rumo exige uma dose de coragem, mas não é raro que a batalha pela liberdade seja acompanhada de percalços. “As mulheres da geração da minha mãe também eram corajosas, porém foram educadas a ser mais tolerantes, a engolir coisas que hoje não são mais aceitáveis”, diz Fernanda, uma dentista de 58 anos que pediu anonimato porque enfrenta um divórcio litigioso. De fato, as coisas começaram a se transformar na década de 1970, quando a atriz Regina Duarte virou uma inspiração para as brasileiras ao interpretar uma mãe recém-separada que tenta ganhar a vida sozinha no seriado *Malu Mulher*. Na época, a personagem, que ainda encarava um ex-marido opressor, tornou-se símbolo das aspirações femininas e do sonho de emancipação.


ARQUIVO PESSOAL

INDEPENDÊNCIA E REDESCOBERTA

A dona de casa **Kátia Alavaski** se casou aos 21 anos, teve dois filhos, mas se separou aos 50, depois de décadas de uma relação abusiva. "Era diminuída constantemente", lembra. Hoje se reinventou, vai à balada e se matriculou em um curso de psicanálise. "Quero acolher mulheres que abriram mão de si mesmas."

Hoje são muitas as Malus, algumas já grisalhas. A dentista Fernanda é uma delas. Mãe de dois filhos, pediu o divórcio aos 51. O relacionamento estava péssimo, mas a satisfação de ter a família reunida compensava. A perseverança durou até descobrir que o esposo tinha uma namorada virtual, para quem mandava flores. Daí começou o embate. A essa altura, as poucas gentilezas que existiam entre o casal foram para o ralo e a sala da casa virou um ringue. "Minha mãe e minha avó aceitaram que os maridos tivessem casos extraconjugais e continuaram com o casamento, mas eu não tolero", diz Fernanda, cuja conta bancária virou o grande motivo do litígio. A independência financeira, aliás, foi fator

AGÊNCIA SENADO



AVANÇO TARDIO Divórcio demorou para ser aceito no Brasil: a lei é de 1977

decisivo para o empoderamento feminino. Atualmente, metade das brasileiras está no mercado de trabalho. "Muitas ganham mais que o marido e não precisam se submeter ao que as nossas mães passavam", diz a executiva de vendas Roberta Grillo, que é arrimo de família e também optou pelo divórcio depois dos 50.

De luta em luta, direito em direito adquirido, e a própria ânsia de desfrutar muitos mais anos de vida que as gerações anteriores, é inegável que as mulheres mudaram. "Somos fruto de uma revolução feminista", diz a antropóloga Mirian Goldenberg, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com a promessa no altar de manter a união "até que

a morte os separe", o casamento, para muitas mulheres, se transformou em prisão. Mas uma prisão da qual cada vez mais elas podem escapar. "Teve gente que disse que eu devia aguentar mesmo com um relacionamento ruim", recorda a dona de casa Kátia Rodrigues Alavaski, 51, que não deu ouvidos aos conselhos. Depois de trinta anos de casamento, ela respirou fundo e virou a página. Teve medo, mas conseguiu se reinventar. Foi à balada, entrou em aplicativos de namoro e, passada a euforia, matriculou-se em um curso de psicanálise. Afinal de contas, há um novo caminho a seguir.

O aumento da longevidade é realmente um fator determinante na mudança de comportamento das jovens grisalhas. Na década de 1960, a expectativa de vida era de pouco mais de 50 anos. No último levantamento do IBGE, a média havia subido para mais de 70. Pesquisas apontam que nos bolsões com maior acesso à saúde e infraestrutura, como os bairros nobres das capitais paulista e fluminense, as pessoas passam fácil dos 80. Além de tempo pela frente, as mulheres chegam à maturidade em ótimas condições. Um sonho concretizado com boa alimentação, atividade física, reposição hormonal e uma miríade de procedimentos estéticos.

Isso não significa que o divórcio nessa faixa etária seja um processo tranquilo. "Depois da separação veio o período de luto, do fim de um sonho, de um projeto de vida", diz Roberta Grillo, que tem um filho pré-adolescente. Aos poucos, é preciso calibrar expectativas, reaver a autoestima e reconstruir a

identidade. "Hoje me preocupo em acolher mulheres como eu, que foram apagadas durante o casamento e abriram mão de si mesmas em nome da família", conta Kátia Alavaski.

Com o pé no chão, elas agora festejam e, em vez de correr atrás de um suposto príncipe encantado, curtem a valer a liberdade de entrar e sair de relações com segurança e poder lapidar seu próprio destino. "É fácil descobrir o que se quer na vida, mas só a idade faz com que a gente entenda aquilo que não quer de jeito nenhum", reflete Roberta Grillo, depois de vivenciar, na carne e na alma, as dores de relacionamentos tóxicos. Já dizia a filósofa francesa Simone de Beauvoir, teórica do feminismo moderno: "Toda opressão vira um estado de guerra". Nesse sentido, o divórcio grisalho se cristalizou como saída digna de relações bélicas ou insatisfatórias — e uma nova chance para o amor na maturidade. ■



ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

HEROÍNA Regina Duarte, em *Malu Mulher:* o seriado trazia problemática feminista da mulher separada

BYE-BYE, SONHO AMERICANO

Brasileiros que partiram para os Estados Unidos em busca de mais oportunidades falam do drama da deportação na era Trump

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **JÚLIA SOFIA**



AMARGO RETORNO Em Belo Horizonte: muita gente foi afastada da família que segue nos EUA

EDMAR BARROS/ATO PRESS/FOLHAPRESS

O MOTOR das migrações humanas é sempre a busca por vida melhor. E assim foi com os brasileiros que, atolados na crise econômica dos anos 1980, foram maciçamente para os Estados Unidos, semeando a ideia de arranjar emprego em dólar e galgar posições na escala social. Nunca mais pararam de ir, partindo de vários pontos do país, com uma curiosa concentração em Governador Valadares, cidade no leste mineiro que conta com toda uma engrenagem para facilitar o sonho americano e tem até como cartão-postal uma Praça do Emigrante. O município de 250 000 habitantes contribui ano a ano com o contingente de 2 milhões de portadores de passaporte verde-amarelo vivendo em solo americano, maior lá do que em qualquer outro canto do globo — cerca de 10% deles em situação ilegal, à espera de documentos que deem aval à sua permanência.

Agora, com o endurecimento das regras impostas pelo governo de Donald Trump, o plano de conseguir o tão desejado green card e fazer a América teve de ser, ao menos por ora, engavetado — de forma especialmente dolorosa para o grupo dos que foram postos em um avião e despachados para o Brasil. Desde o início do ano, cinco voos trouxeram 621 brasileiros que, algemados (o que a lei prevê em certos casos) e expostos a más condições durante a viagem (o que a lei não prevê), foram sumariamente deportados, mesmo que muitos ainda aguardassem audiências judiciais na esperança de obter a papelada necessária para ficar.

REPRODUÇÃO



DE VOLTA Chegada a Manaus: alguns deles não receberam nem aviso prévio

A ICE, a temida polícia migratória dos Estados Unidos, está indo atrás desses e de outros estrangeiros, com permissão para prendê-los em igrejas, escolas e hospitais. O mineiro de Contagem Erionaldo Sant'Ana, 50 anos, estava a caminho do trabalho, no estado de Massachusetts, quando foi abordado por agentes que o conduziram direto à prisão. Ele morava ali há dois anos com a mulher, Rosineila, tentando se legalizar enquanto tirava o sustento como pedreiro, uma virada de página que envolveu a venda de sua casa no Brasil e o uso de economias, um investimento de uns 150 000 reais. “Fui algemado nos pés, mãos e cintura,

e tratado como criminoso", diz ele, que, de volta a Minas Gerais, passa pela angústia de não ter notícias da mulher, ainda detida nos EUA. "As repatriações ocorriam antes de Trump, com Obama e Joe Biden, mas a abordagem se tornou muito mais agressiva, sem espaço para a pessoa se defender", afirma Daniel Toledo, especialista em migração internacional, que já ajudou brasileiros na diáspora.

O sonho americano não vem se desfazendo apenas para quem precisa abruptamente regressar, mas também para aqueles que planejavam fazer as malas e recuaram. O baque é sentido em graus elevados em Governador Valadares, apelidada de "Valadólares", onde a onda rumo aos Estados Unidos se originou no cenário pós-Segunda Guerra, quando engenheiros dos Estados Unidos afluíram à região para ampliar uma estrada de ferro. Também uma rica reserva de mica, minério essencial à indústria elétrica, era um atrativo daquelas bandas mineiras. Um certo dia, abriu-se por lá uma escola de inglês, o que estimulou intercâmbios e, mais tarde, a revoada de brasileiros que queriam tentar uma vida nova.

Não é nenhum exagero falar em revoada. Segundo o IBGE, 82% das casas valadarenses registram pelo menos um membro que cruzou a fronteira americana e não retornou. Mas agora, com a vigilância mais acirrada, a indústria que se movimenta em torno dos migrantes — agências que cuidam de vistos, advogados especializados — anda parada. Também a procura por coiotes, aqueles que aju-


ARQUIVO PESSOAL

A DOR DA SEPARAÇÃO

Ainda com esperança de obter o visto de permanência, o pedreiro **Erionaldo Sant'Ana,** 50 anos, foi detido junto à esposa, Rosineila, ao chegar ao trabalho. Nem passaram em casa. Dois meses depois, foi posto em um avião. A mulher continua lá. "É horrível ficar sem notícias dela", diz ele.

dam a atravessar ilegalmente a fronteira do México com os Estados Unidos, cobrando na casa de 40 000 reais por cabeça, perdeu fôlego. "Por enquanto, o desejo de ir embora está congelado", resume um conhecedor dessa antes profícua atividade econômica.

Relatos ouvidos pela reportagem de VEJA ajudam a dar face humana aos desdobramentos da política migratória do governo Trump — que não foi o primeiro a apertar o cerco,



REPRODUÇÃO

MARASMO Praça do Emigrante, em Governador Valadares: o momento é de pisar no freio e adiar os planos

mas é quem está se esforçando em fazê-lo de maneira mais sistemática e visível, como uma bandeira. Atingiu em cheio os planos da professora Sandra Souza, 36 anos, que morava perto de Governador Valadares e, em 2021, contratou um coiote e pisou em solo americano ao lado do marido e dos dois filhos pequenos. “Gastamos mais de 20 000 dólares com advogados, sempre acreditando que encontraríamos um caminho legal para ficar”, conta ela, no rol dos deportados. O choque de realidade veio em janeiro, quando Sandra compareceu a um encontro com autoridades acreditando ser mais uma etapa na batalha para permanecer por lá.



ARQUIVO PESSOAL

MEDO DE SAIR DE CASA

Desde 2021 vivendo nos Estados Unidos, o engenheiro **M.A.,** 32 anos, que ainda tenta regularizar sua situação por lá, agora só vai para a rua quando é estritamente necessário. Seu temor é ser capturado por policiais, como tantos brasileiros. “Eles estão caçando as pessoas em toda parte”, diz.

“Era aniversário do meu caçula, diagnosticado com autismo, e eu levei os documentos médicos dele, que estava em vários tratamentos. Meu mundo desabou quando disseram que seríamos deportados naquele mesmo dia”, lembra. “A ideia de que os Estados Unidos são uma nação acolhedora está em contradição com as duras políticas contra os migrantes, o que reforça quão ilusório pode ser o sonho americano”, observa a filósofa Aline Rosa, da UFRJ.

Mesmo os brasileiros que vêm escapando das garras da ICE tiveram sua experiência profundamente transformada. Até em estados democratas na Costa Leste, onde os republicanos historicamente perdem de lavada, um clima de medo se instaurou entre forasteiros de todos os estratos de renda — inclusive nas universidades, na mira trumpista. Pelo país, pipocam casos de vizinhos que denunciam vizinhos, acusando a presença estrangeira na porta ao lado. "Comecei a me sentir em uma guerra", compara o engenheiro M.A., 32 anos, outro de Governador Valadares, que passou a se sentir seguro apenas em casa ou no trabalho. De uns dias para cá, tem dado uma saída, mas nunca se demora. Não é o único a viver um cotidiano de alto estresse. "Querem que a gente vá embora por medo, pelo pânico de perder os filhos, de perder tudo. Deixei de sair de casa por me sentir insegura", relata T.F., 32 anos, que é faxineira em Connecticut e está em processo de se legalizar. Por precaução, ela resolveu tirar os filhos das aulas extracurriculares.

As seguidas repatriações e o ambiente de hostilidade têm feito muitos repensarem o plano inicial, mesmo aqueles que já estavam adiantados na preparação da viagem — do ponto de vista logístico e também psicológico, uma vez que a decisão de empacotar tudo envolve se afastar do terreno conhecido. Até gente determinada tem parado para pensar duas vezes diante do depoimento de famílias separadas, do confisco de bens e das dificuldades de recorrer à Justiça em chão americano. O consultor de vendas L.S., 41

“MEU MUNDO CAIU”

Dona de uma loja de semijoias em Massachusetts, **Sandra Souza,** 36 anos, estava bem instalada com o marido e os dois filhos pequenos. Em janeiro, foi a uma audiência com autoridades, na esperança de receber o visto, e soube que teria de voltar. “Investimos muito para estar lá e perdemos tudo”, lamenta.



ARQUIVO PESSOAL

anos, de Belo Horizonte, estava tentando reunir a papelada para embarcar em situação legal com a filha, mas desanimou. “Estou procurando outro lugar para viver, vendo o que é mais viável para mim fora do Brasil”, diz. Ele se junta a pessoas de muitas outras nacionalidades — até àquelas que tinham direito a asilo garantido pela situação política de seus países, como hondurenhos e venezuelanos. As consequências na mudança de rota de tanta gente se fazem sentir na desaceleração do fluxo na outrora congestionada fronteira mexicana — houve ali uma queda de quase 100% de pessoas flagradas tentando entrar. Afinal, ninguém quer ver o sonho se converter em pesadelo. ■

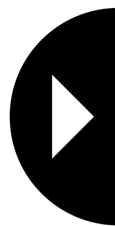
EXERCÍCIO PARA A CABEÇA

Agora é prescrição médica: as atividades físicas ganham um papel cada vez mais relevante na prevenção e no controle dos sintomas da depressão, um mal em ascensão **LUIZ PAULO SOUZA**



ISTOCK/GETTY IMAGES

EFEITO CEREBRAL
Ginástica para os neurônios: esportes modulam a liberação de substâncias na massa cinzenta

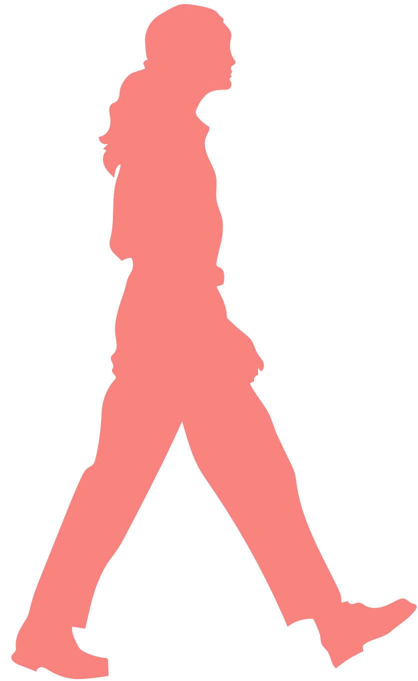


PARECEM NÚMEROS de uma epidemia que não pretende arrefecer. Estima-se que mais de 280 milhões de pessoas vivam com depressão no planeta — um aumento de 45% nas três últimas décadas. No Brasil, os estudos apontam que entre 10% e 17% da população sofre com a sensação de tristeza profunda e a falta de vontade de levantar da cama. Se, por um lado, o diagnóstico do transtorno mental está mais apurado, por outro, a rotina apressada e conturbada, com menos momentos de lazer, descanso e socialização real, alimenta a disparada nos casos. A boa notícia é que, à medida que as pesquisas avançam e o assunto sai da zona do tabu, aumenta também o número de pessoas que, devidamente orientadas, conseguem controlar os sintomas depressivos. Na receita médica, além de remédios e terapia, um item que não pode faltar mais é a atividade física.

Não é de hoje que se vislumbra o impacto terapêutico dos exercícios no cérebro. Mas, se ainda havia alguma dúvida a respeito, uma robusta revisão da literatura médica vem desfazê-la. De acordo com o trabalho, publicado no conceituado periódico *The British Medical Journal*, corrida, caminhada, natação e companhia podem ser tão proveitosos contra a depressão quanto os medicamentos. “O questionamento não é mais se a atividade física é efetiva para a saúde mental, mas como e por que ela funciona”, diz o psiquiatra Alaor Carlos de Oliveira Neto, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo. “Já está bem claro que ela ajuda a aliviar sensações como perda de interesse e apatia.”

NO RECEITUÁRIO

As modalidades estudadas por aliviar sintomas psíquicos



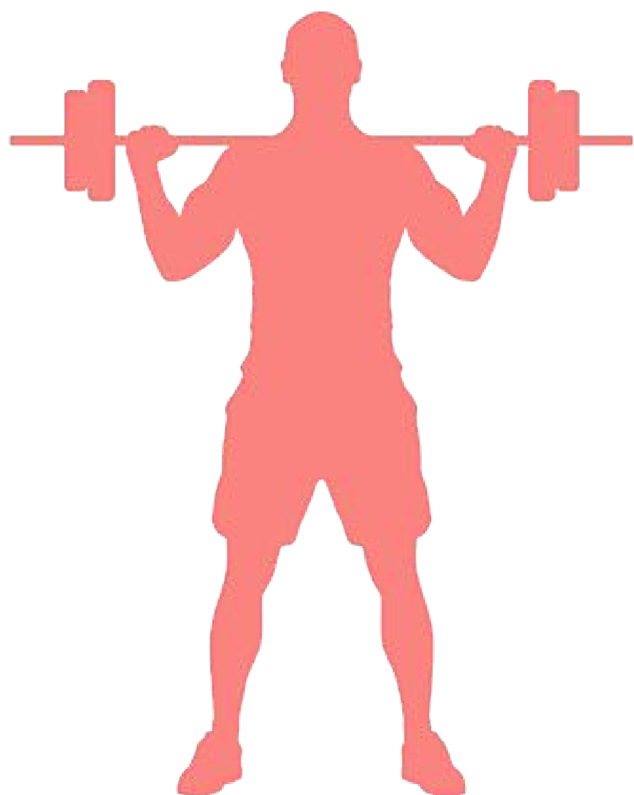
C A M I N H A D A

Já faz efeito — e é uma boa maneira de começar a se exercitar



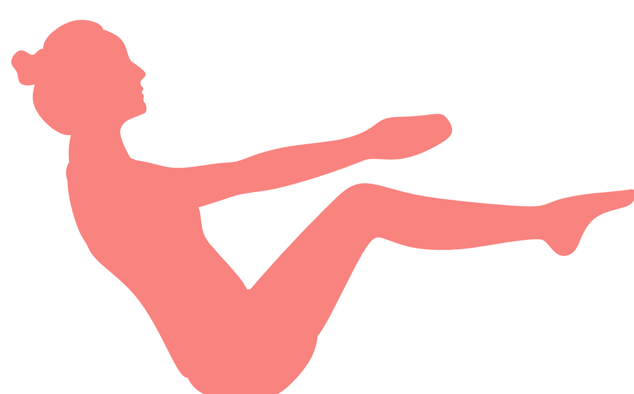
C O R R I D A

Libera endorfinas em pouco tempo de exercício. Avance gradualmente



M U S C U L A Ç Ã O

Treinos moderados e intensos aumentam a resiliência do corpo — e da mente



I O G A

Alternativa a quem não é fã de levantar peso, trabalha a respiração e o relaxamento



Fonte: *Noetel et al. 2024, BMJ*

Nesse sentido, o que os especialistas estão percebendo é que as sessões de atividades aeróbicas e musculação — bem como outras doses de movimento no cotidiano — exercem repercussões nos neurônios no curto e no longo prazo. Mas como o suor se converte em benefícios antidepressivos? Cientistas já descortinaram que a atividade física moderada ou intensa instiga a liberação de neurotransmissores associados ao bem-estar e à supressão do estresse, caso da serotonina e da endorfina. Mas as explicações não se limitam à pura biologia. "O exercício costuma proporcionar uma sensação de realização e autoeficácia, além de oferecer oportunidades de interação social", afirma o fisiologista Ben Singh, da Universidade do Sul da Austrália, que investiga o potencial da malhação nos transtornos psiquiátricos. Na realidade, não apenas a corrida de rua (ou na esteira) e o levantamento de peso na academia surtem resultados, como também práticas com um aspecto mais meditativo, caso da ioga, que trabalha posturas, respiração e concentração, atributos bem-vindos à mente.

É evidente que o exercício não cura sozinho uma depressão. Colocando em perspectiva, é preciso levar em consideração a gravidade do quadro e lembrar que o movimento não exclui remédios e psicoterapia. Até porque um desafio para o paciente nessas circunstâncias é superar a desmotivação que pode tornar a prática inviável. Outro ponto de atenção é que a atividade física precisa estar atrelada a algo que remeta ao prazer ou ao ganho de saúde. A pura obrigação pode ter um efeito negativo. "Nós temos dados que mos-


ISTOCK/GETTY IMAGES

VARIEDADE Ioga: meditação e contato social também têm ação antidepressiva

tram que as atividades realizadas fora do momento de lazer, por causa do trabalho ou do deslocamento longo, estão associadas a uma piora da depressão", diz o educador físico Heitor Pasquim, professor do Instituto Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de São Paulo.

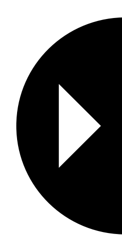
Por essas e outras, tem-se defendido que, na hora de esquematizar o plano terapêutico, o médico já deveria traçar coordenadas realistas, mais fáceis de implementar com o apoio de um educador físico. Isso, é claro, esbarra em outro ponto sensível na realidade brasileira: o acesso. Hoje, a mensalidade em uma academia pode superar facilmente 10% do salário mínimo. Mas uma caminhada diária demanda apenas um tênis. Além disso, prefeituras têm se empenhado em criar programas gratuitos com a missão de estender os exercícios (e suas vantagens físicas e psíquicas) a um maior número de cidadãos. Faz sentido: a epidemia de depressão já está batendo à porta. ■

O CÉU DEIXOU DE SER O LIMITE

A poluição atmosférica e o acúmulo de satélites podem significar o aumento das colisões em órbita, pondo em xeque o futuro das telecomunicações e da exploração espacial **LIGIA MORAES**



TRÁFEGO INTENSO Em baixa altitude: sondas são ameaçadas pela alta concentração de monóxido de carbono



ISTOCK/GETTY IMAGES

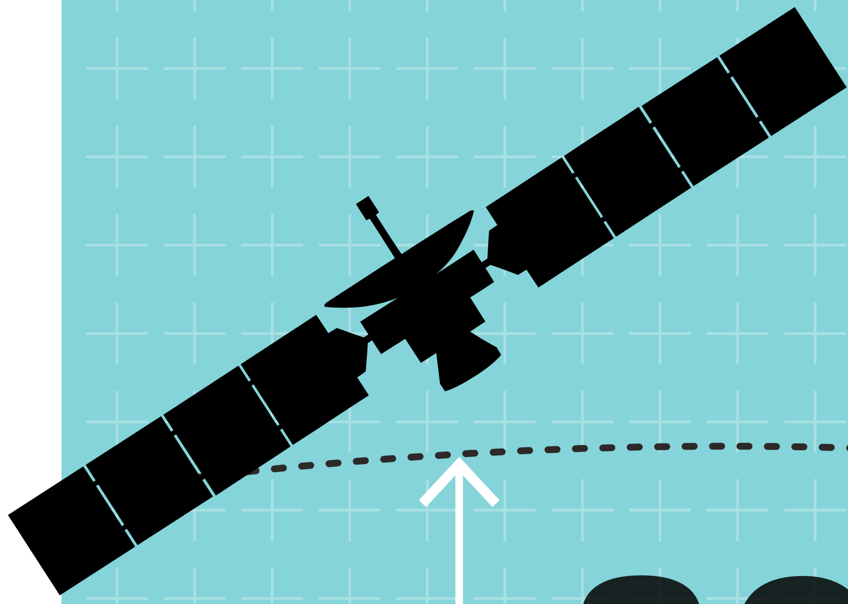
AO SUBIR aos céus pela primeira vez com pompa em outubro de 1957, o satélite soviético Sputnik-1 inaugurava a era moderna da corrida espacial. Desde então, o espaço passou a ser sinônimo de avanço científico, ambição geopolítica e promessa tecnológica — em movimento que parece não cessar e, recentemente, atraiu também a iniciativa privada, ao infinito e além. A órbita da Terra, especialmente em altitudes mais baixas, é o endereço mais cobiçado do século XXI.

Há, contudo, um inesperado obstáculo. Um recente estudo publicado na revista *Nature Sustainability* indica uma má notícia: o acúmulo de dióxido de carbono e de outros gases de efeito estufa na atmosfera pode comprometer a viabilidade da ocupação orbital. Segundo a pesquisa, liderada por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), dos Estados Unidos, e da Universidade de Birmingham, da Inglaterra, o aumento das emissões está resfriando e contraindo a chamada termosfera. Quando a termosfera se contrai, a densidade decrescente reduz o arrasto atmosférico — uma força que puxa satélites antigos e outros detritos para altitudes onde eles encontrarão moléculas de ar e queimarão. Portanto, menos arrasto significa maior vida útil para o lixo espacial, com evidente risco de colisões.

O resultado direto: estima-se que o número de satélites que podem operar com segurança cairá até 66% antes do fim do século, segundo o ruidoso trabalho. A redução afe-

ONDE MORA O PERIGO







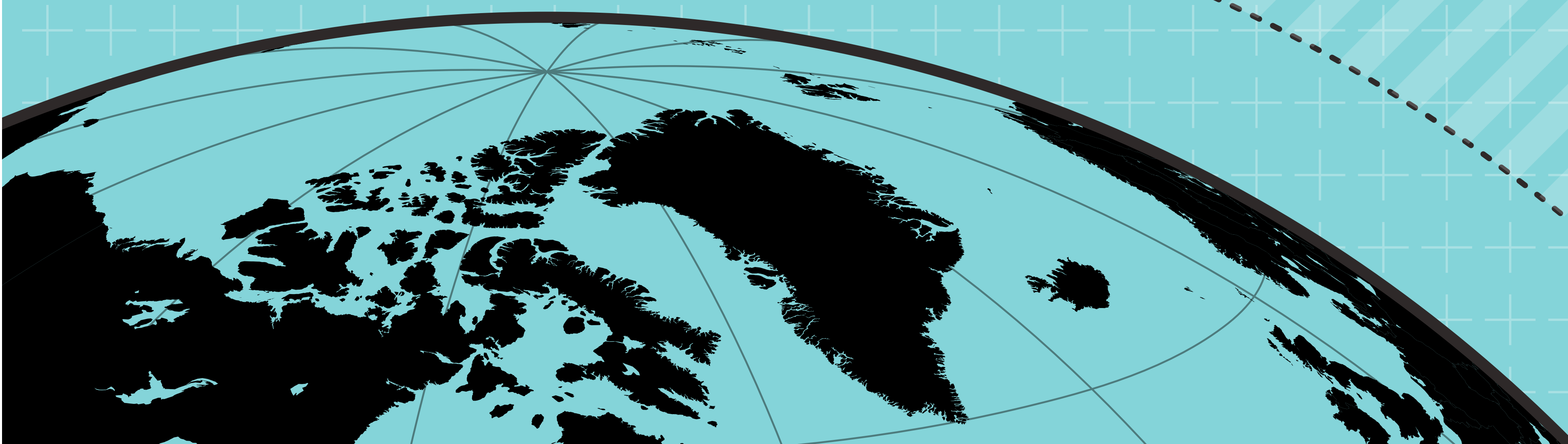
8 033

é o número de satélites em órbita baixa da Terra (LEO, na sigla em inglês), que circundam o planeta em altitudes de **2 000 quilômetros ou menos**



50% a **66%**

é a redução prevista na capacidade de suporte das sondas localizadas entre **200** e **1 000 quilômetros** até o ano de **2100,** sob o cenário de altas emissões



ta justamente as faixas mais disputadas: entre 400 quilômetros e 1 000 quilômetros de altitude, onde orbitam os instrumentos de comunicação, meteorologia e geolocalização. A sobrecarga do espaço também impacta diretamente a ciência. Essa presença massiva de satélites compromete, de modo agressivo, observações feitas por telescópios e interfere na captação de sinais vindos do universo profundo.

O congestionamento da órbita baixa já é um problema concreto. Empresas como a Starlink, do onipresente Elon Musk, estão em processo acelerado de ocupação do espaço com constelações de milhares de pequenos satélites. "Há evidente superlotação, mesmo antes dos problemas derivados da poluição", diz Thiago Signorini Gonçalves, diretor do Observatório do Valongo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Lançar um satélite é hoje mais fácil e barato do que nunca. Os CubeSats — pequenos blocos tecnológicos que pesam menos de 10 quilos — substituíram os antigos trambolhos espaciais. Mas a infraestrutura legal que regula a corrida não acompanhou a revolução técnica. Não há, a rigor, nenhum tipo de regulamentação que imponha claros limites. O nome do jogo é dinheiro. Desenhava-se, até há pouco tempo, algum tipo de legislação. A presença de Musk no governo de Trump deve, contudo, adiar a organização.

No vale-tudo prospera o caos, ainda que não seja o fim dos tempos. Os destroços de satélites fora de operação ten-

UM GRANDE PASSO
O Sputnik: ao cruzar o cosmo, em 1957, iniciou a corrida espacial

NASA

dem a ficar por anos circulando em altíssima velocidade. Uma colisão pode gerar milhares de novos fragmentos, criando um efeito cascata conhecido como síndrome de Kessler. Há, nesse cenário, um nó preocupante: a reação internacional ao impasse é desanimadora. Países que resistem a acordos ambientais seguem ampliando a exploração de combustíveis fósseis, atalho para destruir a vida aqui embaixo e o que ainda podemos descobrir lá em cima. A corrida espacial sempre foi vista como o símbolo da capacidade humana de transpor limites. O espaço é sinônimo de futuro. Não se deve desdenhar dos problemas apenas porque são menos palpáveis. O céu nunca esteve tão próximo — e tão vulnerável. ■

EU NASCI HÁ 10 000 ANOS

Ao apresentar espécimes do extinto lobo-terrível criados em laboratório, empresa quer recuperar outros animais, mas falta de dados científicos levanta dúvidas **ANDRÉ SOLLITTO**



DE VOLTA? Os lobos Remus e Romulus: criados pela Colossal Biosciences, foram apresentados como "desextintos"

COLOSSAL BIOSCIENCES

DARIA UMA CENA BONITA para um roteiro de série. O escritor americano George R.R. Martin, criador de *Game of Thrones,* celebrou com genuíno espanto — e algumas lágrimas, segundo ele — a criação de filhotes de lobo-terrível desenvolvidos pela startup de genética Colossal Biosciences. “Escrevo sobre mágica, mas vocês criaram mágica”, disse ao CEO da empresa, Ben Lamm. Na trama fictícia de Martin, os canídeos ancestrais têm papel relevante no cotidiano da família Stark, governantes do Reino do Norte. E, então, com o ruidoso anúncio, deu-se um magnífico passo científico, apesar de algumas incertezas.

Direto ao ponto: uma espécie extinta há 10 000 anos foi trazida de volta à vida. Ou, dito de outro modo, na expressão usada por Beth Shapiro, diretora científica da Colossal, o bicho foi “desextinto.” Tudo muito espantoso e fascinante, mas com um quê de licença poética de modo a fazer a aventura muito maior do que realmente é. A explicação do processo para “recriar” os animais ajuda a dar a dimensão exata do feito. Uma equipe de 130 cientistas sequenciou o genoma do lobo-terrível a partir de dois fósseis, um conjunto de dentes e um crânio. Depois, eles fizeram modificações no DNA do lobo-cinzento, raça sobrevivente da Era do Gelo, por meio de ferramentas de edição genética. Como desfecho, cadelas domésticas serviram de barrigas de aluguel.

O experimento deu origem a três adoráveis peludos. Remus e Romulus (uma homenagem a Remo e Rômulo, os irmãos alimentados por uma loba que estão ligados à fun-



COLOSSAL BIOSCIENCES

HÍBRIDO O simpático rato-lanoso: parte da Arca de Noé

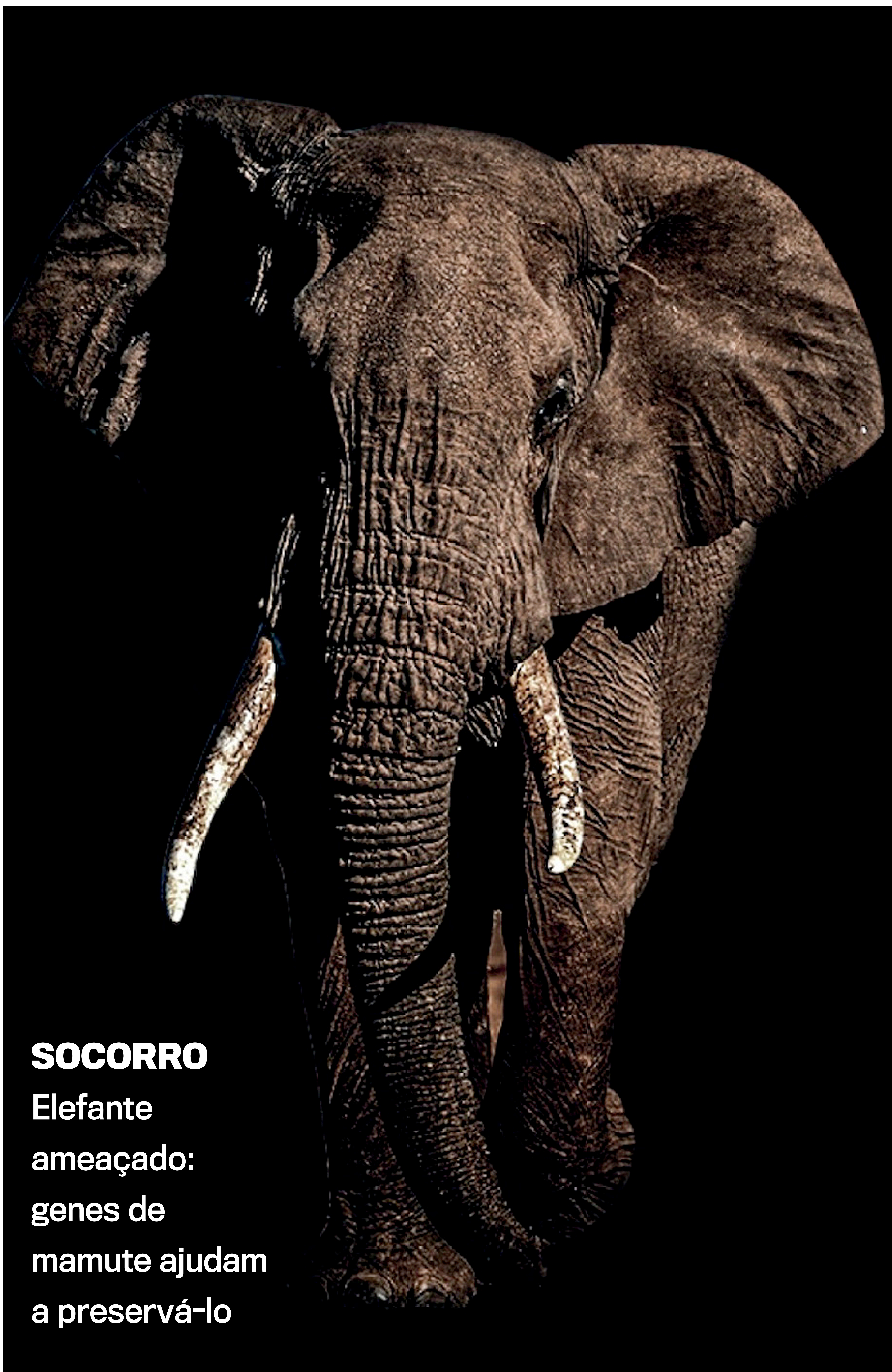
dação de Roma), hoje com seis meses, e Khaleesi (título usado pela personagem Daenerys Targaryen, de *Game of Thrones),* de três meses. Os três estão sendo mantidos em uma empresa privada de conservação animal, cuja localização exata é mantida em segredo para evitar visitas indesejadas de curiosos.

A Colossal, insista-se, não divulgou os estudos científicos que comprovam o processo adotado. "Sequenciar o genoma a partir dos fósseis é um enorme avanço, assim como a análise comparativa dos genomas do lobo-terrível com o do lobo-cinzento", diz Daniel Lahr, chefe do departamento de zoologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. "Seria fundamental, contudo, ter os dados de investigação publicados em revistas de excelência." A cautela

é quase unânime. Para Jeremy Austin, diretor de um centro australiano de estudos de DNAs antigos, os bichinhos seriam “apenas geneticamente semelhantes” ao lobo-terrível — em outras palavras, uma espécie de vira-lata criado com ajuda de modernas técnicas genéticas.

De fato, embora tenha havido muito barulho, as criaturas não são cópias exatas do mamífero lá das antigas, nem poderiam ser. “Um animal é resultado de seus genes, mas também da interação com o ambiente em que vive e no nicho ecológico da fauna que ocupa”, afirma Natalia Pasternak, professora da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, da Fundação Getulio Vargas, de São Paulo, e presidente do Instituto Questão de Ciência. Criado em cativeiro, portanto, em ambiente controladíssimo, o badalado trio pode até conduzir a imaginação para os pares pré-históricos, abre uma interessante possibilidade de futuro a beijar o passado, a tal “desextinção”, mas é cedo para abrir o champanhe.

Pode haver um bom caminho. As informações coletadas agora podem ser úteis para ajudar na sobrevivência de outras espécies em risco de extinção. É causa nobre. Não é preciso, segundo os especialistas que reagiram ao estardalhaço, “desextinguir” um animal para ajudar outro. É possível usar a tecnologia de forma direta, ampliando a diversidade genética de uma população ameaçada. Os genes de mamute, por exemplo, podem auxiliar os elefantes africanos e asiáticos.



SOCORRO
Elefante ameaçado: genes de mamute ajudam a preservá-lo

COLOSSAL BIOSCIENCES

Contudo, por ser uma companhia privada, com investidores, e avaliada em mais de 10 bilhões de dólares, a Colossal Biosciences precisa cativar o público com jogadas de marketing, desde que não alije de vez a comunidade científica. Espera-se que não caia na armadilha (ou na esperteza) da Theranos, empresa criada pela empreendedora Elizabeth Holmes em 2003 com a promessa de revolucionar o diagnóstico de doenças a partir de uma única gota de sangue coletada dos pacientes. Descobriu-se que era tudo uma fraude, e Holmes foi condenada à prisão. A mãe de Remus, Romulus e Khaleesi é mais séria, embora não deva prometer mundos e fundos. Mas atenção, porque vem mais por aí: além do lobo-terrível, a empresa trabalha na recriação de outros animais sumidos, como o pássaro dodô, presente em clássicos da literatura infantil, o lobo-da-tasmânia e o rato-lanoso, adaptado de genes de mamute. É uma imensa Arca de Noé. ■



COLOSSAL BIOSCIENCES

FICÇÃO Ilustração do dodô: animal aparece em clássicos da literatura

ESTER MENDES





PASSEI A TER UM MAIOR CARINHO PELO MEU CORPO

Paola Antonini perdeu a perna em um acidente, mas ganhou uma missão de vida — e uma Barbie para chamar de sua



MINHAS MELHORES memórias de infância são dos finais de semana numa casa de campo que frequentávamos com a família. Brincava o dia inteiro, corria de um lado para o outro, só parava para ficar com as minhas bonecas Barbie ou ajudar minha mãe. Sempre gostei de esportes, mas, assim que fui crescendo, comecei a sonhar ser jornalista. Depois, cheguei a entrar na faculdade de administração, mas tranquei, porque queria seguir o caminho imaginado. Aos 20 anos, me matriculei no curso de jornalismo. Mas aí sofri o acidente que mudou tudo. Era 27 de dezembro de 2014. Me preparava para viajar a Búzios, onde passaria o réveillon com meu namorado. Combinamos de sair cedo e, na hora em que eu estava carregando as últimas coisas no porta-malas, na frente do prédio, veio um carro do nada e me atingiu. Só vi um clarão e ouvi um barulho.

Quando me dei conta, estava no chão. Não fiquei desacordada em nenhum momento. Só pensava o seguinte: não morri, mas machuquei minha perna, porque sentia muita dor. Fiquei ali, deitada entre os carros, até chegar a ambulância, que demorou uns 45 minutos. Lembro do meu namorado perto, do porteiro correndo para ver o que tinha acontecido e, em minutos, meus pais e meu irmão segurando um lençol para me cobrir. Não olhei para a minha perna devido ao olhar assustador das pessoas. Mesmo assim, eu ainda acreditava que iam costurá-la e eu viajaria. Não tinha noção do que tinha acontecido.

Quando cheguei ao hospital, fizeram exames, perguntaram se sentia meu pé, mas já não sentia. Me levaram para a cirurgia. Perguntei à enfermeira: vou morrer? Não tinha me despedido de ninguém. Ela disse que não. Foram catorze horas de operação. Quando acordei, vi minha mãe. Perguntei se tinham colocado pinos e ferros, e ela desconversou. No fundo, eu sabia que já tinham amputado. Mais tarde, ao falar com meus pais, entendi pelo que passei: foi uma amputação total da perna direita. O susto foi grande, mas ao mesmo tempo só conseguia agradecer por estar viva. Esperei dois dias para ver meu corpo. A primeira impressão foi com uma prótese encaixada, e não achei tão ruim. Uma semana depois é que observei direitinho a falta da perna, sentada em uma cadeira, em frente ao espelho. Não fiquei triste nem revoltada, tamanha era a minha gratidão. Pelo contrário, passei a ter mais carinho pelo meu corpo, entender que é o que eu tenho e terei para o resto da vida. Era um exercício diário de olhar, enxergar e agradecer. Até hoje é assim.

Tem dias que me sinto mais confiante, outros nem tanto, principalmente sem a prótese. Mas sou feliz com a minha perninha colorida e brilhante. Adoro trocar as cores, combinar com as roupas e até com o esmalte das unhas. Talvez seja esse o meu segredo de leveza. Enfim, foram seis meses focada na reabilitação. Reaprendi a andar e vivo um dia de cada vez. Sempre me recusei a sofrer por antecipação. Perder uma perna traz uma mudança física enorme, mas pequena se compararmos com o fato de eu ainda estar aqui.

Depois acabei trancando a faculdade de jornalismo porque o acidente me levou a exercer outras atividades. Virei influenciadora para trabalhar essa causa, fiz algumas atuações, inclusive numa série da Netflix, *Todo Dia a Mesma Noite*, em que interpreto uma sobrevivente do incêndio da Boate Kiss, inspirada na Kelen Ferreira, de quem me tornei amiga. Fico feliz de saber que inclusive a ajudei a aceitar sua própria história de amputação. E foi com ela que recebi a honra de virar uma Barbie Role Model, linha de bonecas especiais feitas para homenagear mulheres inspiradoras. Eu, que adorava as Barbies, virei uma delas, a versão PCD. É uma iniciativa leve e lúdica que soma forças ao trabalho que desenvolvo junto ao meu Instituto Paola Antonini, um centro que criei para auxiliar jovens de até 21 anos com reabilitação gratuita e doação de próteses. Eu perdi uma perna, mas ganhei um propósito de vida gigante. ■

Depoimento a Simone Blanes

AGÊNCIA LOUR



MAIS PEDIDO Costela de tambaqui da Casa do Saulo: prato obrigatório do cardápio

SABORES DA FLORESTA

A realização da COP30, em Belém, no Pará, representará um grande palco para o chef Saulo Jennings, considerado o embaixador gastronômico da culinária amazônica **ANDRÉ SOLLITTO**

VICTOR OLIVEIRA



CRIATIVIDADE Boto cor de rosa, feito com pirarucu: preocupação com a sustentabilidade

HÁ IMENSA expectativa. Quando dezenas de líderes mundiais, acompanhados por grandes comitivas, estiverem reunidos em Belém, no Pará, em novembro para participar da COP30, toda a atenção será destinada à discussão de temas relevantes relacionados às mudanças climáticas. O cenário, ao lado da Floresta Amazônica, trará ainda mais urgência ao debate. Contudo, uma bonita ferramenta diplomática poderá roubar a cena e abrir a mente de muitos para a necessidade de preser-

vação da biodiversidade: a comida. A alimentação amazônica ensina muitas lições sobre os valores da floresta de pé e a riqueza alimentar da região. No entanto, é variedade de sabores ainda desconhecida até mesmo para boa parte dos brasileiros. No caminho da necessária divulgação, há um nome de destaque, o chef Saulo Jennings, considerado o embaixador informal da culinária amazônica.



VITOR ALVARENGA

CURRÍCULO
O profissional: Macron já provou e gostou das criações dele

Natural de Santarém, a pouco mais de 1100 quilômetros de Belém, Jennings trabalhou em uma empresa multinacional antes de se tornar cozinheiro, transformando o hobby em negócio. Abriu um pequeno restaurante em sua varanda, e logo o espaço cresceu. A Casa do Saulo é hoje referência, com filiais em Santarém, Belém, Alter do Chão, Rio de Janeiro e São Paulo. Jennings faz um recorte específico do amplo caleidoscópio de pratos. Sua cozinha é centrada nos preparos relacionados ao Rio Tapajós, com receitas como a costela de tambaqui ou o boto cor de rosa, feito com pirarucu gratinado com queijo e banana-da-terra — ambos são peixes comuns na região e muito consumidos pela população local. Mantém um menu fixo em seus restaurantes como forma de garantir o didatismo da expe-

riência. "Temos que ser insistentes na questão do ingrediente e da técnica ancestral", diz Jennings.

A trajetória do chef deve ser celebrada, e não vem de agora. Ele foi escolhido para preparar o jantar presidencial da COP28, realizada em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, em 2023. Cozinhou na coroação do rei Charles III. Ainda atua como articulador de políticas públicas ligadas à produção da comida. Por suas habilidades no fogão e por atividade de evangelização do que faz, é admirado por outros cozinheiros. "Saulo, além de um profissional excepcional, valoriza a cultura alimentar tapajônica fortalecendo cadeias produtivas da sociobiodiversidade do bioma amazônico", diz a chef Bel Coelho, conhecida pela defesa que faz dos ingredientes nativos. "É trabalho fundamental no desenvolvimento sustentável."

A COP30 representará, por óbvio, um palco importante. Para muitos chefes de Estado, será o primeiro contato com a comida amazônica. Para outros, não. O líder chinês Xi Jinping e o presidente francês Emmanuel Macron estão entre aqueles que já comeram (e gostaram) da comida de Jennings. A partir dessa experiência, é possível usar a alimentação saudável e culturalmente forte como uma ferramenta fundamental do chamado soft power, no avesso da brutalidade das guerras. Se o ceviche peruano ou o sushi japonês são conhecidos no mundo afora é graças a um esforço consciente que deve ser replicado. "Podemos começar com um ingrediente como a mandioca e depois ampliar o leque, de modo a mostrar que a culinária brasileira vai muito além da caipirinha e da feijoada", afirma Jennings.


RICARDO OLIVEIRA/AFP

TRADIÇÃO Pesca do pirarucu no Rio Tapajós: práticas ancestrais garantem o sustento da população local

Além do olhar de fora, a vitrine da COP 30 pode vir a se traduzir em políticas públicas efetivas. E isso envolve discutir o tema também pelo viés comercial, e não apenas pela beleza da preservação de técnicas e conhecimentos ancestrais. “Temos que colocar o pé no chão e debater como transformar nossa qualidade em dinheiro para os produtores”, diz o chef. É um processo que envolve vários órgãos públicos. Um pequeno produtor precisa entender o valor de manter a floresta de pé. Precisa de conhecimento técnico de manejo, que pode ser obtido por meio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). Precisa de ajuda do Sebrae para abrir uma microempresa, e de financiamento, que pode ser obtido por meio de bancos regionais. Trata-se de uma forma eficaz de garantir que o espólio alimentar da região seja preservado e que o produtor não se sinta pressionado para abrir mão de produtos locais e plante soja, por exemplo, mais rentável no curto prazo. A estrada é longa, mas saborosa, como mostra a carreira de Saulo Jennings. ■



BROCHE WILLIAMSON DIAMOND, a peça rosa no colo de Elizabeth II ao ser coroada rainha, em 1953





RELÓGIO DE PULSO CRASH, com pulseira de couro, safira e ouro, de 1967



TIARA EM GUIRLANDA, usada por Clementine Churchill na entronização de Elizabeth II

FOTOS NILS HERRMANN/COLLECTION CARTIER; VINCENT WULVERYCK/COLLECTION CARTIER; CARTIER; ROYAL COLLECTION TRUST

DIAMANTES SÃO ETERNOS

Magnífica exposição em Londres celebra a permanência da francesa Cartier, a grife que espelhou a história dos séculos XX e XXI como sinônimo de luxo **SIMONE BLANES**



COLAR DE JADE BIRMANÊS, ornado com rubis, diamantes e ouro, 1934

PRECIOSIDADES
Entre relógios, broches, tiaras e colares: luz em adereços que ajudam a contar a aventura dos séculos

TERÁ SIDO coincidência? Talvez não. Em 1953, enquanto Marilyn Monroe celebrava os diamantes como "os melhores amigos de uma garota" em *Os Homens Preferem as Loiras*, a rainha Elizabeth II encomendava à francesa Cartier um broche destinado à sua coroação. Desenhado como uma delicada flor de junquilho, símbolo de recomeços, era ornado com 203 pedrinhas prateadas e uma cor-de-rosa, ao centro, de 23,6 quilates, recebida como presente de casamento, em 1947. O Williamson Diamond, como ficou conhecido, a partir do nome do geólogo canadense que descobrira uma mina na Tanzânia, atravessaria décadas como testemunha silenciosa da história.

Agora, é relíquia central de uma exposição no Victoria and Albert Museum, de Londres, simplesmente intitulada *Cartier*. É uma joia. Com 350 preciosidades, a mostra celebra a aventura da mítica joalheria da perspectiva da filial britânica, criada em 1902, depois que membros da família decidiram expandir o negócio de Paris para Londres e No-

va York. Fazem parte do acervo, além do tesouro da rainha da Inglaterra, o broche de rosa, de 1938, da princesa Margareth; o broche Panthère, de 1949, do duque de Windsor; e o anel de noivado de 10,48 quilates da atriz Grace Kelly. Não há dúvida: são eternos e traduzem o passar do tempo, no estilo e na relevância de quem os levou ao colo, aos dedos e pulsos.

A exibição do V&A tem um claro recado: a Cartier soube acompanhar as transformações culturais sem perder a essência. Celebrem-se, portanto, as tiaras aristocráticas do início do século XX, como a Manchester, de 1903, cravejada com mais de 1 000 diamantes. Aplausos para o colar de jade birmanês, rubis e ouro, de verde estonteante. Festa para a tiara em guirlanda que Clementine Churchill, mulher do premiê Winston, usou na entronização de Eliza-



FOTOS KEYSTONE PRESS/ALAMY/FOTOARENA; CARTIER



PELA FAMÍLIA

A princesa Margaret com o broche de diamantes de 1938, em formato de rosa: na coroação da irmã


FOTOS MGM/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP; CARTIER

LAPIDAR Grace Kelly, logo antes de viver um conto de fadas em Mônaco: e quem prestaria atenção nos dedos da atriz?

beth II e que Rihanna — sim, Rihanna — levaria a uma capa de revista em 2016. Um elemento exposto com iluminação teatral pode servir de sinônimo do trabalho desenvolvido pelos Cartier há quase 180 anos (a casa foi fundada em 1847): um relógio de safira e ouro, o Crash, desconstruído como os do surrealismo de Salvador Dalí, indício de que os ponteiros pouco importam quando se trata de algo perene. “Os objetos da Cartier são como uma paisagem de sonho, em que arte e ciência convergem”, diz Asif Khan, designer da exposição. Eis uma boa definição, fruto do casamento da beleza com a precisão na manipulação de produtos indizíveis.

Sim, pode haver um quê de exagero, um tantinho de propaganda, atalho para multiplicar as vendas da marca hoje em dia, mas há um outro modo de enxergar a Cartier: é um

mito de nosso tempo, retrato de uma época em que o luxo era celebrado como troféu. Hoje, já não é mais assim, e quando nomes como Rihanna põem uma tiara riquíssima na cabeça estão apenas fazendo referência ao que passou, em piscadela a um só tempo irônica e de homenagem a manufaturas que nem mesmo valor estimado têm.

Afinal de contas, quando se trata de embelezar o corpo com produtos da "joalheira dos reis e rainha das joalherias", os diamantes não são apenas os melhores amigos — são companheiros a marcar o poder, o status e as mudanças culturais, em brilho imutável. A inspiração, de geração para geração, ainda que o espanto original possa ser interpretado hoje como ironia, bebe de uma frase de Louis Cartier (1875-1942): "Nunca imite, sempre inove". Eis um bom conselho para a vida. ■

PAZ, AMOR E AMIZADE

Radialista americano conta em livro como se tornou amigo e confidente de John Lennon e Yoko Ono – e revela detalhes da intimidade do casal mais famoso da história da música

FELIPE BRANCO CRUZ



NISHI F. SAIMARU/CORTESIA DO AUTOR

ÁLBUM DE FAMÍLIA
Proximidade: Mintz com John e Yoko em 1977, durante viagem ao Japão

Em 1971, aos 26 anos, o radialista americano Elliot Mintz ouviu o recém-lançado álbum *Fly,* de Yoko Ono. Desconcertado pelo som viajante e experimental da artista, que então tinha 38 anos, ele se interessou em entrevistá-la ao vivo em seu programa. Yoko topou e, durante os quarenta minutos em que ficaram no ar, falaram, claro, da carreira dela: "Um artista não precisa de talento, precisa apenas ter certo modo de pensar", ela divagou. Abordaram também temas prosaicos, como o ato do cão de abanar o rabo, e coisas mais sérias, como a paz no mundo. O único tópico não abordado foi John Lennon, o ex-beatle e marido de Yoko. Como reconhece hoje Mintz, não foi lá uma entrevista marcante, nem pelas músicas de Yoko, nem pelo conteúdo. Mas ela lhe abriu portas — e que portas. No dia seguinte, Yoko ligou para o radialista para agradecer pelo bate-papo e por ele não perguntar sobre Lennon. "Os entrevistadores nunca querem conversar comigo, só com John", desabafou — e falaram sobre amenidades por outros quarenta minutos. No outro dia, ela ligou de novo às 5 da manhã, apenas para comentar sobre um livro que havia acabado de ler. O roteiro se repetiu diariamente



JOHN, YOKO E EU, de Elliot Mintz (tradução de Fabiano Morais; Sextante; 224 págs.; R$ 59,90 e R$ 34,99 em e-book)

até que, algumas semanas depois, o próprio marido famoso entrou na linha. Ele queria saber sobre certas injeções experimentais usadas na época para emagrecimento — uma obsessão de Lennon. Desde a primeira hora, o casal demonstrou grande empatia por Mintz — ligação que durou até a morte do ex-beatle, em 1980, e que hoje o radialista ainda cultiva com Yoko, de 92 anos.

O discreto Mintz manteve os detalhes dessa longa amizade em sigilo por décadas, até finalmente trazer à luz o que viu e viveu com o casal no saboroso livro ***John, Yoko e Eu.*** Nele, Mintz descreve momentos absolutamente inacreditáveis ao lado dos dois — uma relação que tomou conta de sua vida a ponto de ele instalar uma linha de telefone exclusiva em casa só para atender Yoko e John. A iniciativa do livro teve o incentivo do filho do casal, Sean, de 49 anos — de quem ele só não foi padrinho, aliás, pelo fato de Lennon preferir convidar Elton John "porque daria presentes de Natal mais caros". Com o aval da família, Mintz, hoje aos 80, sentiu-se então à vontade para contar os momentos privados que passou com eles, apresentando um raríssimo vislumbre do ex-beatle na intimidade. "Um dos seres humanos mais brancos que já vi na vida", descreve ele sobre sua impressão inicial de Lennon, no dia em que o viu pela primeira vez, de sunga, na piscina de um rancho no interior da Califórnia, onde o casal se isolara para tratar dos efeitos da abstinência em metadona e heroína, que tentavam abandonar.


BOB GRUEN/CORTESIA DO AUTOR



CORTESIA DO AUTOR

INTIMIDADE Amigo e guardião do legado: com Lennon em 1980, meses antes da morte do cantor *(à esq.)* e colagem que ganhou do casal

Em entrevista a VEJA *(leia o quadro "Yoko não é compreendida")*, Mintz diz que até hoje não sabe por que ganhou a confiança do casal. "Eu poderia ter me casado, tido filhos ou até feito amigos mais convencionais e que não mantivessem segredos extraordinários", afirma. Talvez resida aí a razão da confiança: Mintz sempre estava disponível. "Eu era sozinho, paciente, bom ouvinte e mantinha a boca fechada. As coisas que conversávamos não apareceriam no jornal no dia seguinte. E daí, se me ligassem no meio da noite e me acordassem?", completa.

Das confidências extraordinárias que testemunhou, a maioria aconteceu no edifício Dakota, em Nova York — em frente do qual Lennon foi assassinado em 1980. Numa delas, durante um melancólico almoço natalino com Paul McCartney, captou um diálogo impagável para qualquer



ALLAN TANNENBAUM/CORTESIA DO AUTOR

LUTO Mintz *(ao fundo)* com Julian Lennon, Yoko e Sean, em 1984: homenagem ao pai

beatlemaníaco. Lennon disse que não pensava mais em música, pois queria se dedicar ao filho Sean — ao que Paul respondeu que não conseguiria viver sem música. "Naquela noite, não pude deixar de pensar que aquele poderia ter sido um dia histórico se Lennon resolvesse pegar o violão, que estava ali, e compor com o amigo", diz o autor. Mintz expõe outra nuance pouco conhecida de Lennon: o ex-beatle desabafava com ele sobre o medo de ser preso e deportado dos Estados Unidos por sua militância contra a Guerra do Vietnã nos anos 1970.

A amizade continuou mesmo quando Lennon se separou brevemente de Yoko para viver seu "fim de semana perdido" em Los Angeles, período em que se jogou nas drogas com sua assistente, May Pang. Mintz deu uma de cupido na reconciliação com Yoko e testemunhou até brigas no estúdio com o po-

CORTESIA DO AUTOR



COMPANHEIRO Sempre presente: em 1975, Mintz e Lennon em passeio de barco pelo litoral de Nova York

lêmico produtor Phil Spector. Após o assassinato de Lennon, o amigo assumiu um novo papel na família. A pedido de Yoko, tornou-se o inventariante da memorabilia de Lennon. Coube a ele, por exemplo, receber do hospital as roupas e os óculos ensanguentados que o músico usava quando morreu.

O diligente trabalho arqueológico rendeu frutos musicais memoráveis. Após ouvir centenas de fitas cassete, encontrou a inédita *Free as a Bird*, composta por Lennon. Quinze anos mais tarde, ela seria apresentada como a última canção dos Beatles (até 2023, quando *Now and Then* foi recuperada com a ajuda de inteligência artificial). “Uma música boa”, diz o radialista sobre a canção. Mais de cinquenta anos após aquela entrevista com Yoko, Mintz prova que nem só de paz e amor viveu o casal roqueiro — eles também prezavam uma boa amizade. ■

“YOKO NÃO É COMPREENDIDA”

O americano Elliot Mintz, de 80 anos, revelou a VEJA detalhes de sua longa amizade com o casal John Lennon e Yoko Ono.



JIMMY STEINFELDT

O AUTOR Mintz hoje: “Lennon era engraçado e espirituoso”

Como eram Lennon e Yoko na intimidade? Eram um casal engraçado e incrivelmente espirituoso. Às vezes, melancólicos. Ele era um orador melhor do que ouvinte. Yoko era mais poética, otimista e sonhadora. É dela a inspiração para *Imagine*. Ela não vê televisão e lê livros constantemente.

O senhor fez o inventário da memorabilia do ex-beatle. Ainda há algo inédito? Ouvi centenas de fitas cassete de Lennon. Há momentos dele conversando com o filho Sean ou descrevendo um sonho. Há trechos compondo *Strawberry Fields Forever,* por exemplo. Em uma das fitas, havia uma versão de *Free as a Bird*, então inédita. Entreguei para Yoko e a música foi lançada anos depois. Se ainda existe algo inédito, não vi.

Qual foi a importância de Yoko para Lennon? Provavelmente, ela é a pessoa mais incompreendida da história contemporânea. Ainda há uma geração de pessoas que acredita que ela separou os Beatles. Yoko era a musa de John e sua parceira intelectual.

RESISTIR É PRECISO

Em sua última temporada, a série *The Handmaid's Tale* expõe os perigos da normalização de um mundo onde os direitos humanos são sacrificados em nome de interesses políticos



DAVI E GOLIAS Elisabeth Moss e Yvonne Strahovski como June e Serena: mocinha e vilã, vítimas do fundamentalismo

STEVE WILKIE/DISNEY

LONGE de Gilead, ditadura teocrática que tomou os Estados Unidos na série ***The Handmaid's Tale,*** a protagonista June, enfim, tira o vestido vermelho que era obrigada a usar no posto de aia. Um detalhe incômodo, porém, permanece na sexta e última temporada, que acaba de chegar ao Paramount+. Nessa distopia assustadora, as aias — mulheres férteis escravizadas para darem filhos à elite religiosa — são ainda marcadas como animais: uma etiqueta de identificação é fixada na hélice da orelha de cada uma delas. June, contudo, se recusa a tirar a marcação. "Eu posso libertar você disso", diz uma médica à protagonista, vivida por Elisabeth Moss. Ela responde: "Só serei livre quando todas as aias estiverem livres". A cena dá o tom dos próximos passos de June, uma mulher comum que, diante de uma opressão inominável, entende que lutar é a única opção.

Quando estreou, em 2017, a trama baseada no livro *O Conto da Aia*, da canadense Margaret Atwood, era um alerta contra a política repressora de Donald Trump em seu primeiro mandato. Ao ameaçar direitos reprodutivos femininos e perseguir pessoas trans, o republicano atraiu comparações com os comandantes de Gilead, que abusam do poder usando a religião cristã como escudo. A série, então, foi de ficção especulativa improvável a uma possibilidade não tão distante assim — e, ironicamente, chega ao fim com Trump de volta ao poder.

Ao longo de seis temporadas, *Handmaid's Tale* fez um exame instrutivo do que sustenta uma ditadura — e os perigos de sua normalização. O que torna seu cenário sombrio plausível é o fato de o roteiro ir além dos limites de Gilead. No Canadá da ficção, americanos fugitivos viram refugiados e uma embaixada dos Estados Unidos (ou do que restou do país) exige sanções contra Gilead e ajuda internacional para retomar o território perdido para a ditadura. Entre os dois países, uma vasta terra de ninguém vira trincheira de rebeldes e mercenários. Na última fase, porém, a animosidade canadense contra imigrantes e o sucesso econômico de Gilead fazem com que a nação fundamentalista comece a ser aceita pelo país.

Frente à odiosa acomodação, a postura insurgente de June parece ilusória: como vencer tamanho gigante opressor? Ela contará com uma antiga inimiga como aliada: Serena (Yvonne Strahovski), defensora ferrenha de Gilead, se viu vítima da ditadura que ajudou a criar e agora almeja consertar as fissuras da nação que se desviou dos preceitos cristãos. Nessa luta de Davi e Golias, uma lição fica para o mundo: em tempos sombrios e de pouca esperança, resistir é preciso. ■

Raquel Carneiro

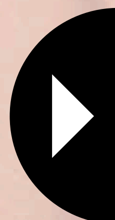
A GRAÇA DA MATURIDADE

Como a adorável Deborah Vance, de *Hacks*, Jean Smart atingiu sucesso inédito aos 73, iluminando oportunidades e desafios das atrizes veteranas em Hollywood hoje

KELLY MIYASHIRO

PODEROSA
Jean Smart: “É mais fácil chegar às pessoas com o humor”

MAYA DEHLIN SPACH/WIREIMAGE/GETTY IMAGES



OUTRORA uma estrela da comédia, a septuagenária Deborah Vance contabiliza décadas de ostracismo à frente de um espetáculo de stand-up antiquado em Las Vegas. Mas então ocorre um daqueles milagres fascinantes do showbiz: com a ajuda de uma jovem roteirista, Ava (Hannah Einbinder), ela areja seu repertório e, enfim, realiza o sonho de apresentar seu próprio talk show. Há correspondências notáveis entre a protagonista de ***Hacks*** e sua intérprete na série que acaba de chegar à sua quarta temporada na Max. A americana Jean Smart teve um início de carreira promissor, depois tomou certo chá de sumiço — e agora, aos 73 anos, brilha em *Hacks*.

A reinvenção de Jean Smart é um feito que vai na contramão de uma perniciosa máxima de Hollywood: a de que atrizes na sua faixa etária estão fadadas, quando muito, a papéis secundários que eventualmente podem ganhar algum destaque. Do alto dos três Emmys de melhor atriz de comédia que conquistou em seguida com *Hacks*, além do Globo de Ouro e outros troféus, ela mostra que uma mudança positiva no modo de encarar a maturidade feminina está em curso na indústria do entretenimento. Detalhe: a carismática (embora ranzinza) Deborah Vance é seu primeiro papel de protagonista numa série em cinquenta anos de carreira. “Histórias sobre mulheres podem ser tão divertidas e interessantes quanto as histórias sobre homens”, disse Jean a VEJA *(leia o quadro “Não tentamos dar lições”).*

MAX



REINVENÇÃO Com Hannah Einbinder em *Hacks*: parceria cheia de estresses

No início da década de 1980, então com seus 30 anos, Jean já não era uma mera aspirante a atriz ao se mudar de Seattle para Nova York para trabalhar com teatro. Formada pela Universidade de Washington, com várias peças no currículo e sozinha pela cidade, a atriz buscava testes em anúncios de jornais quando optou por uma audição que fosse perto de seu apartamento alugado com

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



IDADES Em *Mare of Easttown (no alto)* e *Designing Women*: longa vida na tela

uma amiga. A estrela passou, mas uma confusão entre os produtores do espetáculo fez com que fosse demitida e depois recontratada para outra peça. Por sorte, esse novo projeto — uma montagem da Broadway sobre Édith Piaf, em que ela fez o papel da diva alemã Marlene Dietrich — chamou a atenção para seu rosto no cenário teatral. Não levou muito tempo para que fosse convidada para suas primeiras participações na TV, até ganhar fama na sitcom *Designing Women* (1986), aos 35 anos.

Dos anos 1990 em diante, Jean até fez trabalhos de prestígio no cinema e na TV aqui e ali, mas sua carreira tomou um rumo mais morno. A fase atual se delineou em 2006, quando brilhou como uma destemperada primeira-dama dos Estados Unidos na série *24 Horas*. A mãe melancólica de Kate Winslet em *Mare of Easttown* (2021) rendeu-lhe a indicação ao Emmy e selou sua redescoberta. Mas foi só com a antológica Deborah Vance que Jean atingiu sua consagração. Desde a estreia da comédia, em 2021, atriz e personagem se tornaram figurinhas festejadas da cultura pop.

Na nova temporada, Deborah enfrenta um conflito ainda mais intenso com Ava, que terminou o terceiro ano da série conquistando a vaga de roteirista principal do talk show após chantagear a comediante — que, birrenta como sempre, não queria lhe dar um cargo tão poderoso. A estrela tenta sabotar a parceira para fazê-la desistir, pois teme que Ava não esteja à altura da pressão por audiência que envolve um grande talk show americano. O maior te-

mor da personagem, no fundo, também se aplica a veteranas como Jean: a indústria reluta em dar oportunidades a artistas mais velhas — que dirá se elas errarem.

Uma participação especial na série ajuda a provar que é possível resistir: a nonagenária Carol Burnett surge em cena para dar conselhos a Deborah na sala de espera de um cardiologista. "Se eu puder ser como ela aos 91 anos,

"NÃO TENTAMOS DAR LIÇÕES"

A americana **Jean Smart** reflete sobre como *Hacks* aborda as dificuldades da mulher na indústria do entretenimento.

As coisas entre Deborah e Ava terminaram com uma briga explosiva no final da temporada passada. Como as encontramos no início da quarta? Continuamos exatamente de onde paramos. Embora seja uma rivalidade muito amarga nesta nova fase, elas ainda são capazes de torná-la engraçada.

***Hacks* mostra como a indústria do entretenimento é dura com as mulheres, sobretudo as mais velhas. Denunciar isso é uma bandeira?** Nossa série não está tentando dar lições. Mas, se estivesse, eu diria que é muito mais fácil chegar às pessoas através do humor do

ficarei feliz", disse Jean a VEJA. "Há muitas pessoas com mais de 60 que não se veem representadas na TV, especialmente não da maneira como Jean personifica essa personagem", analisa Paul W. Downs, roteirista e intérprete de Jimmy, agente de Deborah na série. Pode ser difícil se manter no topo, mas a graça da maturidade está em rir desse velho e obsoleto tabu. ■

que impondo alguma coisa. Para o público de hoje, histórias sobre mulheres podem ser tão divertidas e interessantes quanto histórias sobre homens. E levou um tempo extraordinariamente longo para isso acontecer.

Por quê? Creio que parte disso se deve apenas à evolução natural. Antigamente, a maioria das peças, filmes e livros era sobre homens, porque os homens eram os únicos no mundo a fazer coisas. As mulheres estavam em casa. Isso mudou nos últimos 100 anos. Mas demorou muito para recuperarmos o atraso.

Tem algo que a faz se identificar com Deborah – ou que a afasta dela? Adoro seu senso de humor, mas não consigo entender sua raiva e amargura. Ela carrega ressentimentos por anos. E com isso eu não me identifico, deve ser um fardo terrível.

JONATHAN WILKINSON



INOVADOR A obra *Madeira de Inverno,* de 2009: estudioso dos mestres e artista inquieto que só segue "para a próxima coisa"

O MERGULHO DO DÂNDI

O inglês David Hockney, um dos inventores da pop art e inovador da pintura com suas obras de tons vibrantes, ganha sua maior retrospectiva aos 87 anos, em Paris **THIAGO GELLI**

JENNI CARTER/ART GALLERY OF NEW SOUTH WALES





RECORDE *Retrato de um Artista (Piscina com Duas Figuras):* obra atingiu 90,3 milhões de dólares em leilão

AO SOBREVOAR Los Angeles pela primeira vez, em 1964, o inglês David Hockney se apaixonou pelas formas em azul-turquesa que denunciavam as numerosas piscinas daquele Éden artificial. Então aos 27 anos, ele já havia idealizado o cenário e as companhias que encontraria por lá antes mesmo de chegar ao local — onde viveria de forma intermitente até 2005. E não se decepcionou. Sem delongas, logo se misturou à elite artística americana da época, fez amizades notórias como as de Andy Warhol e

Billy Wilder e viveu livremente como homem gay. Apaixonou-se e teve o coração partido após conhecer outro artista, Peter Schlesinger, de 18 anos. Com a ferida amorosa ainda aberta, pintou a mais famosa das obras dedicadas aos corpos d'água, que fez entre 1971 e 1972: *Retrato de um Artista (Piscina com Duas Figuras),* na qual o amante é visto encarando um homem submerso.

Colorida pela tinta acrílica vibrante típica, a obra equilibra seus dotes da pintura figurativa com o quê materialista da pop art e se tornou uma das imagens mais influentes do século XX. Em 2018, foi leiloada por 90,3 milhões de dólares e bateu o recorde do valor pago pelo trabalho de um artista vivo. Em 2025, a emblemática tela poderá ser vista pelo público que visitar a mostra ***David Hockney 25*** — a mais abrangente dos setenta anos de carreira do mestre —, que ocupa a Fundação Louis Vuitton, em Paris, até o dia 31 de agosto.

Composta de mais de 400 obras feitas entre 1955 e 2025, a exposição agrega telas, fotografias, ilustrações e projetos de cenografia realizados pelo artista de 87 anos, um perfeito dândi britânico que jamais se prendeu a uma temática ou formato. No último andar, uma série de reproduções ilumina as referências do pintor — profundo estudioso da história da arte, ele bebe de Van Gogh, Paul Cézanne, Claude Lorrain, Fra Angelico e, principalmente, Pablo Picasso.

Hockney não emula o cubismo do espanhol, mas compartilha a crença de que reproduzir feições não é tarefa simples


THOMAS COEX/AFP

FIGURATIVO Hockey hoje: um pintor que disse não ao rei e à rainha

ou direta. Para realmente saber a aparência do modelo, ele exige conhecê-lo intimamente e, por isso, apenas retrata amigos. O critério fez com que seu repertório contasse com diversos rostos notórios da boemia setentista, à maneira das polaroids de Warhol. Posaram para ele a drag queen Divine, o escritor Christopher Isherwood, o retratista Don Bachardy e a designer Celia Birtwell, entre outros. Em 2023, pintou o pop star Harry Styles, mas não sabe dizer se o conhecia o suficiente. “Todos são diferentes e, como as folhas de uma ár-

vore, caem de pouco em pouco", explica. Por esse motivo, em certa ocasião se recusou a retratar a rainha Elizabeth II. Dias atrás, recebeu visita do filho dela, ninguém menos do que o rei Charles III — e também desconversou sobre retratá-lo.

Um dos poucos sobreviventes de seu tempo, Hockney sente o peso do passado, mas não é saudosista. Já disse saber que viveu durante "a era mais livre da história", ainda que reconheça que aquele tempo se foi: "Por isso me tranquei em uma casa na Normandia, onde posso fumar e fazer o que quiser". Lá, vive com o parceiro, Jean-Pierre Gonçalves de Lima, e tem se dedicado principalmente a paisagens ilustradas em iPad desde 2010, destacadas em telas na Fundação Louis Vuitton. Agora, contudo, Hockney já deixou de lado o frisson digital e retomou a produção feita à mão com tinta acrílica. Dentro dele, permanece a liberdade dos anos 1970: "Podem debater sobre o passado quanto quiserem, eu só sigo para a próxima coisa", afirma. Com tantas histórias, o artista traduz sua sabedoria num dos quadros mais recentes, *Depois de Blake: Menos Se Sabe do que Se Pensa* (2024), cujo canto inferior proclama: "É o agora que é eterno". O dândi mergulhou fundo na vida – e na arte. ■



WALCYR CARRASCO

AMIGOS CALOTEIROS

De correntes virtuais a pedidos de doação, é duro salvar o bolso

MEU PAI CONTAVA que houve um tempo em que fio de bigode era documento. Garantia o negócio. Se isso existiu, desapareceu junto com os dinossauros. Hoje, um negócio apenas apalavrado é mera intenção. E olha lá. Somos criados com crenças que a vida destrói. Há alguns meses, um amigo me ligou desesperado. Estava endividado e o credor até ameaçara partir para a violência. Garantiu que em breve teria liquidez, pois estava vendendo sua empresa. Emprestei. Meses depois, ele não pagou. Ameacei processar. A resposta: ele tinha tantos processos que um a mais "tanto faz". Ou seja: não estava nem aí. Nunca recebi, nem mais o vi. Fiquei chocado. Como alguém que pede salvação, em uma situação de risco, depois não dá nem um oi? Mais uma vez aprendi: aquele ditado segundo o qual ao emprestar perde-se o amigo e o dinheiro está certo.

Quando eu era menino, meu pai sofreu dificuldade devido ao calote de um sócio. Passamos maus bocados. Ele mesmo nunca quis ser caloteiro, e vendeu o que tínhamos para não ter o "nome sujo". Hoje em dia, nem se entende muito bem o conceito de "nome sujo". Dá-se um calote aqui, outro



ali, os amigos se afastam, logo o devedor arruma outros e, no final, o sujeito deve para mais gente ainda. A palavra dada não tem mais o sentido de antigamente. Já cansei de ver funcionárias minhas chorando porque emprestaram o cartão de crédito para uma amiga fazer compras. A amiga não paga e, quando elas descobrem, estão com uma dívida inesperada. “Nome sujo.” Muita gente pode achar bobagem essa história de “nome sujo”. Mas quem tem sabe o drama que é. Não se consegue fazer crediário, o banco bloqueia o cartão...e por aí vai. Um amigo emprestou o nome para a namorada comprar um carro. Quando viu, estava no vermelho no banco. E o carro? Foi levado pela dívida, mas não cobriu o total, e vieram juros etc... Eu comentei com ele: se ela perdeu o próprio nome, por que não perderia o seu?

Essa prática de emprestar o nome para o outro gastar é uma das mais perigosas que há. O devedor frequentemente

“Para muita gente, a amizade é investimento. Na primeira chance, a pessoa não paga. E adeus, amizade”

perde a amizade mas não paga. O dono do nome que se vire. No caso do meu amigo, perdeu também a namorada, que até se ofendeu com as cobranças. Quando recebo um pedido de empréstimo, vou pela lógica: perderei o amigo quando ele não pagar. Então, o melhor é não perder o dinheiro. Digo logo que não, e a vida continua.

Já recebi muitos pedidos de empréstimo. Nos últimos tempos, são mais pedidos de doação, sem disfarce. Há correntes na internet para pagar operações, montagens de espetáculos... os mais variados temas. Meu primeiro gesto é querer ajudar. Depois descubro que o suposto produtor costuma dar o golpe e as peças nem são apresentadas, que o suposto doente está vendendo saúde etc., etc. Outro dia abri o celular e havia cinco pedidos de empréstimo!

Para muita gente, a amizade é investimento. Na primeira oportunidade, a pessoa não paga a dívida. E a amizade? Adeus, porque ela realmente nunca existiu. ■



APPLE TV+

AÇÃO REAL *Tempo de Guerra:* batalhão americano luta para sobreviver a emboscada no Iraque

CINEMA

TEMPO DE GUERRA

***(Warfare,* Estados Unidos, 2025. Em cartaz a partir de quinta-feira 17)**

O diretor Alex Garland e o ex-fuzileiro Ray Mendoza se conheceram durante as filmagens de *Guerra Civil*. Contratado para dar realismo às cenas de ação do longa, Mendoza deixou o set querendo contar outra história. Desta vez real: da parceria entre ele e Garland nasceu *Tempo de Guerra,* que recompõe com precisão impactante uma missão que Mendoza enfrentou na Guerra do Iraque. No enredo, um batalhão sofre uma emboscada e precisa sobreviver a um intenso ataque inimigo. Sem mais explicações, o espectador é jogado no meio da ação. O resultado é uma experiência imersiva acachapante, na qual os jovens atores D'Pharaoh Woon-A-Tai, Cosmo Jarvis e Kit Connor protagonizam a sequência de combates vividos por aquele grupo de soldados.

TELEVISÃO

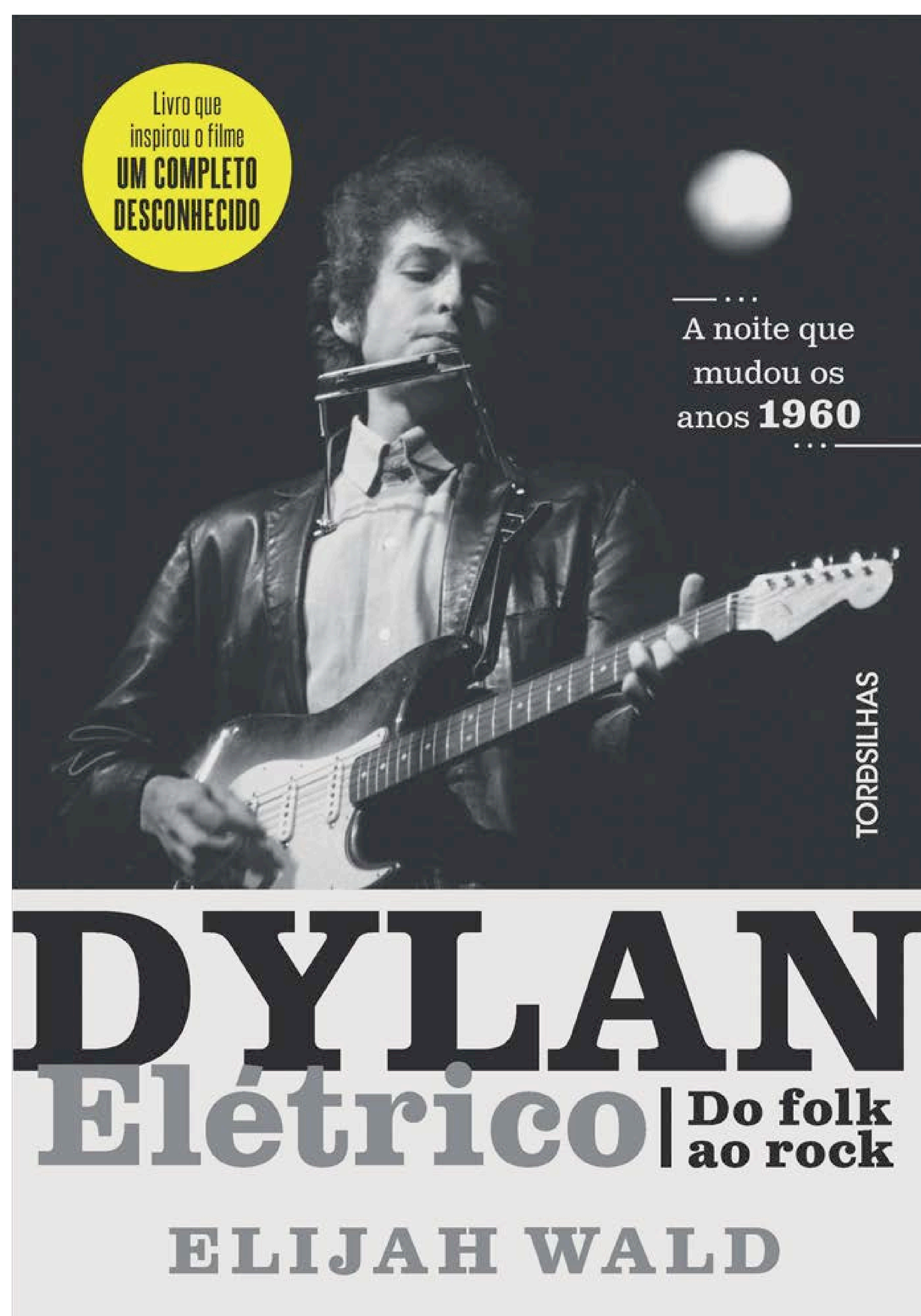
BLACK MIRROR – SÉTIMA TEMPORADA **(disponível na Netflix)**



NICK WALL/NETFLIX

FUTURISMO POP *Black Mirror:* série visionária chega à sua sétima temporada

Lançada em 2011, *Black Mirror* converteu-se em clássico contemporâneo ao projetar um mundo onde a tecnologia se mescla à vida humana da forma mais perturbadora e diversa possível. A sétima temporada da antologia de Charlie Brooker mostra que a receita magnética de seu criador segue surpreendendo mesmo num momento em que a inteligência artificial e o turismo espacial já são parte da realidade. Entre episódios tocantes e engraçados, a série vai da história de um assassino conectado a um game dos anos 1990, em *Plaything,* à aposta na sequência de uma cultuada trama anterior, com *USS Callister: Into Infinity.*

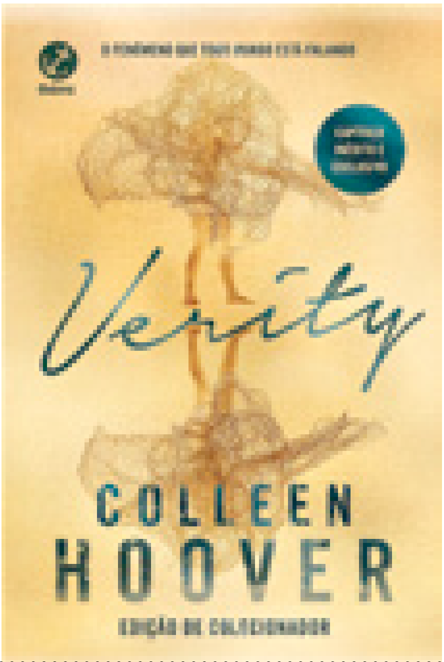


LIVRO

DYLAN ELÉTRICO: DO FOLK AO ROCK**, de Elijah Wald (tradução de Christiano Sensi; Tordesilhas; 320 páginas; R$ 74,90 e R$ 52,40 em e-book)**

Lançado em 2015, o livro que inspirou o filme *Um Completo Desconhecido,* com Timothée Chalamet na pele do cantor e que recebeu oito indicações ao Oscar, relata os primeiros anos da vida de Bob Dylan e os bastidores da histórica vaia que ele recebeu em julho de 1965, durante o Newport Folk Festival. Escrita pelo biógrafo e músico de blues Elijah Wald, a obra se aprofunda nas razões que levaram Dylan a "eletrificar" sua música e narra a gênese do primeiro e único músico a ganhar o Nobel de Literatura. ■

FICÇÃO



1 **VERITY**
Colleen Hoover [1 | 152#] GALERA RECORD

2 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [2 | 43#] ARQUEIRO

3 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [4 | 124#] RECORD

4 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [3 | 9#] COMPANHIA DAS LETRAS

5 **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [8 | 43#] RECORD

6 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [5 | 138#] BERTRAND BRASIL

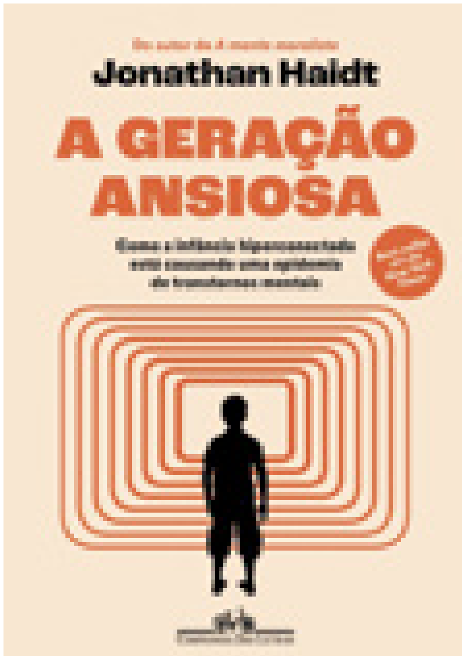
7 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [0 | 8#] RECORD

8 **A CONTAGEM DOS SONHOS**
Chimamanda Ngozi Adichie [9 | 2] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **A CABEÇA DO SANTO**
Socorro Acioli [0 | 4#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **NO FUNDO É AMOR**
Ali Hazelwood [10 | 3#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [2 | 25#] COMPANHIA DAS LETRAS

2 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 26#] ALFAGUARA

3 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [7 | 80#] VESTÍGIO

4 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [4 | 86#] VÁRIAS EDITORAS

5 **A ARTE DA GUERRA**
Sun Tzu [0 | 133#] VÁRIAS EDITORAS

6 **VIOLET FAZ A PONTE SOBRE A GRAMA**
Lana del Rey [0 | 1] BELAS LETRAS

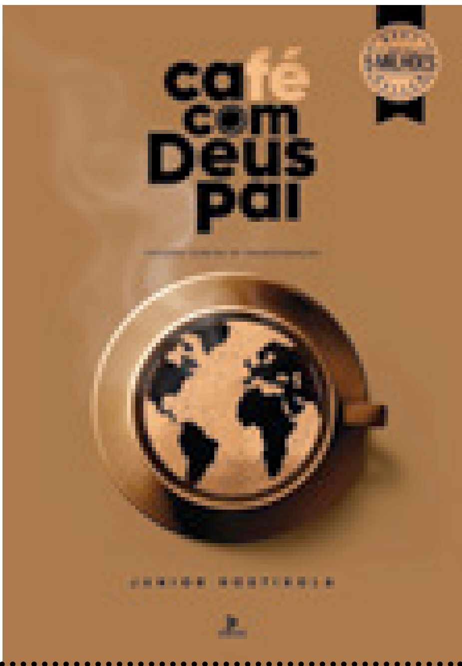
7 **O SENTIDO DAS ÁGUAS**
Drauzio Varella [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [3 | 25#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **O CÉREBRO E A MENOPAUSA**
Lisa Mosconi [6 | 4#] HARPERCOLLINS BRASIL

10 **EU, MINHA ARMA E O ALVO**
Nathalia Alvitos e André Moragas [0 | 1] ROCCO

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 26] VÉLOS

2 **O HOMEM QUE COMPROU O TEMPO**
Thiago Nigro [0 | 1] CITADEL

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [4 | 57#] ROCCO

4 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [5 | 155#] SEXTANTE

5 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 90#] ALTA LIFE

6 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 203#] HARPERCOLLINS BRASIL

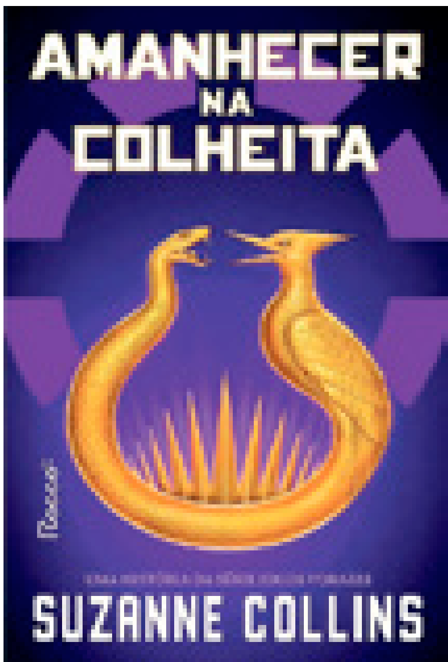
7 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [6 | 74#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [10 | 18#] SEXTANTE

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [3 | 477#] SEXTANTE

10 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [0 | 268#] CITADEL

INFANTOJUVENIL



1 **AMANHECER NA COLHEITA**
Suzanne Collins [1 | 3] ROCCO

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [3 | 460#] VÁRIAS EDITORAS

3 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [6 | 42#] INTRÍNSECA

4 **MAXTON HALL: SALVE-ME**
Mona Kasten e Karoline Melo [0 | 1] ALT

5 **QUERO ME PEDIR DESCULPAS POR TODA VEZ QUE ME CULPEI QUANDO NÃO ERA MINHA CULPA**
Iandê Albuquerque [0 | 1] PLANETA

6 **ASAS RELUZENTES**
Allison Saft [4 | 5] UNIVERSO DOS LIVROS

7 **UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO**
Mih Tanino [2 | 2] MAQUINARIA EDITORIAL

8 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [0 | 35#] OUTRO PLANETA

9 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 47#] VR

10 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 457#] ROCC

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo /** Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes



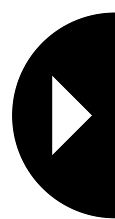
JOSÉ CASADO

IRONIAS

DONALD TRUMP converteu o comércio mundial em arma de destruição de riqueza. É irônico que um empresário da elite nova-iorquina convença seu país a apostar no elixir do Estado hiperativo e protecionista para reanimar o "espírito animal" do capitalismo americano.

É notável o sarcasmo embutido na reação do maior competidor dos Estados Unidos. A China comunista ergueu uma muralha global para defender o sistema de livre comércio, base da teoria do liberalismo lapidada pelo economista escocês Adam Smith há 250 anos. O renascimento da China é recente pelo padrão ocidental. Na perspectiva da potência asiática, o tempo é diferente: por conveniência, até a Revolução Francesa pode ser entendida como moderna demais para avaliações.

Em 1989, enquanto a Rússia soviética desmoronava, a China comunista começava um ciclo de crescimento com a economia absolutamente controlada pelo Estado. O Brasil celebrava sua primeira eleição presidencial direta depois de 21 longos anos de ditadura. Luiz Inácio Lula da Silva estreava como candidato do Partido dos Trabalhadores, um reduto de frações da esquerda que aparentavam mais incômodo com o



eco do triunfo da democracia liberal do que com as causas e sequelas do desabamento do império comunista.

Lula se destacava entre 22 candidatos com o projeto de um Estado mais hiperativo e protecionista numa economia que já era fechada e cuja indústria adernava por falta de fôlego tecnológico. Resquícios da recém-falida matriz de planificação soviética permeavam a proposta de governo que previa, literalmente, o "controle das atividades" de empresas nacionais e estrangeiras — desde as importações de insumos à formação de preços ao consumidor. E advertia: o governo poderia "recorrer à centralização do câmbio e do comércio exterior".

Somente maliciosos dariam realce a aspectos da identidade de Lula e Trump, que por sinal se detestam. Malícia faz parte do jogo político e, no Congresso, há quem veja coincidências na essência de algumas ideias, como no respaldo à nostalgia imperial de Vladimir Putin com seu expansionismo na Ucrânia.

As divergências, no entanto, começam a sobressair nessa guerra comercial global deflagrada por Trump. No governo brasileiro, assim como no PT, não se nega simpatia pelas ofertas alternativas apresentadas por Pequim, mas refuta-se a possibilidade de uma escolha, ao menos de forma explícita. O tarifaço dos EUA está ajudando a desinibir conversas sobre associações industriais e de infraestrutura em direção a portos do Pacífico, do tipo que Brasília gosta de chamar de "estratégicas". Podem ser definidas em semanas.

Haverá, também, ênfase na rota da discreta parceria com o governo chinês em múltiplos fóruns, especialmente no bloco

“Trump aposta no Estado hiperativo para reanimar o ‘espírito animal’”

de países conhecido como Brics, idealizado como ONU paralela e sem integrantes com visível poder de veto. No mapa do Planalto, isso tende a facilitar acordos com países asiáticos. Em paralelo, o governo brasileiro sonda alianças regionais. Revigorar o Mercosul, no momento, depende mais do interesse da União Europeia em acelerar o acordo de comércio fechado depois de duas décadas de negociações.

Mais recente é a ideia de ressuscitar a União de Nações Sul-americanas (Unasul). Há três décadas o Itamaraty desenha uma “comunidade” de países da América do Sul. Em 2003, Lula viu a oportunidade de transformar a iniciativa num contraponto regional à primazia dos Estados Unidos na Organização dos Estados Americanos. Esse viés anti-EUA embalou ambições de liderança de Lula, Hugo Chávez (Venezuela) e Néstor Kirchner (Argentina). Chávez e Kirchner, porém, enlevaram-se no vislumbre da chance histórica de mitigar o poder regional do Brasil — dono de metade do território, da população e do produto interno bruto (PIB) da América do Sul.

Quando um dos arquitetos da ideia, o então chanceler Celso Amorim, hoje assessor de Lula, apresentou a proposta da Unasul, o coronel Chávez retrucou com a sutileza da lâmina de baioneta: “O que vocês estão propondo é uma ‘Alquita’” — ironia sobre uma versão menor, regionalizada, da proposta americana para criação de uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Chávez, Lula e Kirchner haviam combinado sepultar a Alca como símbolo do imperialismo ianque.

Vinte e dois anos depois, Lula pôs na mesa o resgate da Unasul, como modelo para acordos comerciais regionais. A velha “Alquita” nunca chegou a funcionar, mas construiu duas sedes: uma no Equador, destinada à burocracia central, e a outra na Bolívia, para o Parlamento Sul-Americano. Elas custaram 200 milhões de dólares — 38% pagos pelos brasileiros. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma & life mix

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.







APROVEITE AGORA!



/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional



NO NOSSO ANIVERSÁRIO DE 100 ANOS, ESTAMOS LANÇANDO A PRIMEIRA RESERVA SOLAR DA HISTÓRIA.

EM UMA DAS PRAIAS COM MAIS SOMBRAS DE PRÉDIOS, TOMAMOS POSSE DO ESPAÇO AÉREO DE UM TERRENO À BEIRA-MAR PARA GARANTIR QUE NADA SEJA CONSTRUÍDO NELE E BLOQUEIE O SOL.

INSPIRADOS NAS RESERVAS FLORESTAIS E MARINHAS, CRIAMOS ESSE NOVO CONCEITO DE PRESERVAÇÃO.

QUE VENHAM MAIS 100 ANOS DE HISTÓRIA COM MAIS ANOS DE SOL NAS NOSSAS PRAIAS.

CORONACERVEJA.COM.BR/SUNRESERVE



ESTA É A PRIMEIRA
RESERVA SOLAR DA HISTÓRIA

BEBA COM MODERAÇÃO.